



100 ANOS DE PAULO FREIRE...

DA LEITURA DE MUNDO À EMANCIPAÇÃO DOS POVOS

volume 2



Maria Aparecida Vieira de Melo
Maria Erivalda dos Santos Torres
(Orgs.)

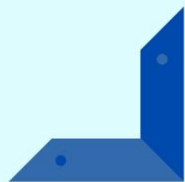


editora

CENTRO

PAULO FREIRE

ESTUDOS E PESQUISAS



**100 ANOS DE PAULO FREIRE...
DA LEITURA DE MUNDO À EMANCIPAÇÃO DOS POVOS**

Vol. 2

**100 ANOS DE PAULO FREIRE...
DA LEITURA DE MUNDO À EMANCIPAÇÃO DOS POVOS**

Vol. 2

Organizadoras:
**MARIA APARECIDA VIEIRA DE MELO
MARIA ERIVALDA DOS SANTOS TORRES**

**Editora do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Recife/PE
2022**

Produzido por:

Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro de Educação (CE), Recife, Pernambuco, Brasil.

CEP: 50740-530

<https://www.centropaulofreire.com.br/>

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Diagramação: Ricardo Santos de Almeida

Capa: Canva.com

Imagens: As imagens são de arquivos pessoais dos autores e de bancos virtuais gratuitos.

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

XI Colóquio Internacional Paulo Freire (11. : 2021 : on-line)
100 anos de Paulo Freire-- [livro eletrônico] : da leitura de mundo à emancipação dos povos / organizadoras Maria Aparecida Vieira de Melo, Maria Erivalda dos Santos Torres. -- Recife, PE : Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas, 2022.
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87824-10-9

1. Educação - Finalidade e objetivos
2. Educadores - Biografia 3. Freire, Paulo, 1921-1997 - Crítica e interpretação 4. Pedagogia - Brasil - História I. Melo, Maria Aparecida Vieira de. II. Torres, Maria Erivalda dos Santos. III. Título.

22-108345

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Freire, Paulo : Pedagogia : Educação 370.1

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Copyright © 2022. O livro pode ser baixado gratuitamente em formato digital de qualquer lugar do mundo entrando na página www.centropaulofreire.com.br/e-books/digitais.

2022. Escrito e produzido no Brasil.

CONSELHO EDITORIAL
CENTRO PAULO FREIRE – ESTUDOS E PESQUISAS

| | |
|-----------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Agostinho da Silva Rosas | UPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |
| Ana Paula de Abreu Costa de Moura | UFRJ e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |
| Ana Maria Saul | PUC/SP e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |
| Eliete Correia dos Santos | UEPB – Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |
| Inés María Fernández Mouján | Cátedra Paulo Freire, Universidad Nacional de Mar del Plata, Centro de Investigaciones y Estudios en Teoría Poscolonial, Universidad Nacional de Rosario, Argentina e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |
| Inez Maria Fornari de Souza | Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |
| Joaquim Luís Medeiros Alcoforado | Universidade de Coimbra/Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |
| Luiza Cortesão | Professora Emérita da Universidade do Porto, Presidente do Instituto Paulo Freire de Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |
| Maria Aparecida Vieira de Melo | UFRN e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |
| Maria Fernanda dos Santos Alencar | UFPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |
| Mírian Patrícia Burgos | Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e Instituto Paulo Freire de Portugal |
| Ricardo Santos de Almeida | IFAL, UFAL/NUAGRÁRIO, Prefeitura Municipal de Porto Calvo/AL e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas |

Dedicamos este livro a todas as educadoras e educadores que
lutam e acreditam em um mundo mais justo.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Maria Aparecida Vieira de Melo: Doutora em Educação pela UFPB (2020). Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ (2015). Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010). Especialista em: Psicopedagogia (2012); Gestão Pedagógica (2013); Educação em direitos humanos (2014), Educação do campo (2015), História e cultura dos povos indígenas (2015), Tecnologias e artes (2019). Atualmente é Diretora Pedagógica do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas, Recife/PE. Líder do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN), Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais da Universidade Federal de Alagoas (NUAGRÁRIO/UFAL), Pesquisadora do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE/UFRN), e do Grupo de Estudo e Pesquisas Discursos e Imagem Visual em Educação (GEPDIVE/UFPB). Interesses em: Educação do campo, educação popular, movimentos sociais, processos educativos, interdisciplinaridade. Formação de professores. Gestão pedagógica e Políticas educacionais. Livros didáticos. EJA. Transdisciplinaridade. Estágio supervisionado. EAD. Análise Arqueológica do Discurso (AAD). Pedagogia Social.

E-mail: m_aparecida_v_melo@hotmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6705733173478276>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6288-9405>.

Maria Erivalda dos Santos Torres: Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (1997) e graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (1988). Coordenou o Fórum Estadual de EJA/PE e o Fórum Regional do Agreste Centro Norte. Atualmente é Presidente do Centro Paulo Freire - Estudos e

Pesquisas, Recife/PE. Tem experiência na área de Educação,
com ênfase em Administração de Unidades Educativas.

E-mail: erivaldatorres@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5577041654762304>

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| PREFÁCIO | 12 |
| UM CONVITE PARA LER ESTUDOS E PESQUISAS QUE ATUALIZAM E CONCRETIZAM O LEGADO EDUCACIONAL FREIREANO Walter Omar Kohan | |
| APRESENTAÇÃO | 17 |
| OS ESCRITOS EM MOVIMENTO ITINERANTE E CONECTIVO DE PAULO FREIRE Maria Aparecida Vieira de Melo Maria Erivalda dos Santos Torres | |
| EIXO 3 - SUSTENTABILIDADE SOCIOAMBIENTAL | 22 |
| A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO, A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O BEM VIVER EM DIÁLOGO Vinícius Lima Lousada Márcia Madeira Malta Felipe Mascarenhas | 23 |
| EIXO 4 - DIREITOS HUMANOS, CULTURA DA PAZ E TECNOLOGIAS EMANCIPADORAS | 41 |
| CARACTERÍSTICAS E TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE DIREITOS HUMANOS, CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES (2007-2017) Maria Aparecida Vieira de Melo Jefferson da Silva Moreira Camila Mirella Barbosa Raia de Oliveira | 42 |

| | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| LAS POSIBILIDADES DEL INÉDITO VIABLE PARA UNA CULTURA DE PAZ, EXPERIENCIAS DE RESISTENCIA EN MÉXICO Y BRASIL | 64 |
| Zulma Vianey Amador Rodríguez Gialuanna Enkra Ayora Vázquez Karla Fornari de Souza | |
| EIXO 5 - FORMAÇÃO, ÉTICA, POLÍTICA E JUVENTUDE | 84 |
| A SOBRA DO PASSADO: COTAS E EMANCIPAÇÃO NO OLHAR FREIREANO | 85 |
| Cícera Maria do Nascimento Ranuzia Vieira de Melo Rafael Bezerra da Silva Farias | |
| EIXO 7 - FORMAÇÃO DAS PESSOAS TRABALHADORAS DA EDUCAÇÃO E PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM | 118 |
| "A INTERNET TRAVOU, A AULA CAIU": EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA EM TEMPOS PANDÊMICOS | 119 |
| Diogivânia Maria da Silva Débora Cavalcanti Fernanda Sardelich Nascimento | |
| CARTAS AO CENTENÁRIO DE PAULO FREIRE: EXPERIÊNCIA FORMATIVA E FORMADORA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA | 131 |
| Beatriz Cassia da Silva Jane Leonilda do Nascimento Cavalcanti Maria José Alves de Souza Santos | |

EIXO 8 - CURRÍCULO, DIDÁTICA E PRÁTICA PEDAGÓGICA NA PERSPECTIVA DA INTERCULTURALIDADE 154

A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: OS ASPECTOS CURRICULARES E DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS SOB A ÓTICA DE PAULO FREIRE 155
Maria Aparecida Vieira de Melo (UFRN)
Sara Ingrid Borba (UFPB)
Maria Aparecida Cruz (IFPE)

EIXO 9 - ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO COMO PRÁTICAS EMANCIPATÓRIAS 175

ACESSO À VIDA, OBRA E LEGADO DE PAULO FREIRE NA WEB: RELATOS DE PRÁTICA 176
Elane Silvino da Silva
Maria Aline da Silva
Maria Isa Basto Ferreira
Anderson Fernandes de Alencar

EIXO 10 - EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE 197

A ESCUTA ATIVA E A SAÚDE EMOCIONAL DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO EM CENÁRIO PANDÊMICO: ESCUTA E DIÁLOGOS A PARTIR DE FREIRE 198
Anair Silva Lins e Mello
Evanilson Alves de Sá
Vera Lucia Braga de Moura

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

PREFÁCIO
UM CONVITE PARA LER ESTUDOS E PESQUISAS QUE
ATUALIZAM E CONCRETIZAM O LEGADO
EDUCACIONAL FREIREANO

Estamos todos atarefados, cansados, demolidos por um ano de 2021 que foi de uma dureza singular, pelo menos nestas terras. A professora, colega e amiga, ou amiga e colega, já que a amizade está primeira de tudo, Maria Aparecida Vieira de Melo, Diretora Pedagógica do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e agradeço a confiança de Maria Erivalda dos Santos Torres, Presidenta do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas, sempre a nos inspirar, motivando-nos caminho e sempre estou a freirear. Ambas muito bem como não nos poderíamos negar a escrever um prefácio para o *e-book* dos textos das mesas vivenciadas no XI Colóquio Internacional Paulo Freire, organizado pelo próprio Centro, em setembro de 2021: a professora Maria Aparecida criou e me enviou um cordel e perante um cordel pertinente não há como ficar indiferente:

Olá, menino andarilho!
Vim aqui te convidar
Pra juntos a gente
Uma obra prefaciá
O Colóquio pra docente
Muito bonito vai ficar

Gostaria então saber
Se você assim vai acolher
Os trabalhos a nortear
Freireano a enaltecer
E assim prefaciá
O que nos dará muito prazer!

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Cordelista arretada, Maria Aparecida, convida-me a prefaciá-la para boniteza outorgar... Se dirige a um menino andarilho que acaba de retornar de viagem pelo Nordeste e ainda está comovido com o tamanho dessa terra que é, na verdade, um mundo. Ou muitos mundos. De muitas cores. Com muitos sentires. Um mundo cheio de perguntas e de sonhos.

Como o convite amigo é quase impossível de recusar, o menino começa a escrever. Busca os textos das mesas. E eis o que encontra. São 10 mesas. Número perfeito. Será um Colóquio perfeito? Existe um colóquio perfeito? Talvez não, mas encontramos bastantes coisas que certamente os leitores e leitoras saberão saborear.

Será um prefácio perfeito? Certamente não, mas eis algumas das coisas que encontramos e que poderão ser lidas com cuidado e detalhe no *e-book* que já estamos prefaciando (juntamos algumas mesas pela sua afinidade, de modo que os encontros não coincidem em número e ordem com os textos das mesas apresentados; confiamos, contudo, que a seguinte descrição alcança, a modo de síntese, todas as mesas apresentadas no XI Colóquio Internacional Paulo Freire; afinal isso também faz parte da escrita de um prefácio: reunir, misturar, combinar, aliar, ressignificar e, já que estamos num Colóquio Paulo Freireano, reinventar. De modo que segue uma organização conceitual do que certamente aparecerá mais variado e enriquecido nos textos que compõem o presente livro:

- A produção digital de mais de duzentos (sim, 200!) diários de quarentena, escritos por estudantes do ensino superior de numa instituição privada do Agreste Pernambucano, bem como uma análise desses diários com o marco teórico oferecido pela hermenêutica do sujeito;

- Um Projeto - Bem Querer – através do qual a Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco implementa ações pedagógicas para fortalecer, entre os educadoras e estudantes, as chamadas competências socioemocionais que

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

tantas vezes são desvalorizadas frente as competências consideradas cognitivas;

- Uma reivindicação da reparação histórica exigida para que as populações historicamente excluídas da universidade tenham seu direito de ingresso e permanência assegurado com destaque para as lutas em favor de políticas públicas que possibilitem esse acesso e estabilidade nas instituições públicas de ensino superior;

- Diálogos entre as perspectivas de diversos textos de Paulo Freire – como a *Pedagogia do Oprimido* ou a *Pedagogia da autonomia*, com marcos teóricos contemporâneos como, por exemplo, a Educação Ambiental, a Decoloniadade, a interculturalidade e o Bem Viver. No conjunto das coisas ditas e escritas, a obra e a vida de Paulo Freire dialoga e se expande para pensar a contemporaneidade.

- Cinco iniciativas desenvolvidas em parceria entre a Universidade Federal do Agreste de Pernambuco e o Instituto Paulo Freire – SP para promover e resguardar o legado de Paulo Freire. Essas iniciativas estão atualmente ativas e são: o "Glossário Audiovisual do Educador Paulo Freire", o "Memorial Virtual e Acervo Paulo Freire", o "Grupo de Estudos e Pesquisas em Paulo Freire", o aplicativo de mapeamento da Comunidade Freiriana e o site do centenário em comemoração aos 100 anos de Paulo Freire.

- Um estudo que reafirma o valor de uma educação freireana como um antídoto e ao mesmo tempo uma preparação a cultura destrutiva e antidemocrática das *fake news* que atinge pessoas e instituições, tergiversando a realidade em prol de interesses autoritários e regressivos, favorecendo um retrocesso em todos os campos da realidade social brasileira;

- Uma escrita que reafirma a metodologia do círculo de cultura como procedimento metodológico-político em vistas da reafirmação da democracia e os direitos das minorias, tais como fora defendidos por Paulo Freire;

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

- Um diálogo entre Brasil e México que aposta na construção de uma Cultura da Paz, através da nomeação, visibilidade e troca de experiências de aprendizagem que possibilitam o surgimento do inédito viável freiriano. Este diálogo coloca em prática formas de **bom viver** arraigadas na ancestralidade dos povos de nossa terra, Abya Yala e ajudam a materializar em nosso tempo ideias educativas de Paulo Freire.

- Uma política formadora e formativa para a Educação de Jovens e Adultos, ancoradas nos princípios de uma pedagogia freireana sensível à prática docente, à gestão escolar; à coordenação das bibliotecas e ao protagonismo estudantil: o projeto ler, escolher e compartilhar para dar voz leitora aos estudantes jovens e adultos em busca de recuperar seu tempo educacional roubado. Inclui diversos aspectos didáticos, pedagógicos; estratégias interdisciplinares, envolvendo diferentes atores da escola e tecnologias necessárias; gêneros de escrita como a carta que resgata a autoestima e reconhecimento do outro.

Assim, apresentados os textos que compõem o e-book, quais pessoas das que chegaram até aqui vai poder parar a leitura logo terminado este prefácio sem se adentrar nesse tentador coquetel de escritas freireanas para pensar nosso presente educacional e resistir o momento de tremendo retrocesso que estamos vivendo no Brasil? Quem se atreverá a parar de ler perante a promessa de textos que nos ajudem a encontrar novos sentidos a nossas práticas e projetos presentes? A final, quem deseja compartilhar comigo uma percepção: a de que em tempos tão retrógados como os que vivemos é mais do que nunca necessário continuar perguntando e sonhando? Quem anseia compartilhar perguntas e sonhos? Viajamos juntos nas escritas por vir? O convite nascido de um convite está feito e de aqui em mais, como sempre, a palavra é da leitura, é

100 ANOS DE PAULO FREIRE...
DA LEITURA DE MUNDO À EMANCIPAÇÃO DOS POVOS
VOLUME 2

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

das perguntas e dos sonhos que nossas leituras se atrevam a encontrar. Bons encontros, leitoras e leitores queridos!

Walter Omar Kohan
Rio de Janeiro, dezembro de 2021.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

APRESENTAÇÃO

OS ESCRITOS EM MOVIMENTO ITINERANTE E CONECTIVO DE PAULO FREIRE

Maria Aparecida Vieira de Melo¹
Maria Erivalda dos Santos Torres²

Não apenas estamos sendo e temos sido seres inacabados, mas nos tornamos capazes de nos saber inacabados, tanto quanto nos foi possível saber que sabíamos o saber que não sabíamos ou saber que poderíamos saber melhor o que já sabíamos ou produzir novo saber. E é exatamente porque nos tornamos capazes de nos saber inacabados que se abre para nós a possibilidade de nos inserir numa permanente busca (FREIRE, 2013, p. 31).

É movido pela permanente busca que o Centro Paulo Freire-estudos e pesquisas realizou a XI edição do Colóquio Internacional Paulo Freire 100 anos – da leitura de mundo a emancipação dos povos, contou com o *modus operandi* diferente. Sim! Nos encontramos enlaçados nas redes da virtualidade e tecemos muitos diálogos.

Salientamos que vivenciamos mesas de diálogos, comunicações orais, lançamento de livros e muitos momentos culturais que consubstanciaram a mística de cada mesa, de cada comunicação e de cada lançamento de livro. Experimentamos um momento efervescente que nos possibilitou

¹Professora do departamento de educação da UFRN/CERES. Diretora pedagógica do Centro Paulo Freire – estudos e pesquisas. Líder do grupo de estudos e pesquisas da educação em Paulo Freire. Coordenadora do curso de licenciatura em pedagogia pela UABTEC/UFRPE.

²Presidenta do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas. Professora aposentada. Coordenadora do Fórum Regional da Educação de Jovens e Adultos.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

reinventar Paulo Freire. Primeiramente, realizamos 15 pré-colóquios, movimento que fortaleceu ainda mais o próprio Colóquio Internacional Paulo Freire, corroborando com 4 dias de um movimento itinerante, místico, encantador e dialógico, oportuno para vivificar ainda mais o legado de Paulo Freire, a ponto de no trabalho remoto, vivenciarmos a unidade na diversidade.

É com este propósito que apresentamos o conjunto de coisas ditas e escritas nas mesas de diálogos. São dez textos enlaçados entre os 10 eixos que consubstanciam o desdobramento das categorias e conceitos freireanos. Em sendo assim, vamos arranjar os trabalhos em seus respectivos eixos e mesas de diálogos.

A mesa de diálogo do **Eixo 03 - Sustentabilidade Socioambiental**, teve como tema dialógico: **A Pedagogia do Oprimido, a Educação Ambiental e o Bem Viver em diálogo** de autoria dos professores/pesquisadores Vinícius Lima Lousada (IFRS), Márcia Madeira Malta e Felipe Mascarenhas (UFRGS). Abordaram a pedagogia do oprimido para discutir o bem viver de forma sustentável, dando ênfase a educação ambiental, combatendo, portanto, todas as formas de exploração da natureza.

A mesa de diálogo do **Eixo 04 - Direitos Humanos, Cultura da Paz e tecnologias emancipadoras** acolheu dois trabalhos: o primeiro - **Características e tendências da produção acadêmica sobre direitos humanos, currículo e formação de professores (2007-2017)** dos autores professores e pesquisadores: Maria Aparecida Vieira de Melo (UFRN), Jefferson da Silva Moreira (UNIFESP) e Camila Mirella Barbosa Raia de Oliveira. Neste trabalho tivemos como metodologia de pesquisa os círculos de cultura de Paulo Freire para a realização das pesquisas em formação de professores para a Educação em Direitos Humanos. O segundo - **Las posibilidades del inédito viable para una Cultura de Paz, experiencias de resistencia en**

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

México y Brasil da autoria dos professores/pesquisadores: Zulma Vianey Amador Rodríguez (Universidad Veracruzana), Gialuanna Enkra Ayora Vázquez e Karla Fornari de Souza. Eles teceram sobre a categoria da cultura de paz sob a ótica de Paulo Freire por meio do inédito viável, refletindo sobre a realidade brasileira e mexicana.

A mesa de diálogo do **Eixo 05 - Formação, Ética, Política e Juventude**, abordaram duas temáticas, a primeira sobre: **A sobra do passado: cotas e emancipação no olhar freireano** de autoria dos professores/pesquisadores e militantes: Cícera Maria do Nascimento (Fórum Municipal de Educação de Caruaru), Ranuzia Vieira de Melo (Coletivo a literatura também tem pele preta) e Rafael Bezerra da Silva Farias (Coletivo a literatura também tem pele preta). Eles abordaram sobre as cotas como chave para a promoção da equidade social no que tange a emergente necessidade de combater as desigualdades sociais de acesso e permanência dos estudantes negros nas universidades federais por meio do olhar freireano. A segunda foi **Paulo Freire no combate às fake news** de autoria dos professores/pesquisadores: Valdir Borges (PUCPR) e Juliano Peroza (IFPR). Nesta, o combate a Fake News por meio da pedagogia freireana foi veementemente combatida, pois esta tende a romper com a alienação e exclusão social que as mentiras favorecem a propagar democraticamente.

A mesa de diálogo do **Eixo 07- Formação das pessoas trabalhadoras da educação e processos de ensino e aprendizagem**, teve os seguintes trabalhos apresentados: **A internet travou, a aula caiu: Educação e Tecnologia em tempos pandêmicos** dos professores e pesquisadores Diogivania Maria da Silva (Cofundadora da Revoança), Débora Cavalcanti e Fernanda Sardelich Nascimento (UFPE). Dialogaram sobre as dificuldades da atualidade para o processo de ensino-aprendizagem; **Cartas ao centenário de Paulo Freire: experiência formativa e formadora na Educação de Jovens e**

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Adultos – EJA de autoria dos professores e pesquisadores: Beatriz Cassia da Silva (FAINTVISA), Jane Leonilda do Nascimento Cavalcanti (UFPE) e Maria José Alves de Souza Santos (FESV). Trataram das cartas pedagógicas como ferramentas didática para promoção de uma prática inclusiva socialmente para os sujeitos da educação de jovens e adultos.

A mesa de diálogo do **Eixo 08 - Currículo, didática e prática pedagógica na perspectiva da interculturalidade**, o tema trabalhado foi: **A educação na contemporaneidade: os aspectos curriculares e didático-pedagógicos sob a ótica de Paulo Freire** de autoria das professoras/pesquisadoras: Maria Aparecida Vieira de Melo (UFRN), Sara Ingrid Borba (UFPB) e Maria Aparecida Cruz (IFPE). Neste trabalho foram abordadas as categorias: interculturalidade, intercomunicação, interdisciplinaridade e intercambio como chaves para promoção de uma prática pedagógica autêntica no cotidiano do trabalho remoto.

A mesa de diálogo do **Eixo 09- Ensino, Pesquisa e Extensão como Práticas Emancipatórias** teve como temática trabalhada: **Acesso à vida, obra e legado de Paulo Freire na web: relatos de prática** de autoria dos professores/pesquisadores: Anderson Fernandes de Alencar (UFAPE), Elane Silvino da Silva (UFAPE), Maria Aline da Silva (UFAPE) e Maria Isa Basto Ferreira (UFAPE). Assim foi possível conhecer Paulo Freire por meio do acervo do seu memorial online. Possibilitando um aprofundamento epistêmico em sua vida, obra e legado, disponíveis na web.

A mesa de diálogo do **Eixo 10 - Educação Popular e Saúde** teve como temática: **A escuta ativa e a saúde emocional do profissional da educação em cenário pandêmico: escuta e diálogos a partir de Freire** de autoria dos professores/pesquisadores: Anair Silva Lins e Mello (SEEPE), Evanilson Alves de Sá (Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco) e Vera Lúcia Braga de Moura. Neste trabalho

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

dialogaram sobre a importância da escuta para a manutenção da saúde emocional do profissional de educação, devido a pandemia, e a escuta é uma categoria freireana que consubstancia o diálogo com a solidariedade, a generosidade e a educação emocional.

Destacamos os nossos agradecimentos a todos os mediadores e monitores das salas, que estiveram no exercício de coordenar a apresentação dos trabalhos. Deste modo, no conjunto das coisas ditas e escritas, temos muitos desdobramentos temáticos destes trabalhos apresentados que merecem ser lidos, consultados e refletidos, por isso, reiteramos o convite de leitura que o professor Walter Kohan nos fez no prefácio.

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. Organização e notas de Ana Maria Araújo Freire. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

EIXO 3



SUSTENTABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO, A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O BEM VIVER EM DIÁLOGO

Vinícius Lima Lousada³

Márcia Madeira Malta⁴

Felipe Mascarenhas⁵

RESUMO: A presente reflexão busca estabelecer um diálogo entre a perspectiva da Pedagogia do Oprimido, desenvolvida e presente enquanto práxis nos escritos e trajetória de Paulo Freire, com as contribuições possíveis da Educação Ambiental e do Bem Viver. Neste trabalho, os autores se dedicam a uma reflexão teórica marcada por suas trajetórias de trabalhadores que atuam na educação pública, enraizados no campo ambiental pela via da pesquisa acadêmica e engajamento pessoal e solidário. Procuramos, nesta proposta de práxis reflexiva compreender o contexto e o projeto político-pedagógico da Pedagogia do Oprimido, sua atualidade e a dialogicidade possível com o horizonte epistemológico da Educação Ambiental, especialmente a partir das contribuições da racionalidade ambiental, bem como as convergências com a perspectiva decolonial do Bem Viver, uma alternativa de ser e estar com o mundo para a humanidade que emerge da luta dos povos tradicionais e grupos populares que se apresenta

³Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Alvorada, Professor de Educação Básica, Técnica e Tecnológica, e-mail: vinicius.lousada@alvorada.ifrs.edu.br.

⁴Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Rio Grande, Professora de Educação Básica, Técnica e Tecnológica, e-mail: marcia.madeira@riogrande.ifrs.edu.br.

⁵Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Campus Litoral Norte, Relações Públicas, mestrando do Programa de Pós-graduação em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento (PPGDRD-UFRGS).

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

como um contraponto à racionalidade de desenvolvimento presente hegemonicamente no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia do Oprimido. Educação Ambiental. Bem Viver. Racionalidade Ambiental.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho que fundamenta esta mesa temática é uma proposta de diálogo possível desde a perspectiva da *Pedagogia do Oprimido*, desenvolvida e presente enquanto práxis nos escritos e trajetória de Paulo Freire, bem como pelos movimentos sociais populares e nas práticas educativas formais e não formais orientadas por uma ética da libertação, com as contribuições possíveis de uma Educação Ambiental (EA) crítica e pautada desde a racionalidade ambiental e pelo horizonte do Bem Viver como projeto societário.

Neste trabalho, enquanto educadores e pesquisadores⁶ que nos dedicamos a uma reflexão teórica marcada por nossas trajetórias de trabalhadores que atuamos na educação pública e nos situamos enraizados no campo ambiental pela via da pesquisa acadêmica e engajamento pessoal e solidário. Procuramos, nesta proposta de práxis reflexiva compreender o contexto e o projeto político-pedagógico da Pedagogia do Oprimido, sua atualidade e a dialogicidade possível com o horizonte epistemológico da Educação Ambiental, especialmente a partir das contribuições da racionalidade ambiental proposta por Enrique Leff, bem como as convergências com a perspectiva decolonial do Bem Viver, uma alternativa de ser e estar com o mundo para a humanidade que emerge da luta dos povos tradicionais e grupos populares que

⁶ Nós, os autores, somos membros do Grupo de Pesquisa Ambiente, Educação e Cultura de Paz (CNPQ), situado junto ao IFRS Campus Alvorada.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

se apresenta como um contraponto à racionalidade do desenvolvimento.

DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E A NECESSIDADE DE UMA PEDAGOGIA DA LIBERTAÇÃO DA TERRA, DOS BICHOS E DAS GENTES

A obra *Pedagogia do Oprimido*, do educador Paulo Freire, é um livro de muitos leitores/aos entre educadores/as populares, professores da educação básica à superior, agentes pastorais, militantes dos movimentos sociais os mais variados que se orientam pela busca da justiça social, pela superação da contradição opressores/oprimidos no mundo. Poderíamos dizer que é uma obra testemunhal da jornada da existência de Paulo Freire e da Educação Popular no mundo, desde o sul, todavia, compreendemos que a obra transcende a materialidade de seu suporte e, ao falar de uma práxis educativa transformadora “encarnada” na trajetória de Freire, converge para a luta de todos nós pelo inédito viável de uma sociedade orientada por outra forma de ser e estar no mundo: justa, fraterna e solidária.

Segundo Pauly:

Em 1962, na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte, centenas de agricultores se alfabetizaram em 45 dias. Era o início da luta para alfabetizar e conscientizar a gente pobre brasileira. Exilado no Chile, em 1968, Freire elabora teoricamente essa experiência popular no *Pedagogia do oprimido*, sua obra mais estudada nas universidades do mundo. Na última frase do livro, Freire confessa sua “fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar” (p. 218). A luta pela educação do povo pobre renova a tradição da educação libertadora que não facilita o amor, mas assume suas dificuldades (PAULY, 2010 p. 310).

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Aliás, diria ele, em *Pedagogia da Esperança* que “As tramas, os fatos, os debates, discussões, projetos, experiências, diálogos de que participei nos anos 70, tendo a Pedagogia do oprimido como centro, me aparecem tão atuais quanto outros a que me refiro dos anos 80 e de hoje. (Freire, 1994, p. 13) A *Pedagogia do Oprimido* é, além de uma obra, é um projeto societário de transformação profunda de como produzimos a materialidade da vida até aquele momento, circunstancialidade histórica de opressão e silenciamento de emergentes democracias através de regimes autoritários a serviço de um capitalismo voraz e de dependência, calcado na exploração das gentes dos países denominados subdesenvolvidos, tendo-se por referência um modelo de desenvolvimento que moe vidas, humanas e não humanas, como ainda hoje verificamos.

Um modelo que se gesta na racionalidade moderna, como uma cultura de longa duração, que está na raiz da crise ambiental e no nascedouro das pandemias pela forma especista com que forja a nossa relação com a natureza. Recordemos que

A modernidade constituiu-se, na trajetória histórica de nossa espécie, num movimento intenso de rupturas com as formas de racionalidade tradicionais e pré-modernas, em favor da constituição de outra racionalidade, ansiosa por ser unívoca, científica, rigorosa, desmistificadora do mundo, orientada por um adestramento da natureza humana e pela apropriação da Natureza externa à nossa humanidade, em prol do progresso material e da iluminação intelectual dos indivíduos. Ela pode ser compreendida no estilo de vida e de organização social que emergiu na Europa, a contar do século XVII, e que se tornou de tal forma paradigmática (...) (LOUSADA, 2014, p. 211).

Na base da crise ambiental está a racionalidade moderna na qual se estrutura o ideário de progresso e desenvolvimento capitalista. Dessa crise emerge uma

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

consciência da injustiça ambiental que demanda uma reinvenção da Pedagogia do Oprimido, ao nosso ver, já intuída por Paulo Freire e manifestada em sua reflexão intelectual no registro de Pedagogia da Indignação quando problematiza a ocorrência funesta do assassinato do índio Pataxó Galdino de Jesus, queimado por adolescentes, afirmando que:

(...), o fato em si, de mais essa transgressão ética nos adverte de como urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como o do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornamos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico e libertador." (FREIRE, 2000, p. 66-67).

Logo, a *Pedagogia do Oprimido* enquanto projeto societário, além de opor-se a qualquer forma de exploração e desumanização das gentes, em tempos de pandemia, se amplia como inspiração para outro projeto civilizatório, ante a emergência da crise ecológica que questiona o nosso antropocentrismo de cada dia, que baliza o especismo, esse juízo moral que temos de superioridade de espécie, onde nos situamos arrogantemente na condição de negarmo o direito à vida e à liberdade dos animais não-humanos, confinando-os e massacrando-os, tanto quanto, negligenciamos os direitos da Mãe Terra, da natureza da qual fazemos parte, enfim. Necessitamos, como nos convida Boff (2020, p. 19), "ir mais a fundo na questão da intrusão do Covid-19 e assumir, urgentemente, um outro tipo de relação com a natureza e a Terra, contrário daquele dominante. Vale dizer, faz-se mister um novo paradigma de produzir, distribuir, consumir e conviver na mesma Casa Comum."

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Dessa forma, compreendemos ser necessário o diálogo plural, mas comprometido com uma ética da co-responsabilidade, em defesa da vida, humana e não humana, da Terra - na perspectiva de Freire anteriormente referida, que pense em uma práxis educativa suleada por uma racionalidade ambiental, excluída da racionalidade moderna que ainda vigora em nosso modo de produzir a vida individual e coletiva, visando a conscientização da crise ecológica em curso e na necessidade de outro modo de estarmos “no” e “com” o mundo, no que entendemos que o bem viver aponta como inédito viável.

POR UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL SULEADA PELA RACIONALIDADE AMBIENTAL

Reinventar a Pedagogia do Oprimido, nos tempos atuais, de forma que se busque a libertação da Terra, dos animais humanos e não humanos, no que diz respeito a todas as formas de opressão pressupõe pensarmos sobre a crise ecológica consolidada na crise civilizatória. Conforme Grün (1996) a crise ecológica, é a crise da cultura ocidental. Tal crise caracterizada pelo “(...) processo individualista, assim como o descuido e o descaso do ser humano consigo e com o restante das formas de vida, banalizou processos de degradação ambiental, desencadeando uma crise civilizatória”. (MALTA, 2021, p. 129) pautada pela sociedade patriarcal, individualista e de racionalidade instrumental. Para os autores se faz necessário resgatar valores reprimidos por esse racionalismo cartesiano, propondo uma ética na dimensão ambiental. Uma ética da libertação.

A crise ambiental pode ser considerada como uma situação que vivemos neste/nosso tempo, uma crise da civilização e crise do conhecimento, segundo Leff (2010a), crise do pensamento ocidental. Um processo que denuncia limites da

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

nossa civilização, como a pobreza, o crescimento econômico e populacional, desequilíbrios ecológicos e desigualdades sociais. Causada em consequência da modernidade antropocêntrica que se percebeu como centro de domínio e controle, de uma ciência metafísica e instrumental. Leff afirma que:

A crise ambiental problematiza o pensamento metafísico e a racionalidade científica, abrindo novas vias de transformação do conhecimento através do diálogo e da hibridização de saberes. No saber ambiental flui a seiva epistêmica que reconstitui as formas do ser e do pensar para apreender a complexidade ambiental (LEFF, 2010a, p. 192).

A crise ambiental, para o autor, é uma crise do crescimento econômico exposta no desequilíbrio ecológico e é causada pelo desconhecimento dos limites da perspectiva desenvolvimentista e suas consequências como por exemplo: destruição de recursos naturais, desequilíbrio ecológico, contaminação ambiental, degradação da qualidade de vida, por isso, Leff (2009) considera importante estabelecer uma cultura ecológica, ou ética ambiental.

A cultura ecológica busca uma tomada de consciência que por meio de um diálogo de saberes seja possível compreender a crise e criar condições e alternativas para transcendê-la, assim, por meio de um saber ambiental, reapropriar o conhecimento e constituir uma racionalidade ambiental.

A crise ambiental problematiza o pensamento metafísico e a racionalidade científica, abrindo novas vias de transformação do conhecimento através do diálogo e de hibridação de saberes. No saber ambiental flui a seiva epistêmica que reconstitui as formas do saber e do pensar para apreender a complexidade ambiental (LEFF, 2003, p. 17).

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

A racionalidade ambiental, propõe novos modos de ser e estar na sociedade que não se reduzem a medidas de mercado, pode vir a ser uma alternativa de resgate desses valores e de praticar uma dimensão ética na educação ambiental. A principal característica segundo Leff (2001) é destituir-se dos paradigmas que encharcam a contemporaneidade ocidental que se baseia na racionalidade capitalista dominante. Busca não nos sujeitarmos aos mecanismos dominantes do mercado para construir uma racionalidade social alternativa, para o autor, a racionalidade ambiental sistematiza valores, articulando-os com processos ecológicos, culturais, tecnológicos, políticos, econômicos, para uma nova racionalidade produtiva, logo para uma nova racionalidade social "(...) que pode trazer outro cuidado social, uma nova atuação política dos cidadãos. Essas tomadas de decisões podem proporcionar um novo 'olhar' ecológico" (MALTA, 2020, p. 135).

Para que a racionalidade ambiental (Leff, 2010) possa ser vivenciada e reinventada, faz-se necessário um processo que consideramos ser da alçada da Educação Ambiental (EA) de forma que possibilite a construção de: princípios éticos, práticas e saberes produtivos, afetivos, intelectuais, de descentralização econômica, vida de qualidade - para além do mero bem-estar social, diversidade biológica, conservação de bases ecológicas, novas formas de organização social, gestão participativa e, se possível embora difícil, mas como diria Freire, não impossível, de distribuição democrática de recursos naturais de modo a provocar uma reapropriação social da natureza não utilitarista, mas para uma convivência solidária e reverente do que de mero consumo.

Para o autor, a racionalidade capitalista, se converte em irracionalidade, pelas forças destrutivas que essa ideologia apresenta, praticando com a alta produção o domínio da natureza, tanto no campo econômico, ecológico quanto

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

científico. Com isso a ganância pelo poder, a competitividade, a exploração, individualização, a negação do diálogo, a falta de empatia e tantos outros aspectos se consolidam, como no Brasil contemporâneo, na negação ideológica da ciência e da pandemia, onde se descortina a malvadez humana na materialidade da necropolítica. Compreenda-se que, quando falamos em necropolítica, estamos adotando a seguinte perspectiva:

De certa maneira, necropolítica tem a ver com isso. O exercício do poder soberano não é somente uma questão de “vigiar e punir” (Foucault, 2001, p. 127-149), mas passa a ser sobre matar ou largar à exposição de morte. Há uma instrumentalização generalizada da vida que leva à destruição de corpos humanos e populações (Mbembe, 2017, p. 111), com a produção da morte em grande escala. Quando dizemos matar, é preciso assumir isso em sentido amplo: não se trata apenas do ato em si, mas de relações de poder e gestão de multidões que colocam determinadas populações mais expostas à morte do que outras (PIPER; MENDES, 2020, p. 11-12).

Entendemos, com base nos estudos em torno da EA, que uma outra racionalidade social é possível. Ela emerge de práticas múltiplas, cuja práxis se fundamenta na libertação da Terra, das pessoas e dos bichos em coletivos que pululam por todo o mundo no anseio de construir outras dinâmicas socioambientais.

Uma EA (Lousada, 2006), que tenha a racionalidade ambiental como paradigma no trato interdisciplinar do saber e da crise ecológica, remete ao imperativo da formação de sujeitos - na educação formal e não-formal - que aprendam a ler o mundo em sua complexidade, conscientizados do momento crítico que a nossa civilização atravessa com a emergência climática e a pandemia do coronavírus, produzindo, dessa forma, novas sensibilidades e reciprocidades

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

em relação ao ambiente, habilitando-os a ações positivas na resolução dos desafios produzidos pela degradação socioambiental. Além disso, a EA seria responsável por introduzir no campo educativo, um conjunto de valores pertinentes a uma nova ética – capaz de reger as condutas individuais e coletivas –, talvez ressignificada por um sentimento de pertença à Terra em superação ao utilitarismo antropocêntrico e especista⁷.

Por fim, a EA, na proposição da formação do sujeito orientado por uma ética e racionalidade ambiental, poderia desenvolver aprendizagens significativas para os indivíduos, instituindo com eles novos modos de ser e ler o mundo, provocando alguma intervenção nos conflitos socioambientais que possam fazer parte de sua experiência vital no âmbito de seus contextos locais, com a pretensão de gerar conseqüências positivas em escala global. Aqui, fica claro o projeto-político e pedagógico da EA sob um olhar crítico, que é a construção de um saber ambiental que qualifique a intervenção transformadora na realidade por parte dos atores sociais, histórica e culturalmente situados.

A PANDEMIA E A EMERGÊNCIA DO BEM VIVER

O final do século XX e o início do século XXI viram florescer o debate, sobretudo na América Latina, sobre o Bem Viver como proposta alternativa ao modelo de desenvolvimento

⁷ O especismo consiste numa forma de juízo moral aplicado pelos seres humanos a outras espécies, inferiorizando-as moralmente, com base em suposta superioridade humana fundamentada em variados argumentos, de pseudocientíficos a bíblicos. Singer (2010, p. 451), em seu clássico *Libertação animal* sustenta forte crítica ao especismo, especialmente, “na ideia de que a diferença de espécie não é fundamento ético que nos autorize a atribuir menos consideração aos interesses de um ser senciente do que atribuímos aos interesses análogos de um membro da nossa espécie.”

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

econômico e que surgiu como um resgate de valores e experiências de povos originários para uma vida mais harmoniosa entre os seres humanos e o ambiente. Além disso, o Bem Viver foi incorporado nas constituições de países do Equador e Bolívia. O Sumak Kawsay (do idioma Quíchua), Suma Qamaña (do Aimará), ou Teko Porã (do Guarani), que no Brasil é traduzido por Bem Viver, apresenta características em constante construção. Solón explica que não se trata de um conjunto de receitas culturais, sociais, ambientais e econômicas, mas de uma mistura complexa e dinâmica que abarca desde uma concepção filosófica do tempo e do espaço até uma cosmovisão sobre a relação entre os seres humanos e a natureza (SOLÓN, 2019).

Pablo Dávalos, economista equatoriano e ex-vice-ministro da Economia do Equador, propõe que o Sumak Kawsay é uma forma de relacionamento diferente entre os seres humanos, "(...) na qual a individualidade egoísta deve se submeter a um princípio de responsabilidade social e compromisso ético, e um relacionamento com a natureza no qual esta é reconhecida como uma parte fundamental da sociabilidade humana". (DÁVALOS, 2010. p. 5)

Aílton Krenak explica que:

O Sumak Kawsai é uma expressão que nomeia um modo de estar na Terra, um modo de estar no mundo. Esse modo de estar na Terra tem a ver com a cosmovisão constituída pela vida das pessoas e de todos os outros seres que compartilham o ar com a gente, que bebem água com a gente e que pisam nessa terra junto com a gente. Esses seres todos, essa constelação de seres, é que constituem uma cosmovisão (KRENAK, 2021, p. 6).

Trata-se de uma cosmovisão em que se busca uma vida em harmonia com a natureza, mais solidária, cooperativa, em contraposição a diversos pressupostos e princípios do sistema

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

capitalista. Nesse marco civilizatório a natureza é vista como sujeito de direitos e não como recursos a serem consumidos e explorados à exaustão. É uma compreensão de que estamos inseridos em um sistema vivo em que precisamos agir de forma solidária, afastando-se de um padrão de vida baseado no egoísmo e na produção da escassez, próprio do sistema capitalista. O Bem Viver caminha em outra direção.

“O Sumak Kawsay, em uma tradução literal, seria a vida em plenitude, a excelência, o melhor, o bonito. Mas, interpretado em termos políticos, trata-se da própria vida, uma mistura de ações e vontades políticas que significam mudanças para que não falte às pessoas o pão de cada dia, para que não existam essas desigualdades sociais de homens e mulheres. O Sumak kasway é o sonho, não apenas para os indígenas, mas também para todos os humanos”. (CHANCOSO In ACOSTA, 2016. p. 15)

Esses pressupostos permitem incluir nessa busca de convivência harmônica, também, todos os animais não-humanos. A exploração dos animais criados de formas cada vez mais brutais e tratados como meros produtos precisa entrar nas discussões e sensibilizar-nos se buscamos uma vida mais solidária e uma sociedade que respeite a natureza como detentora de direitos também.

Em uma sociedade do Bem Viver o cuidado com o ambiente é um cuidado para com a vida através de uma ética. Acosta elucida que:

"o Bem Viver recolhe o melhor das práticas, das sabedorias, das experiências e dos conhecimentos dos povos e nacionalidades indígenas. O Bem Viver é, então, a essência da filosofia indígena ou nativa, em sentido amplo, pois se aplica a tudo aquilo que é relativo a uma população originária no território em que habita. Pretende, definitivamente, conhecer as civilizações detentoras de tradições organizativas anteriores à

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

aparição do Estado moderno e que representam culturas que sobreviveram e sobrevivem à expansão colonizadora da civilização ocidental. O Bem Viver, porém, não pode excluir possíveis contribuições da vida comunitária não indígena que encontrou formas de sobrevivência dentro dos próprios sistemas dominantes de uma colonização que já dura mais de quinhentos anos. Trata-se de construir uma vida em harmonia dos seres humanos consigo mesmos, com seus congêneres e com a Natureza, vivendo em comunidade” (ACOSTA, 2016. p 84-85).

Buscar alternativas ao modelo capitalista, que proponham uma visão de vida cooperativa e harmoniosa com a natureza se apresenta urgente para um mundo que acelera as consequências dos padrões de consumo predominantes. As desigualdades sociais, que privam a maior parte da população mundial de fruir do bem estar material e de avanços científicos, como na área da medicina, por exemplo, tornam ainda mais enfática a necessidade de se buscar novas vias. Edgar Morin, na obra *É hora de mudarmos de via: As lições do coronavírus*, propõe que:

A conscientização da comunhão de destinos terrestres entre a natureza viva e a aventura humana deve tornar-se um acontecimento importante de nosso tempo: devemos nos sentir solidários com este planeta, pois nossa vida está ligada à sua existência; precisamos não só arrumá-lo, mas também poupá-lo: precisamos reconhecer nossa filiação biológica e nossa filiação ontológica; é o cordão umbilical que precisa ser reatado (MORIN, 2020. p 78).

A pandemia do coronavírus acentuou o abismo social resultante de um sistema econômico insustentável. Santos (2020) reflete que a covid-19 é mais uma dentre muitas implicações do modelo de sociedade imposta no mundo a

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

partir do século XVII e que estaria hoje chegando à sua etapa final.

É este o modelo que está hoje a conduzir a humanidade a uma situação de catástrofe ecológica. Ora, uma das características essenciais deste modelo é a exploração sem limites dos recursos naturais. Essa exploração está a violar de maneira fatal o lugar da humanidade no planeta Terra. Esta violação traduz-se na morte desnecessária de muitos seres vivos da Mãe Terra, nossa casa comum, como defendem os povos indígenas e camponeses de todo o mundo, hoje secundados pelos movimentos ecologistas e pela teologia ecológica (SANTOS, 2020. p.23).

Convergindo com o entendimento, encontramos o pensador indígena Ailton Krenak que nos alerta: "para a gente alcançar o tal do crescimento econômico, nós vamos transformar esses lugares maravilhosos em lugares predados, onde nem vamos conseguir respirar depois" (KRENAK, 2021, p.22). E conforme explica Acosta (2016) o Bem Viver apresenta uma oportunidade para construir coletivamente outros modos de vida. Não se limita à materialização em alguns artigos constitucionais, como os casos do Equador e da Bolívia, nem se resume ao somatório de práticas isoladas. Os seres humanos, então, não deve assumir o papel de ameaça ou como sujeitos a serem vencidos ou derrotados.

"E a Natureza não pode ser entendida apenas como uma massa de recursos a ser explorada. Estes são pontos medulares. O Bem Viver, como alternativa ao desenvolvimento, é uma proposta civilizatória que reconfigura um horizonte de superação do capitalismo. Isso não significa – como disse Mónica Chuji, indígena e ex-deputada constituinte de Montecristi – “um retorno ao passado, à idade da pedra ou à época das cavernas”, e tampouco uma negação à tecnologia ou ao saber moderno, “como argumentam os promotores do capitalismo”. (ACOSTA, 2016. p. 84).

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Seria, portanto, um marco civilizatório o Bem Viver, uma alternativa ao modo de vida baseado na acumulação e no consumismo. Ele pressupõe uma mudança da compreensão do que significa estar no Planeta Terra e o papel do ser humano nesse sistema de vida complexo. Nesta perspectiva, é preciso promover uma mudança cognitiva em nossa ação cotidiana, tarefa desafiadora estando imersos num sistema que estimula constantemente o consumismo e a exploração da natureza. Mudança convergente com o horizonte epistemológico da *Pedagogia do Oprimido* e de uma EA suleada pela racionalidade ambiental, diga-se de passagem. E, é bom anotar que, para muitos países a tentação de encontrar saídas para crises econômicas ou de alcançar padrões de consumo que reproduzam o estilo de vida dos países do norte global pode ser um caminho de devastação ambiental e de repetição de modos de vida imperialistas.

Na mesma linha, se reconhece que na América Latina as atuais propostas que reivindicam o Bem Viver não foram acompanhadas de um decrescimento que pudesse dialogar com as noções de desmaterialização e desmercantilização. Além disso, em sociedades com altos níveis de pobreza, estas noções enfrentam muitas dificuldades para serem compreendidas como uma saída para a crise” (SVAMPA In ACOSTA, 2018, p. 11).

Assim, para caminhar na direção do Bem Viver será preciso uma transformação do modo de pensar a própria vida em si, hoje tão influenciada pelos princípios da racionalidade de exploração e acumulação capitalistas. Nesta, prospera ainda a obsessão pelo consumo e a ideia de que o crescimento econômico são caminhos para superar desigualdades sociais, para minimizar os sofrimentos pelos quais passam a maior

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

parte da população do planeta. Uma sociedade do Bem Viver exigirá, no entanto, uma nova via, uma economia baseada na solidariedade e sustentabilidade, em uma crescente autogestão interdependente e comunitária, em superação ao consumismo e ao produtivismo, desmontando a economia do crescimento tanto quanto a sociedade do crescimento (ACOSTA, 2016).

CONCLUSÃO

Aqui propusemos uma discussão teórica que transita desde a intencionalidade de provocar o diálogo sobre a reinvenção cotidiana da *Pedagogia do Oprimido* através de uma práxis educativa que, inspirada na ética da libertação que emerge desta pedagogia e desde o campo do ambiental, pode suscitar outros horizontes de ação e reflexão que, na esteira da ampliação da perspectiva de Freire, aliás, demarcada em seus escritos e existência, vem sendo constituída pelos movimentos sociais de cunho popular, ambientalista, pela libertação animal e defesa dos direitos da natureza.

Uma *Pedagogia do Oprimido*, nascida na luta pela libertação das gentes e, reinventada agregando ao seu ideário, a libertação da Terra e dos bichos também, que precisa ser tematizada, especialmente, em tempos de pandemia e emergência climática que agudizam o sofrimento humano e dos animais não-humanos e que demonstram os limites cognitivos, afetivos e políticos do antropoceno, exigindo-nos, desde os nossos pertencimentos, a problematização de práticas sociais e educativas anti-natureza e de opressão das pessoas, dos animais, da vida enfim.

Estão no cerne da emergência climática os nossos padrões de consumo, desiguais no jogo da desigualdade global, enfaticamente demonstrado no âmbito da crise sanitária de nossos dias, como bem lembra Santos (2020), referindo-se às lições da cruel pedagogia do coronavírus. Ante o clamor da

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Terra, dos animais e das gentes, urge assumirmos o compromisso de reinvenção da *Pedagogia do Oprimido*, como projeto civilizatório, ampliando o seu horizonte teórico, político, metodológico, ético, estético, espiritual e pedagógico em busca de um diálogo profundo com a racionalidade ambiental que pode e deve ser apreendida desde os povos originários e grupos populares existencialmente orientados pelo Bem Viver, de forma articulada com o saber acadêmico produzido pelo desejo e pela esperança, sem ignorar uma certa rigorosidade metodológica, da práxis de uma EA epistemológica e eticamente ambiental - com centralidade na vida e na convivência co-responsável com a natureza -, capaz, como afirmou Brandão (1999), de reinventar a própria Educação em seus desafios de ousar provocar a formação de outros saberes, atitudes e sentimentos considerados irrelevantes no utilitarismo capitalista.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Belo Horizonte: Elefante, 2016.

BOFF, Leonardo. **Covid-19**: a mãe terra contra-ataca a humanidade: advertências da pandemia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

BRANDÃO, Carlos R. **Em campo aberto**: escritos sobre educação e a cultura popular. São Paulo: Cortez, 1995.

DÁVALOS, Pablo. IHU On-Line - revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos. Ed 340

Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/educacao/340>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 66-67.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

GRÜN, Mauro. **Ética e Educação Ambiental**: a conexão necessária. São Paulo: Papirus, 1996.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do Bem Viver**. Disponível em http://www.culturadobemviver.org/pdf/Caminhos_para_a_cultura_do_Bem_Viver_Ailton_Krenak.pdf Acesso em 27 de junho de 2021.

LOUSADA, Vinícius Lima. **Das ondas que se fizeram mar em Rio Grande**: a construção de um projeto de educação ambiental no entrelaçamento das trajetórias de vida dos seus autores. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

_____. Modernidade, racionalidade e crise ambiental; Modernity, rationality and environmental crisis. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 209–230, 2014. DOI: 10.14295/remea.v31i1.4379. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/4379>. Acesso em: 23 jul. 2021.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LEFF, Enrique. **A Complexidade Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003.

LEFF, Enrique. **Discursos Sustentáveis**. São Paulo: Cortez, 2010.

LEFF, Enrique. **Ecologia, Capital e Cultura**: A territorialização da racionalidade ambiental. Petrópolis, Vozes: 2009.

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2010a.

MALTA, Márcia Madeira. Racionalidade ambiental e o pensar a ontologia da esperança. In: PEREIRA, Vilmar Alves; MALTA, Márcia Madeira. **Ontologia da esperança**: a educação ambiental em tempos de crise. Juiz de Fora: Garcia, 2020. p. 131-142.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

MALTA, Márcia, Madeira. **Racionalidade ambiental na educação profissional de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia**: princípios ontológicos de Educação Ambiental. Rio Grande: FURG, 2021. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, 2021.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via**: as lições do coronavírus. colaboração Sabah Abouessalam; tradução Ivone C. Benedetti. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2020. Edição do Kindle.

PAULY, Evaldo. **Pedagogia do oprimido**. In: STECK, D; REDIN, E; ZITKOSKI, J.(Orgs.). Dicionário Paulo Freire. São Paulo: Autêntica, 2010.

PIPER, Frederico; MENDES, Danilo (org.). in: Religião e necropolítica. **Religião em tempos de crise**. São Bernardo do Campo, SP : Ambigrama, 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SINGER, Peter. **Libertação animal**. trad. Marly Winkler, Marcelo B. Cipolla. São Paulo: Editora WWF/Martins Fontes, 2010.

SOLÓN, Pablo. **Alternativas sistêmicas**: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização / organização de Pablo Solón; tradução de João Peres — São Paulo: Elefante, 2019.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

EIXO 4



**DIREITOS HUMANOS, CULTURA DA PAZ E TECNOLOGIAS
EMANCIPADORAS**

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

CARACTERÍSTICAS E TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE DIREITOS HUMANOS, CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES (2007-2017)

Maria Aparecida Vieira de Melo (UFRN)
Jefferson da Silva Moreira (UNIFESP)
Camila Mirella Barbosa Raia de Oliveira

RESUMO: A proposta central desta mesa temática consiste em debater sobre as características, enfoques e tendências da produção acadêmica, no recorte temporal de uma década, sobre as categorias *Direitos Humanos*, *Currículo*, *Formação de professores* e suas possíveis interlocuções. Com efeito, dialogamos teoricamente com autores da área da educação em direitos humanos (SILVA e TAVARES, 2011; CANDAU e SACAVINO, 2003, FREIRE, 2000); currículo (APPLE, 2003; SILVA, 2011; FREIRE, 1981); e formação de professores (DINIZ-PEREIRA, 2014; GATTI, 2009, FREIRE, 1997), de modo a evidenciar as inter-relações entre essas áreas de estudos. Destarte, diante de um cenário político marcado por pautas obscurantistas e conservadoras torna-se fundamental a proposição de diálogos insurgentes aos que se apresentam nas atuais políticas educacionais brasileiras, podendo contribuir com a reafirmação da democracia e os direitos das minorias, tais como fora defendidos por Paulo Freire, bem como a metodologia do círculo de cultura como procedimento metodológico.

PALAVRAS-CHAVE: Educação em direitos humanos. Currículo. Formação de professores.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

INTRODUÇÃO

A proposta de discussão dessa mesa temática consiste em apresentar os resultados parciais do projeto de pesquisa interinstitucional intitulado *Interloquções entre educação em direitos humanos, currículo e formação de professores*, envolvendo pesquisadores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Universidade Católica do Salvador (UCSal). Trata-se de um projeto em desenvolvimento, que buscar compreender os nexos e as relações existentes na produção acadêmica disponível em bancos de dados sobre as temáticas acima citadas, de modo a contribuir com a sistematização de um *corpus* analítico sobre o tema.

Com efeito, o objetivo geral do projeto de pesquisa consiste em analisar, no cenário da produção científica na área de Educação em Direitos Humanos, as possíveis interloquções desta área com os campos de Currículo e Formação de professores, no período de 2007 a 2017, como forma de subsidiar processos formativos de professores, com foco na educação em direitos humanos.

Destarte, as seguintes questões norteadoras delimitam o desenvolvimento do estudo em relevo: até que ponto quando se fala e se produz sobre a Educação em Direitos Humanos, quais são os nexos, as interloquções, os diálogos que aparecem sobre currículo e formação de professores? O que esses estudos apontam como subsídios para ampliar e fortalecer a formação nessa direção, considerando que essas são temáticas imprescindíveis para uma mudança cultural fundamentada nos direitos humanos?

No que concerne aos aspectos metodológicos, o levantamento da produção acadêmica foi realizada no portal do Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD), no Banco de

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no Portal do Domínio Público, conforme critérios delimitados para o desenvolvimento do estudo.

Foram utilizados descritores específicos por cada uma das categorias de análise, além do estabelecimento do recorte temporal de uma década – de 2007 a 2017. Ou seja, foram considerados como critério para análise os estudos (teses e dissertações) defendidos no mencionado período. Importa destacar, também, que nas buscas realizadas e após as leituras dos resumos e palavras-chave, pudemos constatar a existência de estudos que não mantinham relações com o foco de análise, portanto, esses foram sendo descartados.

Nesta mesa temática, priorizamos a apresentação dos resultados das categorias *formação de professores, educação em direitos humanos e currículo*, de modo a elucidar os avanços, lacunas e potencialidades dessas áreas investigadas.

Com efeito, cabe indagar: quais as contribuições dessa discussão para um evento que trata do legado do célebre educador Paulo Freire? Consideramos que o tema proposto para discussão nessa proposta de mesa temática coloca em relevo os resultados de estudos que ecoam junto ao pensamento freireano na defesa de uma educação libertadora, voltada aos interesses dos oprimidos e grupos historicamente subalternizados.

CARACTERÍSTICAS E TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE DIREITOS HUMANOS, CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES (2007-2017)

A formação de professores se constitui, na atualidade, um importante território para o avanço e a consolidação de práticas efetivas na Educação em Direitos Humanos no contexto educacional, tanto no Brasil como em *alhures*. No campo das políticas de formação de professores, no Brasil, são bem

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

recentes as preocupações — pelo menos em termos de documentos oficiais — da perspectiva de Educação em Direitos Humanos no âmbito formativo da docência, tanto na Educação Básica como na Educação Superior.

De posse dessas premissas, realizamos, a partir desse momento, uma análise dos conteúdos e enfoques das produções acadêmicas alinhadas ao tema da formação de professores e suas possíveis interlocuções com a Educação em Direitos Humanos, tendo como *corpus* de investigação pesquisas vinculadas ao Ensino Fundamental. As pesquisas foram selecionadas no recorte temporal de uma década, no período de 2007 a 2017, no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD). O levantamento da produção, atendendo aos critérios acima citados, resultou no total de 31 (trinta e uma) produções acadêmicas (teses de doutorado e dissertações de mestrado).

Do total de trabalhos analisados, verificamos que 7 dessas produções convergem em refletir sobre a docência e as relações com os direitos humanos, sendo apenas um estudo no campo da indisciplina. Apesar destes estudos estarem vinculados aos direitos humanos, observamos uma diversidade de recortes temáticos, tais como: indisciplina escolar; representações sociais dos professores na mediação com a educação em direitos humanos; as condições necessárias para a implementação de um projeto em direitos humanos; a formação continuada de professores.

Foi realizada uma leitura exaustiva dos resumos e palavras-chave e excluídas as produções que não mantinham aderência temática com o tema da educação em direitos humanos. Assim, apresentaremos um panorama dessas pesquisas a partir dos seus títulos e autores, conforme apresentado no Quadro 1:

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Quadro 1 – Títulos e autores das pesquisas

| Títulos das pesquisas | Autor (a) e Ano |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|
| Docentes, direitos humanos, e (in)disciplina no espaço escolar: perspectivas e limites | Wicher, Carolina La Torre. (2008) |
| Educação em direitos humanos: A representação social dos professores da rede pública de ensino do município de Simões filho, egressos do curso de pedagogia da rede UNEB/2000. | Rocha, Denise Abigail Freitas. (2013) |
| Direitos humanos e relações étnico-raciais na rede municipal de educação de Goiânia - GO | Holanda, Camilo Christiane (2014) |
| As representações dos professores da educação básica sobre a criança “como sujeito de direitos” | Cunha, Roseli da Cunha. (2015) |
| Educação, Direitos Humanos, igualdade e diferença: o que dizem os professores? | Silva, Sara Moitinho. (2016) |
| Formação docente e prática pedagógica na Educação em Direitos Humanos | Krueger, Eliane de Andrade. (2017) |
| Direitos humanos em sala de aula: a compreensão de professores sobre a aliança entre as suas disciplinas escolares e a EDH | Dias, Diego Corrêa Lima de Aguiar. (2017) |

Fonte: elaboração própria

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Um aspecto a ser levantado para discussão é o período de desenvolvimento dessas pesquisas, que está intimamente ligado ao avanço dos estudos sobre Educação em Direitos Humanos no contexto brasileiro.

O estudo desenvolvido por Wicher, por exemplo, no ano de 2008, toca na questão da indisciplina, direitos humanos e docência, problematizando os limites no contexto escolar e propiciando uma reflexão sobre os determinantes socioeconômicos e políticos do contexto em que essa instituição está inserida, bem como seus significados e valores, que são historicamente construídos. Para isso, foram realizadas observações em sala de aula e entrevistas com cinco professoras do ensino fundamental da rede pública do Estado de São Paulo, com vistas a verificar as dimensões que essas concepções adquirem, alguns de seus determinantes e em que medida interferem na prática cotidiana dessas profissionais.

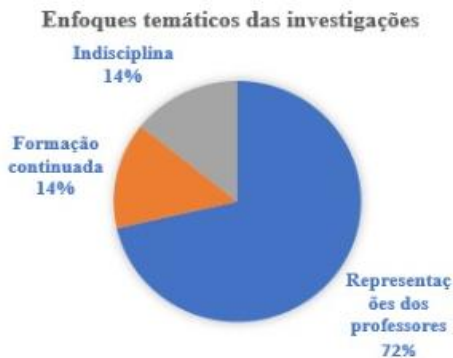
Merece destaque que somente cinco anos depois, em 2013, vamos encontrar o estudo desenvolvido por Rocha, voltado à problematização das representações sociais de professores da educação básica sobre a Educação em Direitos Humanos. A partir daí, os estudos avançam, do ponto de vista quantitativo, com as produções de Holanda (2014), Cunha (2015), Dias (2017) e Krueger (2017), ampliando o repertório de pesquisas no campo da educação em direitos humanos. Assim, constatamos que a intensificação dessa produção acadêmica nesse período está intimamente relacionada com as discussões pautadas na Educação em Direitos Humanos no Brasil, especialmente, com a publicação do Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2007) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (2012).

Contudo, a partir da análise dos trabalhos, podemos inferir que do total de sete (7) trabalhos, seis (6) pesquisas não se enquadram, propriamente, como pesquisas no âmbito da

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

formação de professores. Apenas um (1) trabalho está no âmbito da formação continuada de professores. Importa ressaltar que os demais trabalhos apenas se aproximam das discussões sobre a docência, elegendo como protagonistas os professores. Das sete pesquisas analisadas, apenas um estudo realiza uma análise em torno da formação docente e prática pedagógica na educação em direitos humanos, as demais pesquisas não problematizam a formação inicial, continuada e estratégias de desenvolvimento profissional de professores sob a ótica dos Direitos Humanos. Direccionam apenas suas perspectivas analíticas tomando por base os professores como sujeitos autorais, ou seja, elegem e reconhecem os docentes como sujeitos fundamentais para se analisar a efetivação da educação em direitos humanos no contexto escolar.

Destarte, os dados sinalizam que os estudos focalizados se aproximam do campo da formação de professores, podendo ser distribuídos pelas seguintes temáticas:



Fonte: Elaboração própria

De modo geral, o estudo e análises empreendidas dessas temáticas possibilita-nos afirmar que existe uma lacuna na produção acadêmica, no período de 2007 a 2017, por não elegerem a formação inicial ou continuada de professores em

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Direitos Humanos como objeto propriamente de análise. Os estudos se aproximam do campo da formação de professores, por elegerem os estudos das representações, das subjetividades e das relações escolares para a efetivação da Educação em Direitos Humanos. Contudo, não podemos afirmar, *a per si*, que são estudos propriamente do campo da formação de professores, exceto uma pesquisa realizada no ano de 2017 que está vinculada a formação continuada de professores.

A Categoria 02, Direitos Humanos e Educação em Direitos Humanos, busca destacar as pesquisas da amostra de 2007 a 2017, recorte de pesquisa intitulada: “Educação em Direitos Humanos e Formação de Professores no Ensino Fundamental”. Esta categoria conta com 12 pesquisas compõem os trabalhos que descrevem os termos direitos humanos ou educação em direitos humanos nos trabalhos pesquisados, estabelecendo a cada um deles o ano de sua realização, bem como, os autores correspondentes a cada pesquisa, enquadrando-as na categoria de conteúdo do trabalho elaborado, como dissertação de mestrado ou tese de doutorado, das quais 05 são dissertações e 07 são teses.

No quadro 2, apresenta uma síntese desses trabalhos, a partir dos títulos sejam em direitos humanos e educação em direitos humanos:

| ANO | AUTOR (A) | TÍTULO DAS PESQUISAS | TITULAÇÃO |
|------|-------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 2008 | ABIKAIR, Claudia Maria Gomes Raggi. | Direitos humanos na educação: um caminho a cidadania | M |
| 2008 | BEZERRA, Sônia Maria Albuquerque | Educação em direito humanos e a mediação escolar como instrumento que possibilita a prática do | D |

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

| | | | |
|------|------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|
| | | aprendizado em direitos humanos. | |
| 2011 | JESUS, Heyde Aparecida Pereira de. | Educação em direitos humanos e escola pública: um caminho a ser construído | M |
| 2013 | COSTA, Alinne Grazielle Neves | Educação em direitos humanos ouvindo a comunidade escolar e observando as suas práticas. | M |
| 2013 | OLIVEIRA, Hélder Risler de. | Educação em direitos humanos e a mediação com a ferramenta na gestão da violência escolar: o caso da escola estadual de ensino médio e fundamental Jorge Teixeira | M |
| 2013 | NUNES, Marcella de Oliveira. | O plano nacional de educação em direitos humanos e a realidade da escola pública | D |
| 2014 | MACHADO, Claudia. | Educação e direitos humanos – trajetórias de porto alegre no enfrentamento a violência sexual contra crianças e adolescentes. | D |
| 2015 | ANDRADE, Elaine Zanoni de. | Contribuições da psicanálise e da educação em direitos humanos para o enfrentamento do | D |

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

| | | | |
|------|--------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|
| | | bullying escolar. | |
| 2016 | ASSAD, Kátia Fernanda Faria | Concepções de Crianças Acerca do Exercício de Sua Cidadania na Cidade do Recife | M |
| 2016 | GOMES, Solange Moura. | As práticas pedagógicas em educação para os direitos humanos no cotidiano da escola municipal zumbi dos palmares | D |
| 2016 | OLIVEIRA, Fernanda Alves de | Direito humano à educação: as infâncias do campo nos territórios da cidadania | D |
| 2016 | SILVA, Simone Stefani da. | O plano nacional de educação em direitos humanos: uma ideia de formação escolar cidadã | D |

Fonte: elaboração própria

Os documentos e declarações norteadores relacionados aos Direitos Humanos são essenciais para a garantia dos direitos fundamentais, registrando ao longo da história a sua evolução em pontos significativos para a realização e garantia destes direitos. É importante enfatizar que, para que esse processo de efetivação se execute, é necessário tornar as pessoas conscientes verdadeiramente destes instrumentos frutos das lutas contra qualquer tipo de violência, dos movimentos sociais e da reivindicação da dignidade da pessoa humana, com garantia de direitos para todas as pessoas.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Os direitos fundamentais surgem a partir dos interesses dos indivíduos à medida que a sociedade vai evoluindo. A luta pelos direitos fundamentais implica em conhecimento amplo da sociedade sobre o mesmo, para que a oferta seja garantida e a sua efetivação seja plena. Assim, a educação que é um direito fundamental, ele também é essencial na luta e execução dos direitos humanos e pela minimização das violações destes e demais direitos, é responsável pelo desenvolvimento social. É através da educação que uma sociedade cresce e evolui e luta pelos seus direitos, acesso a informação e conhecimento dá poder para mudar a sociedade em que vive, fazendo com que as pessoas tenham uma visão crítica do ambiente em que vivem. Desta forma, vemos o quanto é importante ter uma educação pautada na defesa dos direitos humanos como instrumento de efetivação dos direitos fundamentais e garantia da cidadania.

Candau (2007), percebendo um vínculo direto entre os princípios da democracia e dos Direitos Humanos, considera a educação em Direitos Humanos como ferramenta fundamental para a efetivação da democracia porque, segundo a autora, este modelo de educação:

1. é indispensável para o desenvolvimento dos direitos humanos;
2. deve articular as categorias da igualdade e da diferença;
3. deve realizar o empoderamento dos atores sociais;
4. é uma filosofia e deve integrar a cultura escolar;
5. Está assentada no tripé: a) conhecer e defender direitos; b) respeitar a igualdade de direitos dos outros e c) deve estar comprometida com a defesa dos direitos dos outros (CANDAU, 2007, p. 61).

A educação em direitos humanos humaniza as pessoas e as relações. Isso porque, de acordo com Paulo César Carbonari (2006, p. 141) “os processos de educação em direitos humanos tomam a cada humano a partir de dentro e por dentro, em relação com os outros. Ora, educar em direitos humanos é

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

promover a ampliação das condições concretas de vivências da humanidade.”

Assim, de acordo com as pesquisas da categoria 02, três trabalhos mencionam apenas Direitos Humanos, são eles: Assad; 2016 e Oliveira, 2016 e nove trabalhos focam a Educação em Direitos Humanos, são eles: Abikair, 2008; Bezerra, 2008; Jesus, 2011; Costa, 2013; Oliveira, 2013; Machado, 2014; Andrade, 2015; Nunes, 2013; Gomes, 2016; Silva, 2016.

Abordando as pesquisas, pelas suas temáticas e enfoques investigativos, podemos destacar que 03 trabalhos (Bezerra, 2008; Oliveira, 2013; Machado, 2014), apresentam ao tratar de Educação em Direitos Humanos, sua contribuição para a mediação de conflitos no ambiente escolar, exaltando a ausência das políticas públicas de educação, bem como, as práticas pedagógicas que abrangem as crianças e adolescentes. 04 trabalhos (Jesus, 2011; Nunes, 2013; Costa, 2013; Gomes, 2016), correspondem a Direitos Humanos, trazem uma análise das políticas e práticas das escolas públicas. 01 trabalho (Andrade, 2015), onde um corresponde a EDH e outro a DH, trazem consigo a contribuição da psicologia e com esta pode ser um aliado para enfrentamento de violência entre crianças e adolescente. E, 04 trabalhos (Abikair, 2008; Silva, 2016) se dividem em Direitos Humanos e Educação em Direitos Humanos, eles trazem a temática sobre cidadania seja no contexto educativo, seja através da contribuição da legislação. Dando destaque aqui para as duas pesquisas que tratam sobre os direitos humanos. Os enfoques investigativos das pesquisas de Assad 2016 e Oliveira 2016 analisam os direitos humanos para a garantia da cidadania. Assad 2016, busca identificar os significados e sentidos que as crianças produzem acerca do exercício de sua cidadania e Oliveira 2016, analisa as ações que possibilitam acesso a direitos sociais e à cidadania de um projeto que é realizado no campo.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

No campo teórico, todos os autores se referenciaram a partir dos documentos base de direitos humanos, leis e diretrizes sobre a temática da educação em direitos humanos e aos teóricos, autores que tratam de EDH, destacamos alguns que foram utilizados nas pesquisas desta categoria, como: Candau 1995, 2002, 2007, 2008, Sacavino 2000, 2013, Bonavides 1998, 2001, Silva 2007, 2010; Demo 2003, Paro 2005, Candau e Sacavino 2008, 2010, entre outros.

É de se observar que temos mais pesquisas que abordam a questão da EDH (Educação em Direitos Humanos), pois ela propõe um olhar crítico sobre as formas de dominação e opressão, presentes em nossa história, buscando assim promover aberturas e possibilidades para a construção de uma sociedade mais livre, igualitária, participativa e consciente de suas responsabilidades.

No Brasil a cidadania é um conceito em construção pela negação aos direitos básicos a maioria da população. O direito ao acesso à educação para todos os cidadãos traduz a afirmação de um bem comum à comunidade política e ao compartilhamento, por parte de seus membros, do conhecimento como um valor. Porém, a inexistência da possibilidade de realização do direito à educação, ou a insuficiência de condições para o seu exercício, implica que a igualdade de direitos e deveres de cidadania está anulada ou prejudicada.

Os enfoques metodológicos destas pesquisas evidenciam uma evolução quanto ao processo de pesquisa, algumas pesquisas foram feitas a partir de revisão de literatura, são elas: Abikair 2008, Bezerra 2008, Andrade 2015 e Silva 2016. As demais pesquisas buscaram in loco as informações, passaram pela observação dos participantes da pesquisa, utilizaram questionários, entrevistas, realização de oficinas, encontros, contribuições referentes a sua temática. Na pesquisa acadêmica, o pesquisador depara-se constantemente com a

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

necessidade de conhecer e discutir sobre o caminho a percorrer a fim de elaborar de que forma transformar o fenômeno de investigação em um objeto de pesquisa. O uso do método qualitativo busca contribuir com a evolução do conhecimento, da compreensão do que está a ser analisado, investigado.

O método qualitativo ao realizar uma investigação científica não se investiga em razão de resultados, mas para construir e obter “a compreensão do comportamento a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação”, correlacionado como contexto de que fazem parte. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 16). Na abordagem qualitativa, docentes e a pesquisadora assumiram o papel de sujeitos da investigação, buscando refletir acerca do objeto estudado, no seu acontecer natural, em virtude das problemáticas que o envolvem, a fim de compartilhar os saberes obtidos.

Godoy (2005) destaca alguns pontos fundamentais para se ter uma “boa” pesquisa qualitativa, tais como: credibilidade, apresentando resultados dignos de confiança; transferibilidade, no sentido de realizar uma descrição densa do fenômeno que permita ao leitor imaginar o estudo em outro contexto; confiança em relação ao processo permeado pelo pesquisador; confiabilidade dos resultados, explicitação cuidadosa da metodologia, detalhando minuciosamente como a pesquisa foi realizada e, por fim, relevância das questões de pesquisa, em relação a estudos anteriores.

A entrevista na pesquisa qualitativa é um mecanismo que favorece a aproximação do pensamento do sujeito sobre determinado fato, o sujeito se expressa, sua voz ganha protagonismo e representa outras diversas vozes de outros sujeitos daquele contexto, que reflete sobre a realidade do seu grupo, comunidade, acerca de uma determinada vivência. Assim temos um maior conhecimento daquela realidade e por meio da observação podemos comprovar diversas questões acerca do objeto de estudo, que irão fundamentar e trazer uma

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

maior apreensão da realidade e fundamentação para a pesquisa. Além disso, tem a contribuição que esta pesquisa leva para a comunidade escolar ao qual foi realizada a pesquisa, contribuição e trabalho voltado ao social que visa ajudar no qual se colocou, se propôs. As circunstâncias “tornam o participante da ação um pesquisador de sua própria prática e o pesquisador um participante que intervém nos rumos da ação, orientado pela pesquisa que realiza”. (FIORENTINI E LORENZATO, 2006, p.114).

Dos 12 trabalhos analisados, é muito importante destacar alguns momentos que reverberam justamente na evolução da temática de Direitos Humanos e Educação em Direitos Humanos e suas interlocuções para a prática e sua efetivação enquanto movimento pedagógico voltado para a mudança de uma realidade.

Destacado que ainda necessita de um movimento de aproximação e diálogo entre o campo da educação e os Direitos Humanos. O papel da educação em direitos humanos é criar condições de conhecimento e transformação da consciência sobre o contexto sócio histórico e cultural em que os indivíduos se inserem, criando condições de questionamento crítico e transformação social por meio do processo educativo reflexivo.

Bezerra (2008) evidencia em sua pesquisa o sentimento de que a educação seja capaz de despertar o comprometimento com a transformação de todas as práticas sociais que violem ou neguem os direitos do homem. Assim como Jesus (2011) complementa para que a pesquisa acadêmica possa contribuir para o desvelar dos fatores que dificultam a concretização da educação em direitos humanos no ambiente escolar.

Ainda é sentido um desconhecimento do plano nacional de educação em direitos humanos, assim como um desconhecimento das políticas públicas de educação em direitos humanos, como aponta Oliveira (2013), Bezerra (2016) e Silva

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.) (2016). Estes estudos abrem novas possibilidades à reflexão sobre essa construção e vivência cotidiana dos direitos humanos em todos os contextos sociais, em especial na escola, como destaca Andrade (2013), Jesus (2011) Oliveira (2016).

Categoria 3 – Currículo e Direitos Humanos apresenta uma força de vontade dos pesquisadores em analisar a interlocução do Currículo e Direitos Humanos, entretanto no conjunto das coisas ditas e escritas nas pesquisas analisadas, reconhecemos que as pesquisas desenvolvidas com o instrumento metodológico: entrevistas e/ou questionários, os pesquisadores demonstram a inviabilidade dessa articulação, sobretudo, porque os professores desconhecem os fundamentos dos Direitos Humanos e/ou não tiveram uma formação inicial e continuada que fomentassem uma prática pedagógica voltada para vivência de um currículo assertivo em Direitos Humanos.

No quadro 3 apresentamos as pesquisas analisadas sobre a respectiva categoria em análise, quais foram:

| Títulos das pesquisas | Autor (a) e Ano |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------|
| Educação em Direitos Humanos para o Combate ao Sexismo: contribuições do Letramento na Disciplina de Língua Portuguesa | Cristiane Fontes de Oliveira (2009). |
| Direitos Humanos e currículo a partir da ética da vida | Nilda da Silva Pereira (2012) |
| Direitos Humanos, Educação e Ensino Religioso | Maria Lina Rodrigues de Jesus (2013) |
| Violência Escolar e Educação em Direitos Humanos: Significados produzidos em experiências curriculares de professores/as da Baixada Fluminense. | Amanda Aluani da Silva Aragão (2013) |

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------|
| Juventude e educação em direitos humanos: uma relação presente no currículo do Projovem Urbano de João Pessoa | Renildo Lúcio de Moraes (2014) |
| Proteção às crianças e aos adolescentes em processo de escolarização à luz dos direitos humanos: o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos | Maria do Socorro Estrela Lopes (2014) |
| Contribuições do currículo escolar na promoção dos Direitos Humanos | Elisa Mainarde (2015) |
| Direitos das crianças para crianças: o livro didático em questão | Patrícia Guarany Cunha Santos, (2015) |
| A educação em direitos humanos no currículo escolar | Adriane Vanzo (2016) |
| A Educação em Direitos Humanos no contexto das relações étnico-raciais: desafios e perspectivas no encontro com a Pedagogia Freireana | Julyana de Oliveira Bezerra (2017) |
| Educação em Direitos Humanos e o debate de gênero no sistema público de ensino de Cajazeiras – PB: um estudo sobre a (in)efetividade das políticas públicas municipais em educação | Victor de Saulo Dantas Torres (2017) |
| A escolarização de adolescentes privados de liberdade: desafios e perspectivas para a Educação em Direitos Humanos. | Leonardo de Medeiros Diniz Dantas (2017) |

Fonte: elaboração própria

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Todas estas pesquisas são qualitativas. Os tipos de pesquisa são: estudo de caso, pesquisa de campo, pesquisa-ação, pesquisa bibliográfica, pesquisa documental. Já no que diz respeito aos procedimentos metodológicos de coleta de dados são: observação participante, questionário, entrevista e a intervenção pedagógica.

No que concerne à análise dos dados são feitos a partir da análise de discurso, análise de conteúdo e decodificação e categorização. Um achado metodológico interessante que podemos destacar nas pesquisas investigadas é que duas delas usaram os círculos de cultura de Freire (1981) para desenvolver metodologicamente as suas pesquisas. As pesquisas que usaram o legado freiriano como procedimento metodológico foram: *A Educação em Direitos Humanos no contexto das relações étnico-raciais: desafios e perspectivas no encontro com a Pedagogia Freireana* de Julyana de Oliveira Bezerra (2017) e a pesquisa *Educação em Direitos Humanos para o Combate ao Sexismo: contribuições do Letramento na Disciplina de Língua Portuguesa* de Cristiane Fontes de Oliveira (2009). Nessas pesquisas as autoras foram à escola, campo de investigação e vivenciaram com as professoras pesquisadas momentos de produção e reflexão sobre os direitos humanos, o que lhes possibilitaram concluir que os professores não possuem formação em direitos humanos, razão pela qual o currículo fica comprometido em ser vivenciado na perspectiva dos direitos humanos.

No que diz respeito ao campo teórico, todas as autoras fazem remissão aos teóricos do currículo e dos Direitos Humanos, tais como: Silveira (2014); Paulo Freire (1987); Cruz Neto (1999); Triviños (1987); Foucault (1987); Freitas (2013); Minayo (1986); Beauvoir (1967); Butler (2012); Bourdieu (2012); Freitas e Chaves (2013); Silva (2006); Silveira (2014); Louro (1999); Araújo (2016); Souza (2006) e Reis (2011),

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

abordando sobretudo o marco legal das diretrizes curriculares e dos direitos humanos.

Nesta perspectiva, elucidamos que os autores das pesquisas investigadas manifestam a vontade de termos nas escolas um currículo que se ocupe em vivenciar de fato e de direito os Direitos Humanos nas escolas, pois embora tenhamos o marco legal das diretrizes curriculares e dos Direitos Humanos ainda falta a sua efetiva interlocução no fazer pedagógico dos professores.

Situação que está posta nas pesquisas que usam o procedimento de coleta de dados o questionário e a entrevista, no momento da análise dos dados as autoras percebem a dificuldade que os sujeitos da pesquisa têm para formular uma resposta coerente com a pergunta em relação ao currículo e os Direitos Humanos. Como a maioria das pesquisas investigadas utilizam a pesquisa documental, logo a interlocução do currículo com os Direitos Humanos se fazem presentes, bem como nos conceitos categoriais e operatórios dos direitos humanos e do currículo assinalados pelos teóricos de ambos os campos epistêmicos de saber: Currículo e Direitos Humanos. Entretanto, quando os autores das pesquisas analisam os dados coletados, por meio das entrevistas, questionários e observação participante, percebem a dificuldade dos professores em suas narrativas, bem como, compreendem que existem lacunas na efetivação do currículo e dos Direitos Humanos no chão da escola.

Desta feita, assinalamos que há particularidades inerentes a cada pesquisa. Para compreendermos como está estabelecida a interlocução do currículo com os direitos humanos, tendo em vista que no conjunto das coisas ditas e escritas nas pesquisas realizadas, podemos situar a interlocução do currículo e dos direitos humanos no campo teórico, metodológico e empírico com raridade. Isto é, existe uma regularidade enunciativa no que concerne a esta interlocução

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

nos documentos analisados, entretanto não no chão da escola, embora se destacam apenas duas pesquisas que estão coerentes nessa articulação de currículo e Direitos Humanos, quais são: Juventude e educação em direitos humanos: uma relação presente no currículo do Projovem Urbano de João Pessoa de Renildo Lúcio de Moraes (2014) e a pesquisa Violência Escolar e Educação em Direitos Humanos: Significados produzidos em experiências curriculares de professores/as da Baixada Fluminense de Amanda Aluani da Silva Aragão (2013). Em ambas, a articulação do que está posto no PPP das escolas é praticado no cotidiano escolar.

Portanto, assinalamos que existe um currículo prescrito que está distante do currículo real que considere efetivamente a prática dos direitos humanos no seio escolar. Pois de 12 pesquisas analisadas, apenas 2 demonstram que há articulação do currículo com os Direitos Humanos. As 10 pesquisas outras apresentam um esforço intelectual que os pesquisadores realizaram para tentar evidenciar essa articulação, mas seus achados apresentam uma dificuldade enorme que os professores têm, inclusive para responder as perguntas, quiçá praticar um currículo interlocutado aos Direitos Humanos. Portanto, esta é a razão pela qual se justifica a importância dessa análise que se propõe a elucidar a articulação inerente ao currículo em direitos humanos, ora encontramos ora não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente mesa teve por finalidade apresentar os achados sobre os Direitos Humanos em suas categorias analíticas, quais foram: formação de professores, direitos humanos e currículo. Foram analisadas as pesquisas que vem sendo desenvolvidas ao longo de uma década, as quais nos mostram que os Direitos Humanos é essencial no contexto escolar e que precisa ser ampliado tanto no campo teórico

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

quanto no metodológico, pois ainda não vem sendo vivenciado com efetividade nas escolas, embora se faça muito necessário tanto para formação de professores quanto para o currículo, pois esta tríade: formação de professores, currículo e direitos humanos precisam caminhar juntos em unidade teórica e metodológica.

Destacamos que as contribuições dessa discussão para um evento que trata do legado do célebre educador Paulo Freire é crucial, pois uma educação transformadora, libertadora e emancipatória se faz com a interlocução aos direitos humanos, indivisíveis, inalienáveis e universais que devem atravessar todos os territórios formativos para a promoção de uma educação crítica e consciente de que os sujeitos são sujeitos históricos e não meros objetos da história, por isso que se destaca no conjunto das pesquisas analisadas o Círculo de Cultura como procedimento metodológico da prática educativa e da metodologia de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Julyanna de Oliveira. **A educação em direitos humanos no contexto das relações étnico-raciais: desafios e perspectivas no encontro com a pedagogia freireana.** (Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos da Universidade Federal da Paraíba) UFPB. João Pessoa. 2017.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Portugal: Porto Editora, 1994.
- CANDAU, Vera Maria. **Educação em direitos humanos: desafios atuais.** In: GODOY, Rosa et.al. Educação em Direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2007.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

CARBONARI, Paulo César. **Realização dos Direitos Humanos.** Coletânea de referências. Passo Fundo: IFIBE, 2006.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. **Investigação em educação matemática: percursos teóricos e metodológicos.** Coleção formação de professores.3. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2008.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade.** 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981.

GODOY, A. S. Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa. Revista Eletrônica de Gestão Organizacional, v. 3, n. 2, p. 81-89, mai./ago. 2005.

OLIVEIRA, Cristiane Fontes de. **Educação em Direitos Humanos para o Combate ao Sexismo:** contribuições do letramento na disciplina de Língua Portuguesa. (Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos). UFSCAR. São Paulo, 2009.

SAUL, Alexandre. **Prática teatral dialógica de inspiração freireana:** uma experiência na escola, com jovens e adultos. 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado) - PUC/SP, São Paulo, 2011.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

LAS POSIBILIDADES DEL INÉDITO VIABLE PARA UNA CULTURA DE PAZ, EXPERIENCIAS DE RESISTENCIA EN MÉXICO Y BRASIL

Zulma Vianey Amador Rodríguez⁸
Gialuanna Enkra Ayora Vázquez⁹
Karla Fornari de Souza¹⁰

Soñar colectivamente sueños posibles se constituye en la denuncia de la realidad excluyente y el anuncio de posibilidades de cambio que genera el compromiso de las posibilidades de concretización, el inédito viable está en el campo de las posibilidades y no de las certezas. Alternativa construida colectivamente (FREIRE, 2016, p. 134).

⁸Doctora en Ciencias Sociales, con especialidad en Antropología Social por el CIESAS-Occidente, Guadalajara, México. Educadora popular. Profesora-investigadora de la Universidad Veracruzana. Docente de la Maestría en Educación para la Interculturalidad y la Sustentabilidad y la Maestría en Estudios Transdisciplinarios para la Sostenibilidad, de la Universidad Veracruzana. Email: zuamador@gmail.com

⁹Doctora en Investigación Educativa por el Instituto de Investigaciones en Educación de la Universidad Veracruzana (2018). Profesora de la Facultad de Sociología y de la Maestría en Educación para la interculturalidad y la sustentabilidad. Miembro de Bunko Papalote A.C. y de la REIR, Red Latinoamericana de Investigación y Reflexión con niñas, niños y jóvenes. ORCID: 0000-0002-8487-3268/ gialuanna@hotmail.com

Bunko Papalote A.C./Facultad de Sociología de la Universidad Veracruzana.

¹⁰Maestra en Educación Popular por la Universidade Federal de Paraíba. Educadora Popular, miembro del Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação do Campo (NUPEFEC- UFPE), colaboradora del Centro Paulo Freire -Estudos e Pesquisas y miembro del Núcleo Carolina Maria de Jesus: Pesquisa e Extensão em Educação Popular, Agroecologia e Alfabetização da Classe Trabalhadora (UFRB). Técnica en Agroecología y miembro del Colectivo Kapi'wara de Agroecología urbana. Email: davarzea@yahoo.com.br

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

RESUMEN: Este texto es un diálogo Freiriano entre México y Brasil, un compartir de experiencias de resistencia, de acción cultural que busca la reflexión crítica sobre algunas nociones que conforman el legado de Paulo Freire a 100 años de su existencia. Hemos puesto como central el concepto de inédito viable, pues es nuestra guía común para seguir acompañando y construyendo posibilidades regionales, territoriales, sociales y culturales como procesos educativos para la construcción de una cultura de paz. La educación es para nosotras, como para Paulo Freire, un acto político; en su sentido amplio, es el camino en el que los procesos y acciones culturales son espacios comunitarios, colectivos, dialógicos, que forman parte de pedagogías críticas, decoloniales, autónomas, que permiten vivir la esperanza. Nuestra apuesta política para la construcción de una Cultura de paz es nombrar, visibilizar e intercambiar los aprendizajes de las experiencias educativas que han sido y son posibilidades de inédito viable, experiencias que en sus principios, filosofías y aportes, están de una u otra forma vinculadas a la noción del Buen vivir de nuestros pueblos de Abya Yala.

PALABRAS CLAVES: Cultura de paz. Educación Popular. Inédito viable. Resistencia. Esperanza.

INTRODUCCIÓN

Este escrito es un ejercicio de diálogo problematizador, amoroso y de reflexiones críticas a partir de nuestras experiencias formativas y de militancia en contextos específicos de México y Brasil. Contextos diferentes, pero al mismo tiempo marcados por problemáticas comunes que buscan seguir pensándose junto con Paulo Freire, a sus 100 años de existencia. La pandemia provocada por el virus SARS-CoV2 ha puesto de manera más evidente las profundas desigualdades, la precariedad de la vida, la negación de derechos básicos para

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

una vida digna: el derecho a la salud, a la alimentación, a la vivienda, al empleo, a la seguridad laboral, entre otros. La mayoría de los países de nuestra región viven una crisis de salud pública que se refleja en las demás dimensiones de la vida. Aunado a ello, las crisis políticas, económicas y sociales que llevan décadas en nuestros territorios; crisis que manifiestan las diferentes violencias que nos atraviesan: estructurales, simbólicas, pero también directas y tremendamente crueles. En los últimos años, se han incrementado de sobremanera los datos de la violencia contra las mujeres y las niñas, contra la juventud negra, contra las personas transgénero. La tragedia del hambre se ha diseminado por el planeta, así como la destrucción de nuestras riquezas naturales. La defensa de la vida, de la tierra-territorio de las culturas originarias ha significado persecución y muerte de muchas y muchos luchadores sociales, liderazgos comunitarios y ambientalistas en toda la región latinoamericana.

En México, esta violencia sistémica fue construyendo el caldo de cultivo para la indignación y el rechazo a estos gobiernos, por la profundización de la pobreza económica y sus consecuencias sociales.¹¹

Entre 2012 y 2019, 83 defensores del territorio fueron asesinados; en lo que va de 2021 han sido asesinados 28 defensores ambientalistas y líderes indígenas. La violencia sociopolítica que vive este país, de manera más acentuada y sistemática desde 2006, en el marco de la “guerra contra el narcotráfico”, ha generado violaciones graves a los derechos humanos. En esta violencia también ha sido parte el Estado Mexicano, como es el caso de la desaparición forzada, la tortura, detenciones arbitrarias, las llamadas ejecuciones

¹¹ Para conocer más a fondo la violencia regional ver: Zavaleta Betancourt, José Alfredo (2020) *La violencia regional en México*. Buenos Aires. CLACSO/Universidad de Ciudad Juárez. Libro digital.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

extrajudiciales. Pueblos enteros han sido obligados al desplazamiento forzado ante la amenaza del crimen organizado. De acuerdo a los datos de la Comisión Nacional de Búsqueda, la cifra oficial de personas desaparecidas en territorio mexicano hasta 2021 es de 82, 241; se han localizado más de 4 mil fosas clandestinas en varios estados de la República Mexicana; y más de 38 mil cuerpos esperan ser identificados. Esto es el resultado de décadas de impunidad, dolor y miedo en la población que habita y transita por el país. Vivimos una grave crisis de derechos humanos, con crímenes de lesa humanidad.

En Brasil, las extremas derechas han retomado el poder, y sus gobiernos han tratado de eliminar los derechos conquistados con mucha lucha, sudor y sangre de la clase trabajadora. Hemos vuelto al mapa del hambre, tenemos cerca de 14 millones de personas desempleadas, las empresas estatales están siendo privatizadas, enfrentamos al *agro hidro minero negocio* y nuestras riquezas naturales están siendo vendidas. Además, cada día vemos en la televisión 'nuevos' proyectos de leyes que sólo han quitado los derechos de la clase trabajadora, atacado la seguridad social y precarizado cada vez más las relaciones de trabajo. En los centros urbanos, las personas volvieron a vivir en las calles, hoy se ve muchas madres con sus hijos, muchos niños en las calles pidiendo ayuda, una tragedia humana, negándose todos los derechos a la infancia. Y aún peor se presentan las crisis y conflictos en el territorio camponés. De acuerdo con el Atlas de la Violencia producido por el IPEA (2020) asocian los conflictos en el medio rural a un extenso rol de factores, "como los altos índices de concentración de terratenientes, la explotación intensiva de los recursos naturales y los conflictos, envolviendo la disputa por la posesión y titularidad de la tierra. [...] la localización en áreas fronterizas, el desarrollo de actividades ilícitas, como el narcotráfico, robo y contrabando de mercancías, así como la

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

presencia de grandes emprendimientos y cambios bruscos en los flujos migratorios de una determinada región.” (IPEA, 2020, p.11).

Desde este panorama en México y Brasil, observamos que el dolor humano parece normalizarse dada la cotidianidad de la violencia. Esta normalización permite que se experimente una especie de *pedagogía de la indiferencia* (GENTILI, 2011). La indiferencia y el miedo han sido y son mecanismos de control y de inhibición de la acción colectiva. La normalización de la violencia refuerza el mensaje de que ésta, es inherente a las personas y que no es posible trascenderla. Ello abona a la desesperanza y eso nos inmoviliza; asimismo provoca otras reacciones, como negación, anestesia a lo que sucede alrededor, en la propia colonia, en la comunidad o ciudad. Ello contribuye a nuestra fragmentación, a la individualización, diluyendo las posibilidades de solidaridad, sororidad y cooperación.

Este escenario actual de crisis en Latinoamérica o mejor llamada Abdyá Yala, que en lengua cuna quiere decir “tierra en plena madurez, nos impulsa y motiva para hacer las denuncias necesarias con toda la fuerza de nuestra indignación. ¡Es triste el escenario que podemos nombrar como Paulo Freire lo hizo, de situaciones límites! La expresión ‘situaciones-límites’ aparece por primera vez en la obra de Freire *Pedagogía del Oprimido* (1974), vinculada al ‘inédito viable’, cuando el autor relaciona las situaciones opresoras impuestas a la necesidad de búsqueda colectiva de su superación. “Para alcanzar la meta de la humanización [...] es imprescindible la superación de las ‘situaciones – límites’ en que los hombres se encuentran casi *cosificados*” (FREIRE, 1974, p. 111).

En estas situaciones límite cabe preguntarnos ¿cómo construir caminos para la humanización, para reinventarnos a partir de otras formas de ser y estar en el mundo, individual y colectivamente, que signifique dignificar la vida en la

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

diversidad, el cuidado mutuo y de la 'casa común' que habitamos? Esta pregunta guía nuestra conversación, sentires y reflexiones sobre la acción. Si bien nos agobian todas esas violencias y opresiones, buscamos juntas, con ustedes y en conversación con Freire, nutrir nuestro esperar; develar pequeños atisbos, acciones, grietas de luz que iluminen otras posibilidades de ser, estar y construir otros mundos posibles.

EDUCACIÓN COMO ACCIÓN CULTURAL EN SITUACIONES LÍMITE

En las situaciones límite, más allá de las cuales se encuentra lo "inédito viable", a veces perceptible, a veces no, se encuentran razones de ser para ambas posiciones: la esperanza y la desesperanza (FREIRE, 1992 p. 11).

Asumimos la actualización de la concepción de educación que retoma Souza, a partir de sus interacciones con Freire, "entendida como actividades culturales para el desarrollo de la cultura" (SOUZA, 2007, p.15). Y así reafirmamos nuestra opción junto a los sectores populares y a los pueblos originarios y comunidades para construir colectivamente una cultura de paz, de solidaridad, de buen vivir, creando posibilidades de humanización de la vida. Vivimos diversas y distintas situaciones límites que vienen impulsando la creación colectiva/comunitaria de inéditos viables. Luchas distintas y complementarias por la humanización de la vida. Espacios de encuentro, de reflexiones, de diálogo amoroso, de creación colectiva de alternativas, nuestra anunciación.

El otro lado de la moneda de estas violencias en las situaciones límite, son las pequeñas conquistas de nuestros pueblos, gracias a la resiliencia y la creatividad social y política de cuño latinoamericano que nos mantienen en pie. Así, al mismo tiempo que el gobierno mexicano abrió la puerta al

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

neoliberalismo en los años 90's, los pueblos indígenas chiapanecos se levantaron construyendo, hasta el día de hoy, una defensa de la tierra y de la autonomía económica y educativa. Las comunidades zapatistas nos han puesto el ejemplo y han regado la semilla de la lucha autónoma en diferentes regiones indígenas y no indígenas. Mientras reflexionamos y escribimos juntas esta conversación, la Caravana Zapatista por la Vida, encabezada por el Escuadrón Marítimo 421, recorre Europa; en su marcha por las calles de Madrid resuenan sus palabras al mundo: "Las tierras robadas serán recuperadas" y "No nos conquistaron", a propósito de la conmemoración de los 500 años de la caída de Tenochtitlan, 500 años de resistencia de los pueblos originarios.

También, los movimientos de autodefensa de los pueblos de diferentes regiones en México, luchan contra los cárteles del narcotráfico. Son un ejemplo de la defensa del territorio, de sus prácticas culturales, de sus educaciones, como el caso del pueblo purépecha de Cherán, Michoacán, y los niños autodefensas del estado de Guerrero. Los diferentes colectivos de familias de personas desaparecidas continúan luchando por hacer efectivos los procesos de búsqueda en territorio, de identificación, de restitución de derechos. En el camino se han ido formando en peritaje forense, en búsqueda, en documentación e investigación; fortalecen sus redes, pese a lo complejo y doloroso que puede llegar a construirse y aprender en colectivo. "Vivos se los llevaron, vivos los queremos", "Vivas nos queremos", es el grito de colectivos, colectivas, organizaciones, comunidades a lo largo del territorio mexicano.

Estas situaciones límite que mencionamos, nos han impulsado a poner nuestra mirada y acciones hacia las comunidades, los grupos, organizaciones y movimientos sociales populares. Ha sido un período de muchos aprendizajes, de reconexión, en dónde muchas acciones han permitido

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

enfrentar estos procesos de manera más solidaria, más amorosa y políticamente comprometida. En Brasil, en el contexto de esta pandemia, el Movimiento de Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST), en asociación con otros movimientos, organizaciones y universidades públicas han distribuido más de 4 mil toneladas de alimentos para personas moradoras de calles, o en situación de vulnerabilidad social; han hecho formación de agentes populares en temas de salud; han organizado colectivos de médicos populares, pues los sistemas públicos de salud están saturados.

Se trata de acciones concretas que nos muestran las resistencias desde un posicionamiento ético político del buen vivir. Desde este lugar es que nuestros pueblos experimentan y construyen una cultura de paz.

EL INÉDITO VIABLE DEL BUEN VIVIR

La paz implica acción y ésta es indisociable de la justicia, la dignidad y el ejercicio de los derechos humanos. Construir la paz, o reconstruirla, implica idear un proyecto de humanización, de reinventar otras formas de ser como sociedad que tengan como base el respeto, la solidaridad, la cooperación, la comprensión, la compasión, la tolerancia. Lo anterior requiere una labor pedagógica donde el diálogo es central.

Por ello decimos que se trata de educación en su sentido más amplio, no exclusiva de los diferentes niveles educativos formales, sino que abarca todas las dimensiones de la vida social. Es un trabajo educativo orientado a la transformación social que involucra a diferentes agentes, instituciones, organizaciones, colectivos, asociaciones, niveles de gobierno, universidades, quienes deberán articularse en este esfuerzo por la restauración de nuestra humanización.

La paz es un proceso de reaprendizaje social y para ello, como menciona Lederach (LEDEREACH, 2016), es

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

imprescindible re-humanizar el conflicto. Para re-humanizarnos queremos mirar las prácticas cotidianas que desde nuestros pueblos nos han permitido mantener la vida, relacionarnos de otras formas entre nosotros y con la naturaleza, re-aprender a respetar las diferentes manifestaciones del ser y recordar las formas educativas que lo han permitido. Por ello, revisitando el pensamiento de Paulo Freire y su contribución a la educación popular, a la luz de los desafíos actuales que implica generar estrategias pedagógicas para promover procesos de pacificación, reconciliación y transformación de situaciones que nos han deshumanizado, encontramos resonancias, miramos que son principios de un Buen vivir que construyen cultura de paz, o mejor dicho, de paces.

Entendemos el buen vivir como expresiones Latinoamericanas que encierran las cosmovisiones y epistemes de nuestros pueblos, hablan de cómo conciben las relaciones comunitarias y la armonía de la vida humana con la naturaleza. Nos dice del necesario respeto a la madre tierra para que nos siga brindando su riqueza, su cuidado, vida. Tiene que ver con las formas de habitar, por ello el cuidado en todas sus dimensiones, habla de la resolución del conflicto también, de la reflexión y la autoreflexión, de la capacidad de respetar y amar. La paz se construye de múltiples maneras desde estas cosmovisiones, pero la colonización y la colonialidad del ser de nuestros pueblos nos ha hecho creer que la buena vida latinoamericana es retraso, ignorancia, tercer mundo; ha llenado el pensamiento de rechazo a lo propio y por lo tanto a estas formas de hacer, de educar, de convivir, de resolver los conflictos. El pensamiento de Paulo Freire ha sido descolonizador, nos ha hablado de las relaciones de poder que necesitamos entender para emanciparnos de ellas y emanciparnos de los otros y de los procesos que niegan nuestra vida buena.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Pensamos que colocar al frente el buen vivir desde cada región de latinoamérica, alimentado con los saberes compartidos de los diferentes pueblos abre posibilidades de procesos de aprendizajes comunitarios, de circuitos educativos amplios, ricos en experiencias. Ello implica, en primera instancia, dar cuenta de la dimensión social y cultural del proceso educativo, en la que la experiencia individual y colectiva es fuente de aprendizaje; segundo, situar la dimensión dialógica, práctica esencial del proceso educativo y sin la cual no es posible el crecimiento humano; y tercero, la construcción de lo "inédito viable", es decir, el horizonte, el sueño, la utopía que orienta la acción para la construcción de lo posible.

El proceso educativo no es neutral. Gentili (2011), nos dice que el proyecto neoliberal de la educación, en el continente latinoamericano, ha estado sostenido en la reproducción de una "pedagogía del desprecio", basado en la individualización y el rechazo por los pueblos originarios y su cosmovisión. Y esto se traduce, entre otras cosas, en una escasa solidaridad y empatía hacia sus expresiones, reforzando las desigualdades sociales, de género, culturales y el racismo.

Freire destinó su amplia obra a repensar una praxis pedagógica que promueve la reflexión crítica desde experiencias concretas, en contextos específicos. Su trabajo no sólo permite repensar la educación como una teoría crítica, sino también, la existencia humana, la vida. Para el autor, la educación es esencialmente dialógica, sin un diálogo crítico no es posible un aprendizaje genuino. El diálogo es una exigencia existencial, la cual no puede ser muda, sino, más bien, basada en palabras verdaderas, honestas; pues la práctica dialógica está mediada por el amor, a la humanidad, al mundo. Sin embargo, garantizar el diálogo es una tarea compleja, requiere compromiso, respeto a la dignidad del otro, de la otra, humildad, situarse en tiempo-espacio y cuidar permanentemente condiciones de equidad en las relaciones

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

interpersonales. No es un diálogo ingenuo, sino crítico, que puede potenciar el trascender y re humanizarse.

En *Pedagogía de la Esperanza*, donde Freire actualiza su primera obra, 20 años después, describe lo “inédito viable” a partir de las “situaciones límite” que se pueden vivir, en el ámbito personal y social, y que nos colocan frente a obstáculos. Cuando es posible la reflexión-acción sobre esa situación límite, se puede percibir críticamente, “destacar” ese tema o problema en la vida cotidiana, enfrentarlo y buscar trascenderlo. Esta acción es justo lo que lleva a descubrir lo “inédito viable”; de lo contrario sería la aceptación pasiva de ese problema. Lo “inédito viable” es algo que aún no se conoce o se vive, pero se percibe, se sueña, se imagina. Es algo potencialmente creador y creativo que activa en el sujeto la búsqueda y realización de “ser más”.

Un proceso educativo debe tener en su seno el análisis, reflexión y comprensión de la compleja realidad y su transformación a otras formas de vida colectiva basadas en la solidaridad, la justicia, el bienestar integral, la libertad de ser y hacerse mejores personas, en el respeto en la diferencia y en la reconstrucción de la paz en el territorio regional y nacional. Ciertamente, la educación en sí misma no transforma; las posibilidades de transformación están en la capacidad de agencia de sujetos reflexivos y críticos.

ACCIONES CULTURALES COMO POSIBILIDADES. MÉXICO.

En Xalapa. Desde 1993, conformamos una pequeña biblioteca comunitaria^[1]. Desde entonces se ha realizado un trabajo colectivo por situar la experiencia, desescolarizar la relación con la lectura y los libros, y generar espacios de contención emocional y reflexión acción, con niñas y niños.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

En el camino hemos tenido diferentes cuestionamientos, siempre basadas en una mirada crítica, teniendo muy presente el legado de Paulo Freire. Nuestro lema y nombre del programa principal que agrupa las bibliotecas comunitarias es “leer para transformar”. Nos hemos inspirado en la educación y la lectura como un acto político.

Como organización de la sociedad civil, nuestra práctica ha tenido diversos momentos, los más importantes han sido aquellos que nos han permitido movernos del lugar hegemónico y colonizador del papel de la lectura y la escritura, abrazando la educación como proceso no escolarizado. La fuente de la transformación que buscamos está en la libertad del sujeto (bebés, niñas, niños y jóvenes), para transitar al sujeto político, a mirarse con las y los otros, a leer el mundo desde ahí, en el darse cuenta e incidir en la construcción de un buen vivir.

Una primera transformación fue poner al centro las relaciones humanas y con la vida no humana en la socialización de la lectura, para descentralizar el papel de los libros y la lectura hegemónica, escolarizada y no escolarizada. Desarmar las ideas de la literatura occidentalizada como “la” literatura, sus contenidos como colonizadores del ser (CASTRO-GOMEZ y GROSFOGUEL, 2007) y convertir la experiencia en encuentro con otros diversos. Priorizando la lectura del mundo, el mundo de las niñas y los niños, situados, locales, desde sus realidades sociales y culturales como Freire nos enseñó.

Una segunda transformación surgió del contacto con los pueblos indígenas del país, principalmente purépechas y mayas-yucatecos (AYORA, 2012, 2018) con quienes aprendimos a nombrar las *literacidades* (ZAVALA, 2004), entendidas no como (*literacy, en Inglés*) sino como una concepción crítica de las relaciones de poder que se establecen a partir de la lectura; que entiende y visibiliza las diversas formas de relacionarse con la lectura y la escritura, desde los

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

términos y necesidades propios, es decir desde las epistemes locales y situadas y sus prácticas socioculturales. Los principios de una pedagogía de la autonomía Freiriana.

Una tercera transformación surgió a partir de vincularnos con redes de saberes y haceres, La Red Latinoamericana de Investigación y reflexión con niñas, niños y jóvenes (REIR), y con una La Red de Custodios del Archipiélago de Bosques y Selvas de Xalapa^[2], una red ciudadana en la que se han generado acciones de cuidados y buen vivir; con ella comenzamos una experiencia con niñas y niños como práctica en la defensa de sus derechos, de cultura de paz, visibilizando su participación, cuestionando el adultocentrismo, co-construyendo con ellas y ellos protagonismo infantil y sujeto político infantil (CUSIANOVICH, 2017) y recuperando con ello el principio del “inédito viable” que Paulo Freire nos regaló para pensar en utopías posibles. Con este principio del inédito viable y las paces comunitarias^[3], soñamos y actuamos diariamente para habitar de otras maneras, poniendo énfasis en lo que contrarresta la situación actual de nuestro continente y el país. En esta etapa estamos.

En el Totonacapan. En marzo de 2019, por invitación de la Comunidad de Músicos y Danzantes del Totonacapan asistimos, en el marco del festival *Cumbre Tajín, festival de la identidad*^[2] asistimos al Conversatorio: “La aportación de los pueblos originarios a una cultura de paz”. Éste tenía el propósito de dialogar sobre una visión de paz como proceso que implica reconocer tensiones y que apela a una construcción colectiva del bien común. Si bien, los diversos Conversatorios se situaban en el marco de una gran festividad, la organización de los mismos y los contenidos a abordar fueron resultado de un proceso de consulta y reflexión en las localidades de la sierra

¹²La Cumbre Tajín, es una iniciativa creada hace más de veinte años por parte del gobierno del Estado de Veracruz.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

del Totonacapan. Grupos de danzantes, músicos, abuelas y abuelos decidieron los temas que necesitaban conversar, estableciendo un diálogo respetuoso donde privilegió la pluralidad, el uso de la palabra de manera equitativa, reconociendo los saberes de todas las personas participantes. Este ejercicio de consulta en sus comunidades no fue nada nuevo. Ese primer acercamiento nos permitió advertir que el proceso de organización de la comunidad se expresaba en la apropiación de un espacio de interlocución y autoafirmación, que desde el ámbito gubernamental ha estado cooptado por una visión folklorista del pueblo totonakum.

Meses después, la Comunidad nos solicitó nuestra colaboración, a la Universidad Veracruzana y la Dirección de Cultura de Paz y Derechos Humanos del Gobierno del Estado de Veracruz, para apoyar un proceso de construcción de una escuela de paz en la región del totonacapan. El proyecto nacía de la fuerte necesidad de generar estrategias para pacificar la región ante las amenazas del crimen organizado, las desapariciones, teniendo como referente la cultura ancestral como fuente de arraigo y pertenencia.

Antes de la pandemia tuvimos dos reuniones-talleres en el Parque Temático Takilhsukut, ubicado a escasos kilómetros de la zona arqueológica de El Tajín. El propósito fue, en primera instancia, la articulación entre varias instituciones y organizaciones, incluyendo la Universidad Veracruzana Intercultural, el INAH (Instituto Nacional de Antropología e Historia), el Centro de las Artes Indígenas, la administración del Parque Temático; así como delinear el por qué y para qué de una escuela de paz. Las abuelas y abuelos dieron su palabra manifestando ampliamente su sentir, su preocupación por salvaguardar la integridad de niñas, niños y jóvenes, de fortalecer los vínculos comunitarios y el arraigo cultural. Expresaron ampliamente que, desde su cosmovisión, cada persona nace con su estrella y un animal cuida el alma, por

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

ello, es importante cuidarla, cultivarla y hacer brillar esa estrella. Esto no es sólo un asunto de cada persona, sino de una comunidad que cuida de sí. Para la cultura totonaca, cada persona debe saber y conectarse con su pasado, de dónde viene, para poder plantarse en su presente y saber hacia dónde va. De los contrario, el alma se pierde, la persona pierde el sentido y la misión en su vida; y en un contexto de violencias se es más vulnerable a que esto suceda.

En los talleres fue posible trabajar la problematización de las situaciones de vida, la precarización, la salud física y emocional, la vulnerabilidad de las infancias y juventudes, las particularidades en su territorio. Cada quien expresó, en lengua totonakum, lo que significa vivir bien, estar en armonía, en paz, qué aspectos de la vida y prácticas contribuyen a ello, y que lo desvirtúa. También realizamos ejercicios para construir lo que se imagina, lo que se desea, las posibilidades para el cuidado y bienestar colectivo. Para ello, cada quien fue expresando los saberes que podía compartir, la responsabilidad que tiene o podría tener en su comunidad, el establecimiento de compromisos para fortalecer la red entre comunidades. Fue muy conmovedor escuchar los testimonios de las abuelas y abuelos, expresados en su lengua y traducidos para quienes no sabemos la lengua. Los desafíos son enormes, no sólo por la violencia misma del territorio, sino también porque el contexto de pandemia ha limitado el movimiento de algunas personas y de realizar actividades. Pese a ello, esta propuesta va caminando al ritmo de los tiempos; hoy la comunidad de músicos y danzantes está trabajando en un acervo videodocumental de su música y danzas de manera autogestiva, decidiendo su propia visión y su narrativa. Asimismo, decidieron construir su propia Cumbre Tajín desde sus comunidades, deslindándose de la iniciativa estatal, algo sin precedentes en la historia del festival. Crear un proyecto propio, así como generar diferentes acciones que fortalecen a la propia organización de

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

músicos y danzantes, ha implicado largas asambleas, mucha escucha, paciencia y establecer acuerdos como colectivo, este proceso nos muestra que lo posible implica no desistir y luchar desde el propio espacio físico, cultural y simbólico, desde donde se construyen sentidos y significados a las experiencias de organización comunitaria.

En Pernambuco hemos trabajado con la formación de profesores de las escuelas del campo (zona rural), a través del Núcleo de Estudios, Pesquisas y Extensión en Educación del Campo (NUPEFEC- UFPE) enfrentando otro crimen contra la educación: el cierre de más de 80.000 escuelas de estos territorios. Trabajamos desde la perspectiva de sus identidades, sus territorios, su cultura y la agroecología como modelo de desarrollo. Hace años, a través de programas del gobierno federal, se tuvo la conquista para los profesores que no tenían una formación específica para actuar en estos territorios. Y, sobretudo, para los sujetos del campo, que en Brasil, desde 2010, son reconocidos pueblos del campo:

[...] agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural (BRASIL, 2010, p. 1).

Sujetos que, al mismo tiempo que enfrentan las más crueles “situaciones límites” impuestas por el sistema capitalista, clasista, racista y patriarcal, recrean su pertenencia, transformando sus territorios, pues siguen en movimiento permanente de luchas, de reconexión con la naturaleza y los seres humanos, con raíces fuertes, ampliando la conciencia del ‘estar siendo en el mundo’, accediendo a otras maneras de organización, de vivencia, de cultivo, de ritual, de formación

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

humana y política. La diversidad y complejidad de estos territorios exigen un compromiso, una inmersión en sus realidades, una lectura crítica de sus problemas y la búsqueda colectiva de soluciones, así como trabajar y garantizar los procesos de escolarización para las poblaciones del campo, indígenas y quilombolas.

Durante la pandemia también tuvimos la oportunidad de desarrollar la pesquisa “Educación y prácticas comunitarias: educación del campo, quilombola, indígena y de frontera en el Norte y Nordeste de Brasil” por la Facultad Latino-Americana de Ciencias Sociales (Flacso- Brasil) en coordinación con la Porticus en el año de 2020. Reunimos un equipo de ocho investigadoras, entre ellas: indígenas, quilombolas, representantes del MST y profesoras del campo y de frontera. Como productos fueron elaborados un mapa georeferenciado identificando experiencias de educación con inserción comunitarias que vienen promoviendo muchas transformaciones en sus sujetos y sus territorios respectivamente, en las regiones Norte y Nordeste del país, las mismas regiones en donde son registrados casos de violencia, de asesinato y de conflictos por la tierra y por el agua. Una producción muy bonita que buscó dar visibilidad (anunciar) a las experiencias emancipatorias y hacer reflexiones críticas sobre las diversas posibilidades de diálogo profundo entre la escuela, su comunidad y también de denunciar la ausencia de políticas públicas que puedan dar cuenta de las demandas de estos sujetos.

Finalmente, compartimos una experiencia que nos está motivado muchísimo en tiempos tan difíciles de pandemias y pandemonios, a través del curso técnico de agroecología ofrecido por el Servicio de Tecnología Alternativa (SERTA), hemos trabajado los sueños y proyectos de vida de los estudiantes. Así hemos retomado una práctica comunitaria de educación popular muy conocida, que es el ‘esfuerzo conjunto’ de cooperación mutua (conocido en Brasil como ‘mutirão’) en

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

donde el diálogo, la solidaridad, la participación colectiva son los ejes de todas las acciones. Tenemos implementadas muchas tecnologías sociales para el acceso y manejo adecuado del agua, para la producción de alimentos orgánicos, para su beneficio, experiencias de producción de plántulas y de reforestación. Pero lo más rico son los encuentros, la reconexión con la naturaleza y las personas, la creación de alternativas para una vida colectiva saludable, con diversidad, seguridad alimentaria, ambientalmente equilibrada y económicamente justa, diferentes maneras de reinventarnos a nosotros mismos en la dirección de la sociedad que deseamos, culturalmente diversa, socialmente justa. Aprendizajes que traemos de nuestros ancestros y nos comprometemos a mantenerlas vivas. Ahí va la nave... hacia la revolución!

A MANERA DE CONCLUSIÓN

El mundo requiere cambios drásticos y necesarios, espacios para canalizar la creatividad social y colectiva y transformaciones hacia un buen vivir para todas y todos. La clave de estas transformaciones son las experiencias sociales y culturales vividas cotidianamente, en las que aprendemos con las y los otros a construir un sentir, un actuar y pensar colectivos, sobre todo en condiciones como las de ahora en las que lo más difícil es reunirnos. La colectividad y la praxis transformadora requieren de sinergias locales, desde nuestras realidades concretas, con nuestros actores y saberes comunitarios, justo en las situaciones límite.

Abya Yala es imparable, ha tenido siempre una fuerza creativa y propositiva leída de forma magistral por Paulo Freire; su lectura problematizadora y amorosa del mundo nos mostró que tenemos realidades comunes, las cuales resignificamos como potencia para la creación de inéditos viables. Freire sigue inspirándonos en las posibilidades que tenemos como pueblos unidos, críticos y creativos para generar resiliencia y convertir nuestros saberes y capacidades en educaciones propias, en

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

motores de lucha, y en lecturas otras del mundo para esperar, bailar, cantar, sembrar y resurgir. Muchas han sido y son las formas en que surgen y se expresan experiencias de inéditos viables, aquí hemos compartido algunas para mostrar nuestra capacidad de resiliencia y nuestro posicionamiento ético político. Estas experiencias narradas hablan de la vigencia de Paulo Freire, de sus bases educativas que nos han permitido desarrollar acciones culturales para la búsqueda de nuestras libertades y nuestra humanización. Esto nos posiciona en luchas colectivas por la vida.

REFERENCIAS

AYORA, Gialuanna. **Educación intercultural y decolonialidad: de la promoción de la lectura a un enfoque de literacidad para la niñez indígena.** Tesis de maestría en investigación educativa, línea intercultural. México: Universidad Veracruzana, 2012.

AYORA, Gialuanna. **Resistencias Epistémicas en Sakhaba', Yucatán. Crianza, socialización y participación en torno a la niñez maya en la educación inicial.** Tesis de Doctorado en Investigación Educativa. México: Instituto de Investigaciones en Educación. Universidad Veracruzana, 2018.

BRASIL. Presidência da República. Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010: dispõe sobre a Política Nacional de Educação do Campo e sobre o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária. **Diário Oficial da União**, 5 nov. 2010.

CUSIANOVICH, Alejandro. **Protagonismo Infantil, co-protagonismo y pedagogía de la ternura.** Conferencia-Videograbada. En: Foro infancias, protagonismo, y derechos para el *lekil Kuxlejal* (buen vivir). Saberes y experiencias con niñas, niños y adolescentes en México y Latinoamérica. <https://www.youtube.com/watch?v=ftzmp-vpVag>, 2017.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

_____. **Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Cartas à Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Conscientização**. Tradução de Tiago José Risi Leme. São Paulo: Cortez,

GENTILI, Pablo. **Pedagogía de la igualdad. Ensayos contra la educación excluyente**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2016.

LEDERACH, John Paul. **La imaginación moral. El arte y el alma de la construcción de la paz**. Colombia: Nomos Impresores, 2016.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago y Grosfoguel, Ramón. **El Giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Biblioteca Universitaria Ciencias Sociales y Humanidades. Serie Encuentros. Bogotá. Siglo del hombre editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales y Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

SOUZA, João Francisco. **E a Educação Popular quê? Uma pedagogia para fundamentar a educação, inclusive escolar, necessária ao povo brasileiro**. Recife: Edições Bagaço, 2007.

WALTER, Cohan. **Paulo Freire Mais do que nunca. Uma biografia filosófica**. Editorial Vestigio. Brasil, 2019.

ZAVALA, V., Niño-Murcia, M. y Ames, P. (eds.). **Escritura y sociedad. Nuevas perspectivas teóricas y etnográficas**. (pp.180-210) Perú: Red para el desarrollo de las Ciencias Sociales en el Perú, 2004.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

EIXO 5



FORMAÇÃO, ÉTICA, POLÍTICA E JUVENTUDE

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

A SOBRA DO PASSADO: COTAS E EMANCIPAÇÃO NO OLHAR FREIREANO

Cícera Maria do Nascimento (Fórum Municipal de Educação de
Caruaru)

Ranuzia Vieira de Melo (Coletivo a literatura também tem pele
preta)

Rafael Bezerra da Silva Farias (Coletivo a literatura também tem
pele preta)

RESUMO: A mesa se propõe a dialogar, sob o olhar freireano, a respeito da Lei 12.711 de 29 de agosto de 2012, que prevê cotas para o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais do ensino técnico de nível médio. Para a abordagem crítica desse dispositivo legal que legisla visando atender as pessoas pretas, pardas, indígenas e com deficiência, bem como aquelas que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas, tomaremos como referência as obras de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido* (1987) e *Pedagogia da Autonomia* (1996; 2004). De acordo com o artigo 7º da referida lei, ela será revista pelo Congresso Nacional dez anos após a data da sua publicação, ou seja, em 2022. Considerando que, a reparação histórica a que se propõe o texto da lei, não foi cumprida, propomos o diálogo sobre a importância da luta e garantia de políticas públicas que possibilitem às populações historicamente vulnerabilizadas o acesso e permanência à educação pública e gratuita com vistas à emancipação.

PALAVRAS-CHAVE: Cotas, Pensamento freireano, Educação emancipadora.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

LUTAR POR MANUTENÇÃO E DEFESA DAS COTAS É UM ATO POLÍTICO PEDAGÓGICO

Em 29 de agosto de 2012 foi sancionada no congresso nacional brasileiro a lei 12.711/12. O dispositivo legal prevê cotas para o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio. Legisla visando atender as pessoas pretas, pardas, indígenas, com deficiência, baixa renda (pobres) bem como aquelas que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas. Nesse sentido, a lei garante reserva de vagas, para ingressar no ensino superior, para os referidos públicos. Em agosto de 2022 completará dez anos dessa publicação e conforme redação dada pela Lei nº13.409, de 2016 no seu Art. 7º:

No prazo de dez anos a contar da data de publicação desta Lei, será promovida a revisão do programa especial para o acesso às instituições de educação superior de estudantes pretos, pardos e indígenas e de pessoas com deficiência, bem como daqueles que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (BRASIL, 2016).

Considerando que o objetivo da referida lei é buscar diminuir a desigualdade do acesso às universidades públicas para as minorias historicamente segregadas social e economicamente por criar condições políticas para a construção de políticas públicas que garantam a sua materialização, nos preocupa as condições que essa avaliação será realizada. O fato de vivermos no Brasil uma conjuntura de desmonte das políticas públicas sociais, intensificado a partir do golpe de 2016, assim como, a aprovação da Emenda Constitucional 95, popularmente conhecida como emenda do teto dos gastos, nos provoca para a necessidade do debate e mobilização em defesa dessa pauta pelo povo brasileiro.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Um elemento que tem nos chamado a atenção no que se relaciona ao Art. 7º é que ao fazermos um breve levantamento entre as instituições, movimentos, sindicatos e conselhos que constroem o Fórum Municipal de Educação de Caruaru, sobre possíveis articulações e debates relacionados ao tema, não houve nenhum apontamento sobre essas articulações. Essa ausência de construção de incidência política frente a uma política de tamanha importância para parte fundamental da população brasileira nos trouxe inquietude e preocupação. Na intencionalidade de apresentarmos um debate inicial sobre a política, mas especialmente na expectativa de conhecermos possíveis debates que possam estar acontecendo em espaços do nosso vasto país, ousamos no inédito viável.

Na conjuntura que enfrentamos, talvez seja a educação um dos terrenos mais férteis para revelar as expressões da aliança entre Neoliberalismo e Neofascismo em curso no país. O impulso negacionista e fundamentalista de deslaicização do Estado, conservantismo e embrutecimento cultural, de ataque e sufocamento do pensamento crítico e plural, bem como das conquistas civilizatórias do povo brasileiro na ampliação do acesso via cotas vem sofrendo nesse período profundos ataques.

Os elementos elencados justificam os ataques que o legado de Paulo Freire vem sofrendo nos últimos anos. Ao questionar as estruturas opressoras a realizar o chamamento a educadoras e educadores ao comprometimento com a construção de uma educação como prática libertadora, o educador do povo, impulsiona o esperançar coletivo em busca da vivência da educação como prática para a liberdade.

A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

livre: pelo contrário, luta por ela porque precisamente não a tem (FREIRE, 1987, p.34).

A revisão da política de cotas em um contexto de conservadorismo e retrocesso da democracia brasileira, nos alerta sobre a possibilidade dessa revisão ser realizada de forma equivocada, principalmente porque alguns órgãos, citados na lei, que teriam a tarefa de organizar essa avaliação, foram extintos ou vivem processos de sucateamento. Exemplificamos a extinta Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, a desmonte político da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e o sucateamento financeiro e ideológico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Nessas condições, como nos convoca o mestre Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 2004), o posicionamento em defesa da educação enquanto princípio ético com as educandas e os educandos é um tarefa nossa enquanto educadoras e educadores comprometidas como o povo, haja vista que, mediante os ataques sofridos pelo projeto de educação na perspectiva da construção da emancipação humana, incorremos no risco da supressão da lei 12.711/12, mesmo sem ter garantindo sua intencionalidade.

Destacamos que a instituição desse marco legal é fruto da luta e da articulação de movimentos sociais que pautam nas suas agendas a justiça social como um dos elementos de superação das desigualdades no Brasil. Portanto, para a população afro-brasileira, a lei torna-se reparação histórica, já para as pessoas com deficiência a lei torna-se inclusiva, assim como, para as pessoas de baixa renda (pobres) é oportunidade de acesso à rede de ensino superior.

Em artigo intitulado: “As ações afirmativas e os processos de promoção da igualdade efetiva”, Joaquim Benedito Barbosa

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Gomes, descreve a relevância das cotas, para a sociedade brasileira e sua contribuição para os grupos "minoritários", ao afirmar:

[...], as ações afirmativas têm como objetivo não apenas coibir a discriminação do presente, mas sobretudo eliminar os 'efeitos persistentes' (psicológicos, culturais e comportamentais) da discriminação do passado, que tendem a se perpetuar. Em suma, com esta conotação, as ações afirmativas atuariam como mecanismo de incentivo à educação e ao aprimoramento de jovens integrantes de grupos minoritários, que invariavelmente assistem ao bloqueio de seu potencial de inventividade, de criação e de motivação ao aprimoramento e ao crescimento individual, vítimas das sutilezas de um sistema jurídico, político, econômico e social concebido para mantê-los em situação de excluídos (GOMES, 2001, p. 97-98).

Nosso texto como propositura para diálogo sobre a importância do conhecimento das condições concretas para submissão de uma avaliação instituída na legislação que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio, busca defender que é urgente nos posicionamos em defesa da manutenção da lei de cotas, tendo em vista que, a reparação histórica a que se propõe o texto da lei, não foi cumprida. Nesse diálogo nos alinhamos ao pensamento freireano no que concerne ao nosso exercício de inserção no mundo e à emancipação dos povos, quando nos alerta que: "Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é a minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço" (2004, p.104). Assim, acreditava que lutar por uma educação emancipadora e igualitária se configura como ato político.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

POR UMA AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E PROGRAMAS SOCIAIS MENOS INGÊNUA E MAIS CRÍTICA, EM DEFESA DO POVO BRASILEIRO

Segundo Gomes (2001) quando criada, a lei de cotas, discriminação positiva ou ação positiva foi considerada de salutar importância devido a possibilidade de oferecer aos grupos “minoritários” acessar a educação de nível superior possibilitando condições menos injustas para adentrar no mercado de trabalho. O marco legal foi considerado essencial para a criação de políticas públicas sociais de enfrentamento a baixa qualidade da profissionalização e a subalternização social a que foram submetidas essas populações que ao longo da História do Brasil. Nessa perspectiva, as pessoas pretas, pardas, indígenas e de classe pobre, assim como as pessoas com deficiências tiveram possibilidades ingressar tanto no ensino de nível superior como no mercado de trabalho, condições estendidas também para as mulheres, vítimas de educação brasileira, preponderantemente, patriarcal, machista e racista.

Entretanto, além das profundas mudanças da conjuntura política que apontamos anteriormente, também vivemos uma realidade completamente adversa mediante a pandemia da COVID-19 e a condução que o governo Bolsonaro vem tomando ao negligenciar a garantia de condições de vida para a classe trabalhadora brasileira.

Os desdobramentos desse contexto nas condições de vida e trabalho da classe trabalhadora brasileira é de um emergente e vertiginoso aprofundamento das desigualdades sociais que repercutem diretamente no acesso aos direitos sociais e na segregação. Nesse sentido, a ameaça das conquistas ainda tão recentemente e parcialmente garantidas para e pelo o povo brasileiro são eminentes.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Avaliar uma política de tamanha envergadura em um contexto de precarização das condições de vida do povo brasileiro requer um compromisso político salutar no enfrentamento à barbárie e na construção de processos de humanização, como nos convoca o mestre Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*:

A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, *destino dado*, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, *o ser menos* (FREIRE, 1987, p.30).

Considerar o contexto histórico em que vivemos para a avaliação da política de cotas é nos posicionarmos radicalmente contra ao genocídio ao qual está sendo submetido o povo brasileiro. Nesse sentido, se faz urgente uma práxis libertadora visando denunciar e enfrentar a violência perpetrada pela classe opressora à classe por ela subalternizada.

Em 2001 foi publicado o livro “Tendências e perspectivas de políticas e programas sociais” no qual as autoras Maria do Carmo Brant de Carvalho e Maria Cecília Roxo Nobre Barreira versam acerca da avaliação das políticas públicas e programas sociais. Na apresentação da obra, as estudiosas, ambas do campo do serviço social, a partir das suas explanações nos auxiliam a compreender a avaliação das políticas públicas e os programas sociais:

[...] a avaliação se espelha na verificação de indicadores e índices de eficiência e eficácia, despolitizando a própria ação. Em outras palavras, os indicadores apresentam-se como medidas reificadas de valor, instrumentos de controle dos agentes decisórios, quase como cartões de “apresentação de

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

excelência técnica” das instituições, mas pouco penetráveis e suscetíveis de se transformarem em ferramentas de poder e controle pelos cidadãos comuns usuários e programas e serviços (CARVALHO; BARREIRA, 2001, p. 08).

As pesquisadoras abrem caminhos para que possamos ter uma abordagem crítica com relevância social para a periferia, território que concentra a maioria da população brasileira ao mesmo tempo, onde a desigualdade enumera diariamente suas vítimas. Vale frisar que o enriquecimento de poucos acontece em detrimento do empobrecimento da maioria do povo brasileiro, onde os afro-brasileiros e afro-brasileiras, são as maiores vítimas do capitalismo e do racismo estrutural.

Por sua vez, a professora e pesquisadora, Marta Tereza da Silva Arretche que vem investigando e escrevendo sobre políticas e programas sociais e avaliação, em seu texto “Um Contribuição para fazermos avaliações menos ingênuas” (2001), também traz sua consideração acerca da temática como avaliar com criticidade. uma vez que a avaliação tem por trás interesse política, seja na esfera Federal, Estadual ou municipal, quem avalia faz a partir da metodologia que atenda seus os interesses. De acordo com a Arretche, o programa deve ter ou ser compatível com o objetivo no qual quer alcançar, ou pode ser que o programa na hora de ser implementado possa ter alterações em seu desenho original, para que possa atender demandas tanto dos usuários e usuárias, como também de partidos políticos.

Em diálogo com FREIRE acentuamos que nenhum discurso ou posicionamento no mundo é neutro. Assim quando nos isentamos a nos anunciarmos sobre as injustiças e violências impetradas às populações historicamente violadas, o silêncio já é uma tomada de partido.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais (FREIRE, 2004, p.103).

Como versa Freire (2004), essa é tarefa para educadoras e educadores progressistas cumprirem. Cumprirem à medida que é realizado o enfrentamento a um processo de formação continuada que reproduz a educação bancária. Pensar uma prática pedagógica de característica revolucionária é ato político. No entanto, em um sistema capitalista que deseja tomar a educação enquanto serviço para garantia da sua acumulação defender programas sociais seja no campo da saúde, da assistência e da educação é tarefa coletiva. De acordo com o professor João Francisco de Sousa (1990) em "A contribuição do centro de educação face às necessidades educacionais da região" nos faz refletir sobre a defesa das políticas públicas:

Parece que, se não entrecruzarmos, na análise de nossa sociedade, os problemas de classe, gênero e raça, bem como a cotidianidade e subjetividade, certamente teremos uma compreensão deficiente da totalidade social e não conseguiremos formular uma pedagogia, enquanto reflexão e teoria do processo educativo, capaz de permitir a realização de uma prática educativa que responda aos interesses imediatos e históricos das camadas da classe trabalhadora (SOUZA,1990, p.60).

Educar é para além da sala de aula, dos muros que cercam a escola que faz parte de certa periferia ou centro da cidade. É necessário diminuir a distância entre a teoria e prática

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

pedagógica, porque educar é um ato político e pedagógico que deve manifestar em nossa didática de docente preocupado e preocupada com o ensino e aprendizagem das educandas e educandos: “Isso é tarefa para educadoras e educadores progressistas cumprir, dentro e fora das escolas. É tarefa para organizações não governamentais, para sindicatos democráticos realizar [...]” (FREIRE, 2004, p.101), ou seja, tarefa para os Fóruns de educação e de coletivos como o Fórum Municipal de Educação de Caruaru-PE (FME) e o coletivo caruaruense A Literatura Também tem Pele Preta, lutar pela defesa das políticas pública educacional.

A política de cotas, não é apenas um programa que pode contribuir no acesso a certas instituições, mas torna-se um mecanismo de contribuição, ou na linguagem freireana, possibilitar o educando e educanda o esperar na melhora de vida a partir do sistema de política pública, as cotas.

A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, incapaz e consciente do incabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança. A desesperança é negação da esperança. A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto. A esperança é um conhecimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo. Só há História onde há tempo problematizado e não pré-dado. A inexorabilidade do futuro é a negação da História (FREIRE, 1996, p. 37).

Nesse sentido, compreender o mecanismo das cotas, realça o brilho na hora de lutar pela garantia de sua permanência, uma vez que ano que vem completará dez anos da aprovação das cotas e ainda tem muito para contribuir para os usuários e usuárias. “Reconhecer que a História é tempo de

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permita-se-me reiterar, é problemático e não inexorável” (FREIRE, 1996, p.11)

Metodologicamente, a partir da exposição inicial da temática aqui apresentada, provocaremos as pessoas participantes a também contribuírem no que concerne aos possíveis debates e lutas em andamento nos seus territórios geográficos e de construção do saber. Em coerência ao pensamento de Freire, buscaremos, coletivamente, apresentar possibilidades de incidência nessa pauta, pois “Para o educador humanista ou o revolucionário autêntico, a incidência da ação é a realidade a ser transformada por eles com outros homens e não estes” (FREIRE, 1987, p.84).

A SOBRA DO PASSADO

A sobra do passado no que se refere a busca de reparação histórica por meio das cotas de acesso às instituições públicas de ensino superior enfrenta fortes processos de distorção, mediante a conjuntura de desmonte de direitos e ataques à educação pública na perspectiva do fortalecimento dos processos de emancipação. Nesse contexto, torna-se urgente nos posicionarmos na defesa da manutenção dessa legislação, tendo em vista que, a reparação histórica a que se propõe o texto da lei, não foi cumprida.

Considerando que a lei determina que deverá acontecer uma avaliação quanto a sua permanência no período de uma década destacamos que seja imprescindível a informação e promoção de diálogo com a sociedade sobre essa política. Nessa mobilização é crucial o destaque de que a política para inclusão das populações historicamente colocadas à margem na sociedade brasileira não cumpriu o seu objetivo. Destacamos, portanto, que é insuficiente a constatação da incompletude dessa tentativa de inclusão é urgente que

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

avancemos na criação de mecanismos de propositura para que não seja efetivada a descaracterização que as cotas vêm sofrendo a partir do golpe de 2016.

Diante de tamanha ofensiva é urgente que professoras, professores, conselhos de educação, organizações sindicais, movimentos sociais, associações científicas e educacionais, movimentos estudantis e fóruns, reajam, pois o que está em jogo é a própria liberdade e autonomia docente, além do próprio debate sobre o papel social-emancipatório da educação.

Nesse sentido, propomos o diálogo com vistas a tomada de ações concretas na luta e garantia de políticas públicas que possibilitem às populações historicamente vítimas de genocídio, ao acesso e permanência à educação pública e gratuita na perspectiva do fortalecimento da democracia e construção de uma sociedade justa e emancipada.

REFERÊNCIAS

ARRETCHE, Marta Tereza da Silva. Tendências no estudo sobre avaliação de políticas públicas. **Revista Crítica de Sociologia e Política**, a. 01, n. 01, jul a dez. 2013.

ARRETCHE, Marta Tereza da Silva. Uma contribuição para fazermos avaliação menos ingenuas. In: BARREIRA, Maria Cecília Roxo Nobre; CARVALHO, Maria do Carmo Brant (Org.).

Tendência e perspectivas na avaliação de políticas e programas sociais. São Paulo: PUC, 2001.

BARREIRA, Maria Cecília Roxo Nobre; CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org.). **Tendência e perspectivas na avaliação de políticas e programas sociais.** São Paulo: PUC, 2001.

BRASIL. **Lei nº 12.711/12.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 30 de agosto de 2012.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Joaquim B. Barbosa. **Ação afirmativa e princípio Constitucional da igualdade**. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

SOUZA, João Francisco. A contribuição do centro de educação face às necessidades educacionais da região. **Top. Educ.** Recife, v. 8, n. 2, p. 52 a 68, jul. dez. 1990.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

PAULO FREIRE NO COMBATE ÀS *FAKE NEWS*

Valdir Borges (PUCPR)

Juliano Peroza (IFPR)

RESUMO: A problemática analisada refere-se à disseminação das *fake news* como ferramenta de propaganda eleitoral com significativa influência nas recentes eleições norte-americanas e brasileiras de 2016 e 2018. Acreditamos que a *educação como prática da liberdade*, centrada no diálogo, concebida por Paulo Freire, um dos alvos dos ataques, é a mais poderosa arma no combate às *fake news*. Objetivamos demonstrar que o pensamento freireano, 100 anos após o seu nascimento, continua vigente e atual como uma contribuição ao combate às *fake news* e no reestabelecimento da verdade dos fatos, resgatando pessoas e instituições, alvos dos ataques. A pesquisa é documental, baseada em diversos *sites* e informações jornalísticas constantes na rede mundial de comunicação. Está ancorada e referenciada em diversas obras: Alcântara (2018, 2019), Barbu (1962), Bernardes (2019), Bilio (2019), Borges (2013, 2018), Dartnon (2017), Dussel (2002), Freire (2000, 2005, 2006, 2007, 2014), Gomes (2018), Gusmão (2019), Hitler (2005), Kobayashi (2019) e outros. Concluímos que a mais poderosa arma de destruição às *fake news* que atingem as pessoas e as instituições, tergiversando a realidade em prol de interesses espúrios de algumas pessoas, instituições, grupos econômicos, candidatos ou partidos políticos é a educação no sentido freireano. Entendida como prática da liberdade, poderá resgatar o diálogo que aguça o senso crítico e cura o analfabetismo comum, digital e político, em busca de uma nova cultura do encontro, cujo alicerce é a verdade.

PALAVRAS-CHAVE: Fake news; Eleições; Paulo Freire; Educação.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

INTRODUÇÃO

Impelidos pelas palavras de Noam Chomsky, emérito da cadeira de *Linguística* no Instituto de Tecnologia de Massachusett, que no 45º aniversário da *Pedagogia do Oprimido*, apontava os desafios para reinventar Freire no século XXI, cremos ser este o maior e mais atual desafio: reinventar Paulo Freire desde a ótica do combate às *fake news*. A partir da concepção freireana de *educação como prática da liberdade*, radicada no diálogo, poderemos criar os mecanismos para combater as *fake news*, fomentando uma nova cultura pautada na verdade dos fatos. Temática atual e oportuna para o *XI Colóquio Internacional Paulo Freire*, que discutirá *da leitura do mundo à emancipação dos povos*, nas comemorações dos 100 anos de nascimento de Paulo Freire.

Antes da discussão em voga acerca de *Paulo Freire em tempos de fake news*, que se insere na temática das *inspirações, espaços e tempos da educação*, do supracitado Congresso, introduziremos um breve contexto histórico-social, definições e as principais características das *fake news*. Demonstraremos a atualidade e as influências das *fake news* nas eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016, bem como nas eleições majoritárias do Brasil em 2018. Inclusive algumas das *fake News* foram ataques contra o pensamento freireano e suas relações com as leis da educação nacional. A hermenêutica de argumentação segue com a contribuição do pensamento freireano em tempos de *fake news*. Cremos que este tema despertará o ímpeto ético juvenil dos educandos, na busca da construção de uma sociedade assentada na verdade dos fatos.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

CONTEXTUALIZAÇÃO, DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS DAS *FAKE NEWS*

É de suma importância uma hermenêutica sobre as *fake news* a partir de uma adequada definição de seus termos. As *Fake News*, *notícias falsas*, possuem “uma definição específica, à qual, já de antemão, nos dá a garantia de não incorrer no erro de confundir *notícias falsas* não intencionais com o tipo de *fake news* que pretendemos aqui abordar”. (CALDAS & CALDAS, 2019, p. 208). Assim: “Nós definimos notícias falsas como artigos de notícias que são intencionalmente e verificadamente falsos, e que poderiam enganar os leitores.” (ALCOTT; GENTZKOW, 2017, p. 213).

Ressaltamos a diferença entre notícias falsas não intencionais com notícias falsas produzidas intencionalmente, cujo intuito é prejudicar, fraudar e banalizar fatos, instituições e pessoas. É a razão pela qual, o jornalista Lins da Silva propôs a tradução do termo notícias falsas intencionais como “notícias fraudulentas”, para desvincular os casos de notícias falsas não intencionais. (BUCCI, 2018, p. 22). A utilização do termo *fake news* é recente, porém o conceito e o conteúdo destas é bastante antigo. Até o século XIX, os países de língua inglesa utilizavam o termo *false news* para denominar os boatos de grande circulação. As *fake news*, ou, as notícias falsas produzidas intencionalmente, sempre estiveram presentes ao longo da história, o que evidenciamos é uma nova faceta, a nomenclatura, o meio utilizado para as propagandas, o poder e o alcance de propagação e, sobretudo, a velocidade de consecução.

O historiador da Universidade de Harvard, Robert Darnton afirma que o “principal difusor de notícias falsas foi o escritor, poeta e dramaturgo italiano Pietro Aretino” (CAZETTA, 2018, p. 30). Na primeira metade do século XVI tornou-se famoso ao criar poemas que difamavam os cardeais que

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

pretendiam ocupar o lugar do papa. Durante a Segunda Guerra Mundial, diversas notícias falsas foram publicadas no Reino Unido sobre a Alemanha de Adolf Hitler.

Paul Joseph Goebbles, Ministro da Propaganda (1933-1945) na Alemanha Nazista, era um exímio orador, persuasivo e mestre em propaganda, auxiliando Adolf Hitler a conquistar os corações e mentes do povo alemão. Para Adolf Hitler, a propaganda não era apenas um mero instrumento, mas uma metodologia de governo. Na década de 1920, Hitler escreveu o livro intitulado *Mein kampf*, ou seja, *Minha Luta*. Neste expõe a ideologia do partido nazista como uma forma de propaganda, remetendo às ideias de doutrinação acerca do nazismo. Este livro continha onze teorias que transformavam o adversário em único inimigo, cuja propaganda adotava uma ideia única e um símbolo único, este inimigo único era o povo judeu. A propaganda criava uma “impressão de unanimidade”. (EICH; et al., 2014, p. 4-5). Assimilemos as palavras de Adolf Hitler:

Quanto mais forte e revolucionária for uma ideia, tanto mais eficiente devem ser os seus defensores, devendo-se de ela afastar os covardes e incapazes. [...] É justamente na eficiência dos membros de um movimento, garantida pela sua escolha natural, que está a condição essencial para uma propaganda correspondente e para um combate bem-sucedido pela realização da doutrina. (HITLER, 2005, p. 541).

Recentemente, em 2018, os autores da obra, *As Fake News numa sociedade pós-verdade: contextualização, potenciais soluções e análise*, olham para estes acontecimentos de forma mais ampla, e afirmam que “poderão existir, teoricamente, desde o primeiro processo político da humanidade.” (CARDOSO, 2018, p.16). Analisaremos as influências das *fake news* nas palpitantes eleições presidenciais Estados Unidos em 2016 e do Brasil em 2018.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

A INFLUÊNCIA DAS *FAKE NEWS* NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS NORTE-AMERICANAS E BRASILEIRAS

Nas eleições norte-americanas de 2016, disputaram politicamente, Hillary Clinton, candidata do partido democrata e, Donald Trump, candidato pelo partido republicano. Trump era uma personalidade dos meios televisivos, bilionário dos negócios hoteleiros e outros, prometia recobrar os valores conservadores da pátria, família, apostava na população rural, novos empregos, reabilitação da economia e na supremacia branca. Impulsionados pelas fake news, Trump avançou nas pesquisas durante o embate político. Segundo o site *Forbes*, publicado em 18 de novembro de 2016, dez dias após as eleições, diversas *fake news* contribuíram para ascensão do candidato eleito Donald Trump. O site *BuzzFeed News*¹³ noticiou que durante os três últimos meses de campanha, vinte *fake news* relacionadas às eleições geraram 8,711 milhões de compartilhamentos, reações e comentários no Facebook.

Na mesma esteira, as eleições presidenciais brasileiras de 2018 aconteceram em um cenário político bastante polarizado entre Fernando Haddad, do partido dos Trabalhadores, alinhado a uma ideologia de esquerda. E, na ultradireita, Jair Bolsonaro, do partido Social Liberal, que prometia o resgate dos valores tradicionais da família, da pátria e cristãos. No contexto do segundo turno das eleições "Os índices de rejeição eram maiores que os índices de aprovação, sendo os votos tracejados mais como voto contra do que a favor, parte da população votou em um candidato como repúdio a outro candidato" (COELHO, 2018).

¹³ Disponível em: <https://www.buzzfeednews.com/article/craigsilverman/viral-fake-election-news-outperformed-real-news-on-facebook#.uc9gevywE>. Acesso em 22 de junho de 2020.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

O poderio da internet e das mídias digitais na campanha eleitoral de 2018 revelou-se avassalador. Jair Bolsonaro concentrava 42% das curtidas dadas aos candidatos à presidência no Facebook. Em pesquisa, a *Folha de São Paulo* denunciou que Bolsonaro e seus eleitores inflaram a campanha eleitoral, ancorada em mensagens com notícias falsas, especialmente no *whatsApp*, disparadas com o auxílio de robôs, acusando a esquerda de distorcer a mentalidade das crianças com a distribuição do *Kit Gay* nas Escolas, pelo ex Ministro da Educação Fernando Haddad.

Era a tergiversação de um projeto criado em 2011 acerca da *Escola Sem Homofobia*, impulsionado por um programa anterior do governo federal em 2004, *Brasil Sem Homofobia*. Salientamos que até os dias hodiernos a tal cartilha assombra o imaginário social das pessoas, boa parte da sociedade civil ainda acredita que esse material realmente foi distribuído nas escolas e que tinha o objetivo de expor as crianças à conteúdos eróticos e transformá-las em homossexuais. (KOBAYASHI, 2019, p. 177). Isso ocorre porque a disseminação de uma notícia falsa tem uma elevação 70% maior de ser disseminada em relação a notícia verdadeira, pois, na maior parte dos casos, seu conteúdo é apelativo e envolve o sujeito pela emoção que o faz compartilhar imediatamente a notícia (CARVALHO, 2019).

A notícia do *Kit Gay* acalorou o debate político nacional e começou a desbancar o candidato da esquerda como um perigo à moralidade pública e a outras esferas da sexualidade e gênero. Ademais, uma outra *fake news* veiculada no site do Estadão em 28 de setembro de 2018, com intuito de desbancar o candidato de esquerda Fernando Haddad, foi o episódio da distribuição de mamadeiras eróticas. Estas seriam distribuídas em Creches com o propósito de combate à homofobia, algo que nunca existiu conforme mencionado no site do referido Jornal, mas que causou grande perplexidade no

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

imaginário dos consumidores de *fake news*. Além de Haddad, a candidata à Vice na chapa petista, Manuela D'Ávila, teve seu nome e imagem vinculados às *fake news* durante no período eleitoral de 2018, levando o ministro do Tribunal Superior Eleitoral, Sérgio Banhos, a determinar, no dia 8 de outubro de 2018, em caráter liminar, a retirada de 33 *fake news* com diversas montagens acerca de Manuela D'Ávila. Diante da manipulação da opinião pública, manobras, falseamento da realidade, que deturpam a consciência ao tomarem suas decisões políticas, surge a questão: a quem interessa a propagação de mentiras? E quais os impactos da disseminação de *fake news* nas lutas por democracia e liberdade?

O jornalista Reinaldo de Azevedo publicou no dia 3 de junho de 2020, relatórios produzidos pela Comissão Parlamentar de Inquérito das *fake news* (instaurada em 04/09/2019, com prazo de finalização prorrogado devido ao advento da pandemia da COVID-19), que mostram que o governo federal investiu dinheiro público para vincular 2 milhões de anúncios publicitários em canais que apresentam *conteúdo inadequado*. No combate às *fake news* encontramos o Projeto de Lei 2.630/2020, contrário à disseminação de *fake news*, aprovado no Senado, no dia 30 de junho de 2020. Isso já é um grande itinerário rumo à transparência e a responsabilidade na Internet, considerada até estes episódios, uma terra de ninguém. No que concerne à educação, o grande alvo das *fake news* foi o educador do mundo Paulo Freire, que em 2021 comemoramos o centenário do seu nascimento.

O PENSAMENTO DE FREIRE NO COMBATE ÀS *FAKE NEWS*

O educador e filósofo brasileiro Paulo Freire (1921-1997) contribuiu significativamente à educação, deixando um legado, que inspira pesquisadores e pesquisadoras de diversas universidades do Brasil e do mundo acerca de sua

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

epistemologia, metodologia e pedagogia. Há um grande movimento conservador de retrocessos antidemocráticos e de uma verdadeira ameaça à democracia, que procura confundir o pensamento freireano, especialmente conectado à atual gestão do Palácio do Planalto, desfigurando-o, através da disseminação de *fake news*. Observamos que: “o pensamento de Paulo Freire tem sofrido muitos ataques com a propagação de várias *fake news*”, como por exemplo a “atribuição do fracasso na educação, ideias pedagógicas ultrapassadas, desrespeito dos alunos para com seus professores.” (BILIO; PEREIRA, 2019, p. 316).

A obra freireana no seu conjunto tem sido objeto da produção de inúmeras *fake news*. Acreditamos que isso ocorra porque o pensamento e o legado freireano incomodam as forças reacionárias conservadoras e neoconservadoras, pois entendem a educação apenas como *bancária*. O pensamento freireano concebe a educação implicada à dialogicidade, eticidade, politicidade, por isso é combatido por aqueles que preferem manipular, domesticar e manter a cultura do silêncio e da opressão.

Há inúmeras ofensas disseminadas nas mídias sociais, sobretudo *fake News* que visam sutergir o pensamento de Freire, como afirma Paulo Roberto Padilha em entrevista ao Diário Centro do Mundo em 27 de abril de 2019, em que: “a verdadeira intenção é destruir uma obra, uma causa que expõe claramente a injustiça social, que propõe a libertação das pessoas, a *educação como prática da liberdade a pedagogia do oprimido*”. Além disso, Freire é taxado de comunista, doutrinador e o responsável pelo fracasso da educação brasileira. Estas são veiculadas pelo atual ocupante do Palácio do Planalto e de seu sequaz, o ex Ministro da Educação Abraham Weintraub, que desejam “expurgar a ideologia de Paulo Freire” (BRASIL, 2018).

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

E muitos outros ataques pela família Bolsonaro nas mídias sociais, como o de 14 de abril de 2019, em que o Vereador (PLS-RJ) Carlos Bolsonaro postou no *Twitter* que três partidos de esquerda, PT, PSOL e PCdoB “defendem o método de Paulo Freire alinhado com chás e bolos com ervas e recheios ilegais” (BOLSONARO, C. 2019), mas são tão limitados, que nem se quer detém o significado de “doutrinação ideológica e se estes casos que afirmam foram reportados ao Ministério da Educação” (GUSMÃO, 2019, p. 249). São pessoas que “preferem o confronto”, não são acostumadas com a “possibilidade do conflito” em uma sociedade plural.

Nos dias hodiernos vivenciamos o perigo iminente da despolitização da escola, a famigerada *Escola sem Partido* (ALCÂNTARA; BORGES; FILIPAK, 2018, p. 4). A intenção de eliminar o pensamento freireano coincide com os argumentos do movimento *Escola Sem Partido*. Os adeptos, acreditam que fixar cartazes em salas de aula do ensino fundamental e médio com os deveres dos professores e professoras, afugentariam supostas doutrinações e, que assim, os educandos e educandas estariam protegidos contra a influência do pensamento freireano. Neste sentido, Cortella (2018) afirma que: “a escola não pode partidizar, ela pode e deve politizar”. Ele fala com autoridade de Paulo Freire, pois foi seu último orientando no doutorado pela PUCSP concluído em 1997.

Infelizmente o ethos freireano ainda é muito pouco aplicado, conhecido e incorporado na educação brasileira e “a má qualidade do ensino público está atrelada, fundamentalmente à desigualdade social que é gritante e calamitosa, perceptível na estrutura das escolas, e que deveria ser combatida por aqueles que ignoram a Freire” (BORGES, 2021, p. 13). Em qual legislação nacional que trata de educação há qualquer citação explícita a Paulo Freire? (GUSMÃO, 2019, p. 249). O discurso dialogal freireano “é caracterizado como um tipo de discurso humilde, aberto e

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

focado na aprendizagem colaborativa. É a comunicação que pode despertar a consciência e preparar as pessoas para a ação coletiva” (AKKARI; MESQUIDA, 2008, p. 342). A *educação como prática da liberdade* nada mais é que aquela “desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação” (FREIRE, 2007, p. 44).

Na busca incessante da verdade dos fatos em tempos de *fake news*, faz-se mister uma pedagogia da dialogicidade comprometida com a busca da libertação integral do ser humano em todos os seus âmbitos: da justiça, da ética e da autonomia do homem, entendido como sujeito de sua própria história e construtor do seu destino. Com essa hermenêutica da pedagogia freireana centrada na dialogicidade, que é a essência da *educação como prática da liberdade* (FREIRE, 2005, p. 89-99), seremos capazes de impulsionar discussões que priorizem o diálogo emancipador, terreno fértil à cidadania e à democracia. A experiência democrática somente será possibilitada pela educação como destaca Paulo Freire: “A democracia e a educação democrática se fundam ambas, precisamente, na crença no homem” (FREIRE, 2007, p. 104).

Ainda não compreendemos o que realmente é uma sociedade democrática ou, talvez, porque neste país, o Brasil, conhecido internacionalmente pelas abismais desigualdades nos diversos âmbitos da vida, ecoa o clamor e a sede de justiça e equidade social onde se travam duros embates pela justa medida na distribuição de oportunidades e recursos, ainda concentrados nas mãos de uma casta privilegiada (BORGES; ALCÂNTARA, 2018, p. 1-2), por isso, com Paulo Freire combateremos as *fake news*, pois representam uma ameaça real à democracia. Infelizmente, no Brasil nunca fomos muito amantes da democracia, quiçá por ainda não haver internalizado a democracia como uma forma de vida, antes que uma forma política, como Paulo Freire, aprendeu do sociólogo romeno Zevedei Barbu. Ele concebe a democracia e a ditadura

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

pelo viés psicológico e sociológico, utiliza-se daquilo que entendemos como padrão, ou tipo de vida intercalando a análise da estrutura político-social com uma análise do comportamento social e da personalidade. Para Zevedei Barbu, mais que um conceito político, a democracia é uma forma de vida, um esquema mental, a essência daquilo que compreendemos por democracia, está no fato dela representar um modo ético de vida.

Após esse preâmbulo nos arriscamos a dizer que vivemos em uma sociedade, a brasileira, que devido a índices insuportáveis de corrupção e desossego nos marcos legislativo, político e judiciário, há um verdadeiro desencanto com as instituições, ditas democráticas. (BORGES; ALCÂNTARA; FILIPAK, 2018, p. 5). Vivenciamos um governo federal sem nenhum plano de governo, mas obstinado na produção de *fake news* em sites e mídias sociais, com ranços autoritários, saudosista do regime militar assistencialistas, ideias antidemocráticas e taques constantes às instituições de Estado, almejando transformá-las em instituições de governo. Ainda não conseguiu internalizar a democracia como um esquema mental, uma forma de vida, ou como um modelo ético de vida, apenas um vago conceito de democracia, que mais parece falácia e demagogia, cujo interesse é a manipulação da opinião pública por meio das *fake news*, como forma de propagando do seu governo.

O pensamento freireano pelo viés da eticidade é um contributo ao combate às *fake news*, pois incorpora um projeto de vida, fundado na *conscientização ética* (FREIRE, 2005, p.132). Essa consciência ético-crítica freireana é o combustível para combatermos as *fakes news*. As notícias falsas apelam e induzem às emoções, entorpecendo a reflexão racional, que impulsiona à conscientização, nascida de nossa capacidade de nos indignar diante das injustiças, aí nasce a ética (BORGES, 2021, p.195). Na medida em que o ser humano exerce a

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

liberdade e a autonomia como cidadão partícipe e agente no contexto em que se insere (ALCÂNTARA, 2019, p. 96) sentir-se-á “tanto mais livre, quanto mais eticamente assumindo a responsabilidade de suas opções” (FREIRE, 2006, p.93). Neste contexto, Paulo Freire assevera que nós, seres humanos, somos: “seres histórico-sociais, nos tornamos, capazes de comprar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso nos fizemos seres éticos (FREIRE, 2006, p.32).

Necessitados, urgentemente, do resgate da ética à serviço das pessoas, em que a verdade triunfe e não mentiras ou meias verdades, como sonhava Freire: “de uma ética a serviço das gentes, de sua vocação ontológica, a do *ser mais* e não de uma ética estreita e malvada, como a do lucro, a do mercado (FREIRE, 2000, p. 46). As *fake news* vão na contramão da história e do *princípio ético-crítico freireano* (BORGES, 2021, p.184-194). Além de representarem uma ameaça à democracia, fomentar o discurso de ódio, aguçam o pânico moral causadas pelas mazelas que se servem da tergiversação da verdade, transformando a crise ética e política, em uma crise humanitária (BORGES; ALCÂNTARA; CAMPOS, 2019, p. 68). Essa denota-se ao atingirmos a cifra de meio milhão de mortos ceifados pela pandemia de Covid-19, movida por informações desconstruídas e falsa propaganda governamental, como há demonstrado os relatórios da Comissão Parlamentar de Inquérito em curso no Senado Federal do Brasil.

Não seria hora de internalizarmos o que explicita Immanuel Kant na consecução da *Paz Perpétua*? “até um povo de demônios, de seres sem sensibilidade moral, preferiria formar um Estado de direito, no qual os indivíduos são protegidos pelas leis, do que ficar desamparados num Estado sem leis” (KANT, 1985, p. 38). Em realidade vivemos um espectro assombroso no que tange ao reino das *fake news* em nosso país, em se despreza a democracia e se manipula a opinião pública: “um espectro está assombrando as terras da

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

democracia: o espectro dos opressores” (BAUMAN, 2017, p. 49). E não há outra saída “senão a solidariedade dos seres humanos” (BAUMAN, 2017, p.24). Não podemos marchar pelas trilhas de governos infames ou tiranos, mas abrir-nos à solidariedade cosmopolita, onde a sociedade política e civil possa estabelecer novas pontes de diálogo, fundamento da pedagogia libertadora freireana (FREIRE, 2005, p.89-140), com a finalidade da construção de novas pontes. Uma solidariedade que liberta àqueles que sofrem os ataques das *fake news* e lutam por dias melhores em solo brasileiro, “os esfarrapados e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (FREIRE, 2005, p. 23).

Os que mais sofrem com estas distorções da realidade são os mais pobres, desfavorecidos que pagam um alto preço pelos desmandos de um governo, cuja propaganda está delineada pelas *fake news* para manter-se e continuar no poder. Denúncias já feitas por Adela Cortina Orts em sua recente obra *Aporofobia*, em que governos tiranos e infames são norteados pelo preconceito e o discurso de ódio que atinge, essencialmente aos mais pobres. Ela agrega que: “es la fobia hacia el pobre, la que lleva a rechazar a las personas, a las razas y a aquellas etnias que habitualmente no tienen recursos” (CORTINA, 2017, p.21). Somente o diálogo entre as iniciativas privada e pública, conscientes de sua responsabilidade e justiça social poderão afrontar as *fakes news* no resgate da verdade e da construção de uma nova história, a partir do momento histórico, inspirados na obra de Paulo Freire, como se expressa: “logo, a realização materializadora da obra de Paulo Freire fornecerá respostas para este momento histórico, através de exemplos, acertos e coerência da própria ideia e proposta educacional freireana” (GOMES, 2019, p. 161).

Somente um biófilo como Paulo Freire poderá nos auxiliar no combate à necrófila política do momento histórico brasileiro movidas por constantes *fake news*. Se não sonharmos

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

coletivamente o mesmo sonho como queria Paulo Freire, teremos dificuldades de superar esse momento histórico como ressalta: “nessa conjuntura, sonhar o sonho possível é sonhar o sonho certo, adequado as exigências históricas e políticas contemporizadas. Isso é irmos além da esperança, ou seja, ao *esperançar freireano*: “esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo” (FREIRE, 2014, p. 110-111). A esperança freireana é uma categoria epistemológica e uma “necessidade ontológica”, enfim, um “imperativo excepcional e histórico” (FREIRE, 1992, p. 10).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a contextualização histórico-social e algumas definições das *fake news* demonstramos o impacto destas nas eleições presidenciais norte-americanas e brasileiras, respectivamente em 2016 e 2018. Servimo-nos da contextualização histórico-social e das características fundamentais das *fake news*, para impulsionarmos o combate às mesmas, a partir do conjunto da obra freireana. Somente um biógrafo, amante da ética da vida como Paulo Freire poderá contrapor-se à necrofilia da atual política nacional, amparada sob a égide das *fake news*. Revisitando renomados autores como, Azevedo, BBC NEWS, CNN, Coelho, Diário de Notícias, Diário de Minas, Gragnani, HuffPost, dentre outros, identificamos como os envolvidos na produção das *fake news* querem tergiversar a história, sobrepondo a disseminação de mentiras, orientadas a manipularem a opinião pública, em detrimento da verdade. Seria uma espécie de saudosismo da *era Vargas* (1930-1945) com a inserção de um especial “Departamento de Imprensa e Propaganda” que trabalhava somente com as informações que interessavam ao governo

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

federal, uma estratégia, ou apenas fruto da incompetência e da ignorância na lide da coisa pública? E pior ainda, seria utilizar-se das *fake news* como uma ferramenta ou modo de governar, alusivo à propaganda nazista como explicitamos, objetivando encontrar um símbolo único, ou um inimigo único, culpado de tudo, no intuito de manter-se no poder. Dessa forma, impulsionado a manipulação da opinião pública e o cerceamento da verdade em prol de interesses espúrios e eleitoreiros.

A marca indelével das produções de *fake news* com constantes ataques a Paulo Freire pelo atual ocupante do Palácio do Planalto e seus sequazes, especialmente o ex Ministro da Educação Abraham Weintraub, culpando-o pelo fracasso da educação brasileira, evidencia o total desconhecimento da vida e do conjunto da obra Freireana. Infelizmente, “Paulo Freire nunca, até hoje, foi realmente estudado no Brasil a ponto de fazer parte integrante de um currículo nacional da educação”. Acreditamos ser esta hermenêutica acerca do pensamento freireano no combate às fake news outra possibilidade de reinventarmos Paulo Freire no século XXI, demonstrando a sua vigência, neste ano de 2021, em que comemoramos o centenário do seu nascimento. O nosso propósito foi fazer ressoar a voz ética e profética deste artífice do diálogo e da política, Paulo Freire, aos ouvidos daqueles que serão o futuro da humanidade, os jovens. Enfim, ecoar pelo país e pelo mundo a práxis histórica de libertação integral do ser humano propiciada por Freire no combate às fake news. Simultaneamente almejamos denunciar ao mundo o difícil momento histórico pela qual passa a nação brasileira submersa neste mundo de notícias falsas, mas com esperança de *outro mundo possível*, em que a verdade seja resgatada e restabelecida.

Os amantes das *fake news* que atacam e ignoram a Paulo Freire como o bode expiatório da má qualidade da

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

educação, preferindo uma educação cívico-militarizada alijada da dialogicidade, da eticidade e da politicidade. No intuito de reimplantarem no Brasil um novo modelo de *educação bancária* (FREIRE, 2005, p. 65-88), utilizada como um instrumento de opressão, alienação do sujeito e de manipulação da opinião pública. Esta tolhe a conscientização desprovida do crivo da criticidade e induz à crença nas *fake news* como uma forma de veículo oficial de comunicação e propaganda de governo. Outro motivo para os ataques ao legado freireano por este governo é o de esconder e dissimular o acelerado caos que atingiu a educação, especialmente nestes últimos dois anos. Por fim, a educação freireana é emancipatória, transformadora e democrática, sendo assim, pessoas com ideias e práticas antidemocráticas, igualmente seus sequazes, não o suportam. Ignorar ou mesmo negar a importância, a originalidade e a inovação contida na obra de Paulo Freire é junto ignorar a necessidade e o potencial de renovação na educação brasileira.

A mais poderosa arma de combate às *fake news* é a educação, que aguça o senso crítico e cura o analfabetismo comum, o digital e o político, especialmente daqueles que terão a tarefa de reconstruir e integrar esse país nos alicerces da verdade. Investir na educação, especialmente, a educação virtual é auxiliar a população a detectar e a destruir as informações falsas que manipulam as notícias e distorcem a realidade em favor de uma elite política dominante. Somente uma *educação como prática da liberdade* como queria Paulo Freire será capaz de criar e fomentar uma nova cultura e filosofia do questionamento. Destarte, essa *nova cultura* impulsionará, especialmente a juventude, no combate às *fake news*, dissipando o ódio, a indiferença e os ranços antidemocráticos que circundam o Palácio do Planalto na atualidade, conforme analisamos nessa investigação. Esperamos que o biófilo Paulo Freire nos inspire nas

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

celebrações do centenário do seu nascimento, novos rumos à necrofilia da política nacional brasileira, invadida e infestada pelo germe das *fake news*, que rondam o Palácio do Planalto e são um potencial ameaçador à democracia.

REFERÊNCIAS

AKKARI, Abdeljalil; MESQUIDA, Peri. **Paulo Freire: building a multicultural pedagogy for silenced voices**. In: DASEN, Pierre R.; AKKARI, Abdeljalil (Ed.). **Education theories and practices from the majority world**. New Delhi: Sage, 2008.

ALCÂNTARA, Luiz Alberto de. In Orlando, E. de A. **Os refugiados da terra: uma problemática ético-política inspirada nas abordagens freireanas** / Evelyn de Almeida Orlando, Peri Mesquida, Valdir Borges (Orgs.). Curitiba: CRV, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BILIO, M. G. P; PEREIRA, E. R. S. **Fake news e o pensamento de Paulo Freire na atualidade**. In INSTITUTO PAULO FREIRE. **Paulo Freire em tempos de Fake News**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

BOLSONARO, Carlos. **É simples entender porque o PT, PSOL, PCdoB (...)**. 14 de abril de 2019. Twiter: @CarlosBolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/carlosbolsonaro/status/1117528791373549568>. Acesso em 13 de junho de 2020.

BORGES, Valdir. **A reconstrução de uma ética pedagógica libertadora à luz de Paulo Freire**. 1.ed; 2.ed. Curitiba: CRV, 2013;2019.

BORGES, Valdir. In: **Os refugiados da terra: uma problemática ético-política inspirada nas abordagens freireanas** / Evelyn de Almeida Orlando, Peri Mesquida, Valdir Borges (Orgs.). Curitiba: CRV, 2019.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

BORGES, Valdir; ALCÂNTARA, Luiz Alberto de. **Direitos humanos, educação e ética na era da globalização a partir de Paulo Freire.** Revista Espacios. Vol. 39 (n 10) ano 2018. Pag. 12. Disponível em:

<http://www.revistaespacios.com/a18v39n10/18391012.html>

BORGES, Valdir. ALCANTARA, Luiz Alberto de. CAMPOS, Gabriela Ribeiro. **A indiferença da humanidade para com os refugiados da terra: uma problemática ético-política da atualidade.** REVISTA DEBATES INSUBMISSOS, Caruaru, PE. Brasil, Ano 2, v.2, n° 4. Edição Especial. 2019. ISSN: 2595-2803. Disponível em: [file:///C:/Users/Luiz/Downloads/239697-134405-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Luiz/Downloads/239697-134405-1-PB%20(3).pdf)

BRASIL. **Proposta de Plano de Governo. Coligação Brasil acima de tudo, Deus acima de todos – Jair Bolsonaro 2018.** Tribunal Superior Eleitoral (TSE). 2018. Disponível em: http://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517//proposta_1534284632231.pdf. Acessado em 29.06. 2020.

BUCCI, E. **Pós-política e corrosão da verdade.** Revista USP, n. 116, 2018, p.19-30. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146574>. Acesso em: 12.06.2020.

CALDAS, C. O. Luiz & CALDAS, P. N. Luiz. **Estado, democracia e tecnologia: conflitos políticos e vulnerabilidade no contexto do big-data, das fake news e das shitstorms.** Perspectivas em Ciência da informação, v.24, n.2, p.196-220, abr./jun. 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Luiz/Desktop/FAKE%20NEWS/conceito%20de%20fake%20news.pdf>. Acesso em: 13.06. 2020.

CARDOSO, G., Baldi, V., Pais, P. C., Paisana, M., Quintanilha, T. L., & Couraceiro, P. (2018). **As Fake News numa Sociedade Pós-Verdade.** Lisboa: OberCom: Investigação e saber em comunicação.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

CAZETTA, J. P. (2018). **O Fact-Checking Luso-Brasileiro: Uma Análise dos Fact-Checkings credenciados no Brasil e em Portugal pela Internacional Fact-Checking Network.** Universidade do Porto: Dissertação de Mestrado.

COELHO, Luciana. **Só 15% dos eleitores de Haddad e 12% de Bolsonaro votam pensando em propostas.** Jornal Folha de São Paulo, 2018. Em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/so-15-de-eleitores-de-haddad-e-12-de-bolsonaro-votam-pensando-em-proposta.shtml>. Acessado 26.06. 2020.

CORTELLA, Mario Sergio. **Bienal do livro SP 2018 – Escola Sem Partido e Merlí.** 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=auBSWHD8DgU>. Acesso em 18 de junho de 2020.

CORTINA ORTS, Adela. **Aporofobia: el rechazo al pobre - un desafío para la democracia.** Barcelona – España: Paidós, 2017.

EICH. P. H; et al. **A influência da Propaganda Nazista no Marketing Atual.** Palhoça – SC, em maio de 2014. Em:<http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-1701-1.pdf>. Acessado em 20.06. 2020.

FREIRE, Paulo. **Comunicação ou Extensão?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1971.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. ***Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.*** 34ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 30.ed. Rio de janeiro: Paz e Terra, 2007.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um encontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GOMES, José Joaquim Lopes. **Com soluções sociais de fato o fake foge**. In INSTITUTO PAULO FREIRE. **Paulo Freire em tempos de Fake News**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

GUSMÃO, Ramon Lamoso de. **O expurgo da verdade: fake news, Paulo Freire e negacionismo histórico**. In INSTITUTO PAULO FREIRE. **Paulo Freire em tempos de Fake News**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

HITLER, Adolf. **Minha luta: Mein kampf**. São Paulo: Editora Centauro, 2005.

KOBAYASHI, Maíra. **Fake News na campanha eleitoral de 2018: o processo estratégico em torno do “kit gay”**. In INSTITUTO PAULO FREIRE. **Paulo Freire em tempos de Fake News**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

EIXO 7



**FORMAÇÃO DAS PESSOAS TRABALHADORAS DA EDUCAÇÃO
E PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

"A INTERNET TRAVOU, A AULA CAIU": EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA EM TEMPOS PANDÊMICOS

Diogivânia Maria da Silva

Débora Cavalcanti

Fernanda Sardelich Nascimento

RESUMO: É notório que a humanidade tem passado por transformações tecnológicas de forma progressiva e acelerada, principalmente a partir de meados do século XX com o advento da internet. Tais transformações já sugeriam mudanças educacionais, por meio da inserção de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) em sala de aula, internet das coisas (IoT), gamificação, dentre outros. No entanto, em meados de março de 2020, a pandemia da Covid 19 obrigou os Estados (a nível mundial), a adotar medidas de restrição da circulação das pessoas, e o ensino remoto foi adotado, em nenhum contexto, algo feito com pausa e reflexão, e na surpresa da situação potências educacionais foram também possíveis. A pandemia pôs urgência na apropriação das TDIC no processo de ensino e aprendizagem. Essa adoção repentina para o ensino remoto, não caminhou conjuntamente com uma reflexão dos limites e possibilidades dessa modalidade e nem de seus impactos na saúde mental dos profissionais de educação e estudantes. Considerando que a educação é uma prática reflexiva, libertadora, transformadora socialmente, e uma via de mão dupla, uma vez que, como destacado por Paulo Freire ao longo de sua obra, ao ensinar aprendo e ao aprender ensino, nossa proposta visa discutir, a partir das experiências vividas na docência universitária e na prática de educação popular na área de saúde, as possibilidades que a modalidade de ensino remoto e a utilização das TDCI trazem para a educação. A partir da conjunção dessas tecnologias e

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

experiências, inventariamos a produção digital de mais de 200 diários de quarentena elaborados por estudantes do ensino superior situados numa instituição privada do Agreste Pernambucano à luz da hermenêutica do sujeito analisamos a produção desses diários bem como de outras experiências com o ensino emergencial.

ELEMENTOS INTRODUTÓRIOS

O final de 2019, notícias vindas da província de Wuhan na China, anunciavam um vírus que vinha acometendo a população da região. Em dezembro, a Organização Mundial de Saúde (OMS), fala em um surto de um vírus ainda desconhecido. Em janeiro de 2020 confirmou tratar-se do vírus da COVID-19. O que parecia algo muito distante, já que estava aparentemente localizado na China, rapidamente começa a se espalhar. Em janeiro de 2020, todos os dias, notícias de diferentes regiões e países falavam de casos de COVID-19 e em março deste mesmo ano a Organização Mundial de Saúde anunciou a pandemia da COVID-19 (WHO, 2020a; 2020b).

Nesse cenário de insegurança e muitas dúvidas, aqui no Brasil também começam a aparecer casos da Covid-19. Entretanto, por aqui as múltiplas crises, econômica, política e sociais, colocam a população numa situação de ainda maior vulnerabilidade. Divergências entre Governo Federal e Estaduais, fizeram com que as ações entre estados e municípios nunca estivessem alinhadas. Aqui no Estado de Pernambuco a decisão foi por uma ação de maior rigor e em meados de março de 2020, entre as ações de restrição, as aulas de escolas, universidades e faculdades, públicas e particulares foram suspensas. Dalila Oliveira e Edmilson Pereira Jr. (2020, p.209) destacam que o distanciamento social comprometeu a rotina escolar de milhões de jovens no mundo, e colocou para

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

os/as docentes o desafio de procurarem outras formas de ensino “compreendendo desde as atividades realizadas em ambiente virtual até o esforço para atrair a atenção dos estudantes a distância”.

Insegurança, desinformação, medo e atordoamento, compuseram esse primeiro momento. A mensagem recebida nas Instituições de Ensino Superior particulares era a de que não podíamos parar. Assim, passado uma semana, começou a ser ventilado a possibilidade de retorno as aulas, em uma modalidade nova, com a adoção da modalidade remota. Sem compreendermos as implicações disso, ou a demanda que era colocada sobre a responsabilidade dos/as professores/as. Junto com a perspectiva de que era preciso “continuar a vida”, também existia a cobrança institucional de manutenção dos/as alunos/as.

Para discutir o desenvolvimento do trabalho remoto é necessário levar em consideração as condições de trabalho para sua realização. A noção de condições de trabalho designa o conjunto de recursos que possibilitam a realização das atividades laborais, envolvendo as instalações físicas, os materiais e insumos disponíveis, os equipamentos e meios de realização das atividades e outros tipos de apoio necessários, dependendo da natureza da produção (OLIVEIRA; PEREIRA JR.,2020, p.225).

Nenhum desses elementos foi pensado ou problematizado. Com que internet alunos e professores/as iriam estar nas aulas, qual o computador, em que local? O “importante”, era a mensagem de “esperança” de que tudo logo voltaria ao normal e que até lá “não podíamos” parar. Byung-Chul Han (2015) aponta para o processo de aceleração, produtividade e cansaço que compõe a “Sociedade do Cansaço”. Junto com essa aceleração, o autor destaca para o processo de positividade negativa e de alta performance que

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

acompanha um modo de ser que tem gerado a exaustão e um processo que o autor denomina de autoexploração (HAN, 2015). Essa foi a tônica desse primeiro momento.

Oliveira e Pereira Jr. (2020) em pesquisa com docentes nesse período inicial da pandemia, destacam que o trabalho remoto gerou uma sobrecarga de trabalho, uma vez que teve que mudar a perspectiva pedagógica com a qual trabalhava, já que a perspectiva online parte de outra lógica, mas também teve que lidar com o fato de ser acionado/a a todo momento, com inúmeras reuniões, o despreparo para o uso de tecnologias, a disponibilidade quase que 24hs para os/as alunos/as. Do dia para a noite, as fronteiras entre público e privado foram quebradas, professores/as tiveram suas casas “invadidas”. Não houve tempo para o aprendizado e reflexão crítica. Sem contar que diferentes desigualdades como por exemplo de gênero, geração e sociais, já existentes, foram escancaradas nesse processo.

A falta de regulação, por parte do Ministério da Educação (MEC) contribuiu para esse cenário de instabilidade. No Diário Oficial a portaria nº 345, que altera a portaria nº 343 de 17 de Março de 2020, e autorização que seja adotado a modalidade de ensino remoto para os cursos de Ensino Superior, alterando o Art. 1º da Portaria do MEC nº 343 que passa a vigorar:

Art. 1º Fica autorizada, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017.

A única ressalva é o impedimento para atividades de laboratório e estágio e para as especificidades dos cursos de Medicina. Em 28 de abril de 2020 o Conselho Nacional de

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Educação (CNE) aprovou de forma unânime, diretrizes orientadoras para as escolas de Educação Básica e Instituições de Ensino Superior durante a pandemia do coronavírus. No que concerne as orientações ao Ensino Superior o que se tem é a sugestão da continuidade das atividades de forma não presencial.

Enquanto a modalidade de educação a distância, dispõe do decreto de nº 9.057 de 25 de Maio de 2017, que regulamenta o ensino a distância no país, a mesma precisão não existe em relação ao ensino remoto. Em seu Art.1º o decreto define a educação a distância como:

(...) modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos.

A EAD é uma modalidade de ensino que já é pensada desde o início do curso, ou melhor antes mesmo de sua abertura, uma vez que está no projeto pedagógico autorizado pelo MEC. Além disso, há uma estrutura pensada como material didático, um ambiente virtual de aprendizagem, com flexibilidade de tempo e o professor da disciplina – além de contar com o suporte de um tutor, que também é quem dá o suporte ao aluno no ambiente virtual – não participa, necessariamente, no mesmo tempo que o aluno, do processo educacional.

Já o regime remoto de aulas, conforme destacado por Carla Oliveira (2020), embora também utilize de tecnologias digitais da informação e comunicação, é um regime de excepcionalidade, pensado para esse momento em que há a

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

necessidade de isolamento social, e tem diferenças significativas da modalidade Ead, tais como: 1) não ter um material produzido anteriormente; 2) ocorre de forma sincrônica, o que significa que professor e alunos estão conectados ao mesmo tempo; 3) as aulas acontecem nos horários habituais, e é imprescindível a presença do aluno durante a aula; 4) há uma interação direta, em que o professor expõe o conteúdo da aula, promove debates, propõe atividades como na modalidade presencial.

A preocupação com a qualidade do ensino tem produzido uma sobrecarga extra, somados aos afazeres domésticos, a responsabilidade com os filhos, e aqui é importante destacar as diferenças de gênero, uma vez que sabemos que na divisão sexual do trabalho, a mulher tem uma dupla jornada, já que é responsável não apenas pelo trabalho produtivo, mas também o reprodutivo, doméstico e de cuidados com os filhos (HIRATA, 2001; HIRATA; KERGOAT, 2003). Como destacado por Boaventura de Souza Santos (2020) o vírus trouxe uma “cruel pedagogia” que tem gerado suas primeiras lições, entre elas que o impacto do vírus é diferente nos diferentes coletivos sociais, que estão mais vulneráveis e entre eles o autor destaca as mulheres.

Soma-se a isso o fato de que na modalidade remota nossas casas foram abertas, parte da nossa privacidade escancarada. Sabemos que os ambientes virtuais propiciam uma porosidade dos limites entre público e privado (SILVA, 2016). Tanto professores quanto alunos têm sua privacidade aberta, nossas casas ficam expostas durante o período da aula. Barulhos, choros, interrupções, o risco das câmeras abertas. Sem considerar que os professores além de sobrecarregados ainda também compartilham das angústias propiciadas pelo isolamento social, pelo medo de contaminação, pelo desgaste de inúmeras horas na frente de telas de computador.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

É evidente que a sociedade vem passando por intensas transformações tecnológicas, sobretudo digitais, principalmente após a expansão da internet, no final do século XX, e a constante aprimoração da indústria de software (CASTELLS, 2003). Essas transformações também vêm alcançando o universo da educação, com mídias educacionais de realidade aumentada e/ou inteligência artificial, processos de gamificações de conteúdos, uso de programação e pensamento computacional para o desenvolvimento de raciocínio lógico e outras habilidades, dentre outros reflexos (ALVES, 2019; PEIXOTO; ARAÚJO, 2012). No entanto, a pandemia da Covid-19 acelerou o ritmo da incorporação das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no processo de ensino-aprendizagem, quase como uma obrigatoriedade, em que observamos a utilização de um argumento da “urgência”, frente ao isolamento social, para nivelar as contradições e multiplicidade de discursos que compõem o debate “Tecnologia e Educação”.

Dentre os inúmeros desafios para o processo de ensino em ambiente virtual, é primordial problematizarmos a realidade dessa modalidade no cenário brasileiro. O Brasil ainda tem mais de 40 milhões de brasileiros/as sem acesso à internet, segundo a última pesquisa TIC Domicílios (2019).

Durante a pandemia, o Painel TIC Covid-19 (2020) apontou dados interessantes sobre o ensino remoto:

- 36% dos/as usuários/as de internet com 16 anos ou mais, tiveram dificuldades em acompanhar as aulas da faculdade ou escola, por falta de acesso à internet ou conexão ruim;
- 71% dos recursos utilizados para acompanhar as aulas remotas, foram site, rede social ou plataforma de videoconferência;
- Percebe-se distinções por classe social no que se refere ao acompanhamento das aulas e tarefas remotas

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

pelos/as estudantes de 16 anos ou mais. 25% da classe DE relata falta de acesso a materiais de estudos, enquanto que para a classe AB são 18%. 31% da classe DE indica baixa qualidade no conteúdo das aulas, diferente dos 28% da classe AB. A classe DE também sofre mais barreiras com a falta ou a baixa qualidade da internet, 39%, já a classe AB soma-se 34%;

- 56% dos/as entrevistados/as disseram que não acompanharam aula ou atividade remota porque precisaram procurar emprego;
- Com relação ao tipo de equipamento utilizado para acessar as aulas remotas, 54% da classe DE dispõe do telefone celular, quanto que para a classe AB o uso do notebook é o mais recorrente (45%);

Desta forma, ainda precisamos avançar muito em investimentos públicos para a inclusão digital. Isso requer vontade política, investimentos, desenvolvimento de habilidades e competências tecnológicas, democratização do acesso da população a equipamentos digitais e a garantia do direito à internet, nos marcos da Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. A exclusão digital, em todas as suas nuances, reflete diretamente nos mais diversos contextos educacionais do Brasil, inclusive no acesso à políticas públicas, sendo fundamental disputarmos a narrativa tecnológica no campo da garantia de direitos. Pois, não é o uso de tecnologias digitais que exclui as pessoas, mas sim a falta de investimentos públicos na democratização do acesso.

Bem como, compreendemos a necessidade de uma apropriação crítica das TIC por nós, sociedade civil, professores/as, estudantes, do ponto de vista de não apenas fazermos um uso passivo e consumista dessas tecnologias, mas de participarmos ativamente de sua concepção e processos de aplicação no mundo. Isso é importante, pois, no âmbito do

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

neoliberalismo temos vivenciado um forte estímulo a um “solucionismo tecnológico” e um consumo desenfreado e alienado (MOROZOV, 2018). Ter voz ativa frente à produção tecnológica é imprescindível para os horizontes da educação que queremos.

A proposta de que tínhamos que continuar, por outro lado, não trazia a preocupação com o como iríamos continuar, ou o que era importante de ser trabalhado nesse momento com os/as alunos/as. A preocupação era apenas com a continuidade do calendário acadêmico, inclusive pelo próprio MEC, com a manutenção dos pagamentos das mensalidades e com os conteúdos que precisavam ser dados. Numa proposta, muitas vezes nos moldes bancários da educação, já tão criticado por Paulo Freire na Pedagogia do Oprimido.

DO OPRIMIDO AO ESPERANÇAR

Entretanto passado os primeiros respiros, e com a perspectiva de esperançar (FREIRE, 1984), entendendo que educação é uma prática reflexiva, libertadora, transformadora socialmente, e uma via de mão dupla, começamos a adotar outras práticas, que não tinham o conteúdo como principal elemento, e numa proposta de construção coletiva da aprendizagem, outros voos passaram a ser alcançados. É sobre essas possibilidades e caminhos que vamos abordar aqui nessa mesa, que tem como objetivo problematizar os desafios e possibilidades que a modalidade de ensino remoto e a utilização das TDCI trazem para a educação, trazem.

Nesse contexto, uma proposta em educação emergencial foi realizada. Cerca de duzentos discentes de um curso de Psicologia situada no Agreste Pernambucano, numa instituição de ensino privada aceitaram o desafio do “conteúdo” , e a partir de suas experiências iniciais com a pandemia inventariamos as perspectivas éticas do cuidado de si a partir de

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Michel Foucault (1984). A disciplina era de ética e havia uma forte pressão institucional em manter os conteúdos negando inclusive a realidade do entorno, desemprego, suspensão da feira e dependência do pagamento do auxílio emergencial para seguir estudando.

De acordo com a hermenêutica do sujeito de Michel Foucault (1984), o trabalho sobre Si implica-se numa escrita em que iluminuras sejam capazes de lampejar o pensamento. Essas centelhas foram percebidas na produção dos diários. Os estudantes logo perceberam a importância desse exercício. Investiram fortemente e nos surpreendia a qualidade estética dos trabalhos: cordéis, vídeos, adaptações textuais, uso de tecnologias digitais, do trello ao Canva. Absolutamente únicos. Irrepetíveis. Justamente num contexto de produção serializada intensificada pela pandemia foi possível realizar algo único e subjetivamente valioso a ponto de termos lançado a partir da análise desses diários um Manifesto Agrestino Pernambucano. Apesar dos sofrimentos e transtornos de adaptação do primeiro trimestre da pandemia, assumir a posição do pensamento livre e reflexivo foi de suma importância (SILVA et AL, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobrecarga gerada e cobrança na lógica neoliberal foram os elementos de composição no primeiro trimestre da pandemia. Enquanto educadoras os desafios tecnológicos foram de toda ordem. Apesar das opressões oriundas dos processos educacionais, nos vimos envolvidas no desafio da superação. A produção dos diários de pandemia e a escrita de si nos revelou um importante registro ético, estético e político desses tempos do agora. Marcado por perdas, lutos e traumas. Esperançar foi um verbo igualmente empregado, tanto por docentes quanto discentes. Esperamos que esse trabalho tencione aspectos relativos aos movimentos heterotópicos como

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

construção alteritária de espaços outros. Criação da resistência e da marcação dos limites inegociáveis nesses tempos do absurdo e horror, mas também da inventividade e do brotar de novos movimentos na educação que segundo Freire não devemos jamais abdicar do verbo Esperançar.

REFERÊNCIAS

- ALVES, L. GAMES E EDUCAÇÃO: DESVENDANDO O LABIRINTO DA PESQUISA. Revista da FAEEDBA - Educação e Contemporaneidade, v. 22, n. 40, p. 177-186, 16 out. 2019.
- PEIXOTO, Joana; ARAÚJO, Cláudia Helena dos Santos. Tecnologia e educação: algumas considerações sobre o discurso pedagógico contemporâneo. Educação & Sociedade, v. 33, p. 253-268, 2012.
- CASTELLS, Manuel. A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade. Zahar, 2003.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- WORD HEALTH ORGANIZATION. (WHOa) Novel Coronavirus (2019-nCoV) Situation report -1. De 21 de January 2020. Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200121-sitrep-1-2019-ncov.pdf?sfvrsn=20a99c10_4 Acessado em 15/05/2020.
- WHOb Coronavirus disease 2019 (COVID-19) Situation Report – 5. Data as reported by national authorities by 10 AM CET 11 March 2020 Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200311-sitrep-51-covid-19.pdf?sfvrsn=1ba62e57_10
- OLIVEIRA, Dalila A. PEREIRA Júnior, Edmilson. Desafios para ensinar em tempos de pandemia: as condições de trabalho docente. In: OLIVEIRA, Dalila A.; POCHMANN, Marcio (Orgs.) *A Devastação do trabalho: a classe do labor na crise da pandemia* (1. ed.) Brasília: Gráfica e Editora Positiva: CNTE -

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação e Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente, 2020, p..207-228.

HIRATA, H. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cadernos Pagu**, v.17, n.18, p.139-156, 2001/02.

_____; KERGOAT, Daniele. A divisão sexual do trabalho revisitada. In: MARUANI, Margaret, HIRATA, Helena. (Org.). **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho**. São Paulo: Senac, 2003.

SANTOS, Boaventura de S. **A cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almeida, S.A., 2020.

SILVA, Francisco V. da. **Violência dirigida aos professores na internet: um estudo na rede social Twitter**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília (UCB), 2016.

Freire, P. **Pedagogia da Esperança**. Recife, Ed Universitária, 1984.

FOUCAULT, M. **Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo, ed novus, 1984.

SILVA, D; SILVA, V. Manifesto Agrestino Pernambucano. In, **Revista Humanidades UNB**, n. 15, v. 2. 2020.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Portaria nº 345 de 19 de Março de 2020**, Diário oficial <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-345-de-19-de-marco-de-2020-248881422>. Publicado em: 19/03/2020 | Edição: 54-D | Seção: 1 - Extra | Página: 1

OLIVERIA, Carla. ÉAD x Regime Remoto. É tudo a mesma coisa? **Em Notícias**, publicada Em 1 de abril de 20201 minuto de leitura. Disponível em:

<http://coronavirus.pucgoias.edu.br/noticias/ead-x-regime-remoto-e-tudo-a-mesma-coisa/>

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

CARTAS AO CENTENÁRIO DE PAULO FREIRE: EXPERIÊNCIA FORMATIVA E FORMADORA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

Beatriz Cassia da Silva¹⁴

Jane Leonilda do Nascimento Cavalcanti¹⁵

Maria José Alves de Souza Santos¹⁶

RESUMO: O projeto Ler, escolher e compartilhar – O protagonismo leitor na EJA, é o cenário deste relato - espaço de ação que oportuniza reflexões: o papel formador dos projetos didáticos; resgate da perspectiva da pedagogia de Freire; sistematização e mediação de estratégias interdisciplinares envolvendo diferentes atores da escola e tecnologias necessárias; e potencial das produções estudantis do gênero carta (carta aberta, ao leitor e pessoal) enquanto resgate da autoestima e reconhecimento do outro. Conclui-se que a prática do professor, gestão escolar, coordenação da biblioteca e protagonismo estudantil, ancorada na concepção freireana é possibilidade concreta de política formadora e formativa da EJA.

INTRODUÇÃO

Como resgatar vida e obra de Paulo Freire num contexto tão conturbado, cada vez mais conflituoso e impermeável?

¹⁴FAINTVISA, Especialista em Gestão Escolar, estudante do curso de Especialização em Neuropedagogia e Educação Inclusiva, docente da rede municipal de Vitória de Santo Antão-PE, assistente de gestão da rede estadual de Pernambuco, beatrizdeexu@gmail.com

¹⁵UFPE, Especialista em Avaliação da Língua Portuguesa. Janeleonilda@hotmail.com

¹⁶FESV Especialista em Geografia do Brasil. normasousa2013@gmail.com

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

natural que alguém possa atribuir a pandemia, estes conceitos nada positivos para a atualidade; no entanto, o discurso do ódio, o distanciamento do pensamento coletivo e humanitário são sensações que foram se fazendo presentes em nosso cotidiano desde a mobilização do grupo político que se encontra governando nosso país. Tais discursos enterneceram e foram presságios de que uma grande batalha estava por vir.

Diante aos ataques ao nosso patrono da educação, reiteramos em nossas trincheiras as lições de liberdade, autonomia e esperança jamais esquecidas e tão urgentes.

Discursos de ódio são indelévels diante da ação amorosa e neste intento, recebemos a proposição do Projeto Ler, escolher e compartilhar – o protagonismo leitor na EJA. Sabíamos da importância de se pensar, planejar e oportunizar a nossos estudantes este espaço de leitura (s), conhecimento e reconhecimento de nosso grande homenageado. As rejeições e críticas esperadas, não seriam diferentes de outros projetos, uma vez que enquanto reflexo da sociedade,

a ambiência de vivência não se encontra ileso dos discursos que emergiram dos porões da ditadura.

A realização deste projeto nos permite validá-lo como uma ação formadora porque sabemos do caráter eminentemente ético, individual, pessoal ao longo das reflexões propostas e formativa uma vez que a sistemática de planejamento, vivência, avaliação semanal, seguido do replanejamento ressalta o valor do coletivo docente, discente e da coordenação a luz dos fundamentos imperados na filosofia da escola e do ideal freireano.

A educação de jovens e adultos da rede estadual de Pernambuco vem se inovando através de ações de governo, como sua reorganização da oferta comungando curso propedêutico e profissionalizando; inovando no uso das tecnologias, antes mesmo da pandemia e a necessidade do ensino remoto e atualmente no modelo híbrido. Do mesmo

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

modo, não menos importantes os Trabalhos de Conclusão do Ensino Fundamental – TCFs nos módulos iniciais e os projetos de leitura, do qual relatamos, que se encontra no terceiro ano.

Apresentaremos os diferentes momentos que transcorreram o projeto Cartas ao Centenário de Paulo Freire: experiência formativa e formadora na educação de jovens e adultos – EJA, com o intuito de ressaltar, que estes desafios dentro do contexto escolar alcançam caráter formador e formativo, potencializado pela ação coletiva - diálogo, problematizadora e amorosa. Além de ter oportunizado aprendizagens sobre gêneros textuais carta, mapa conceitual, documentário, entrevista, biografia, poesias, artigo científico, literatura.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Toda e qualquer profissão é passível de atualização para alcançar melhores resultados. A educação é uma das áreas em constante resignificação e busca, uma vez que seus resultados, especialmente em nosso país, não são condizentes com o esforço percebido. É evidente que, na EJA o amadurecimento conceitual pedagógico, não apenas o professor, e discente, é um dos pontos mais significativos para se conquistar a oferta da modalidade enquanto direito.

Para Freire,

“a formação de professores numa perspectiva histórico-crítica requer a criação e a organização de situações problematizadoras da realidade, levando em consideração os dados de objetividade-subjetividade dos sujeitos e suas circunstâncias. Ela não se limita a aprendizagens de conteúdos disciplinares, embora não os exclua, ela não cessa na aquisição de metodologias do ensinar e do aprender, embora não as desconsidere, ela não se restringe ao domínio de um saberfazer

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

pedagógico, embora não o descarte" (SANTIAGO, BATISTA NETO. p.10)

Embora as aulas atividades tenham sido instituídas como intuito de favorecer a ação-reflexão-ação conforme destaca Freire, é perceptível que o número de aulas em sala, a diversidade de atribuições burocráticas, a organização do currículo, e demais fatores são empecilhos que precisamos prever quando ansiamos agir de forma coletiva com qualidade. Afinal, "escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro" (FREIRE, 1991, p. 135).

O mais importante é saber que estamos caminhando e nos aprimorando e agora mais do que nunca, precisamos valorizar o tempo de escuta e de aperfeiçoamento coletivo, encontramos nas tecnologias uma possibilidade diante da pandemia, não ficamos totalmente isolados e protagonizamos um capítulo da história que, se não fosse a vulnerabilidade financeira de nossos estudantes, e por que não dizer, de alguns professores também, nossos estudantes se tornariam mais autônomos, propensos a pesquisa e a descobertas.

Para Libaneo (2000, p. 126) "sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós por sua força a serviço de nossos sonhos", permanecer nas trincheiras ressignificando e valorizando cada trabalhador estudante, servidor, professor; com respeito ao direito de escuta, de tempo, de orientação.

Se perceber enquanto ator que faz, mas que também recebe a ação. Numa entrevista, Freire fala do desejo de ver, em todo momento e espaço diferentes tipos de "marchas", mobilizações de pessoas empoderadas de seus direitos,

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

gritando pela garantia. “Essa perspectiva formativa está no centro da obra, da prática e do sonho freireanos. Está na compreensão que “educação libertadora deve ser compreendida como um momento, ou um processo, ou uma prática onde estimulamos as pessoas a se mobilizar ou a se organizar para adquirir poder” (SANTIAGO e BATISTA NETO, p. 17)

METODOLOGIA

O projeto Ler, escolher e compartilhar – O protagonismo leitor na EJA foi apresentado a escola pela Gerência Regional Mata Centro (figura 1,2 e 3) em uma reunião específica e acolhedora.



Figura 1; Figura 2; Figura 3

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Neste ano, a EREM Capitão Manoel Gomes d'Assunção optou por não escolher outro título, e seguir com a mesma dinâmica de apresentação do projeto aos professores. Em reunião online envolvemos, apresentamos a proposta de trabalho e ouvimos os professores (figura 4 e 5).

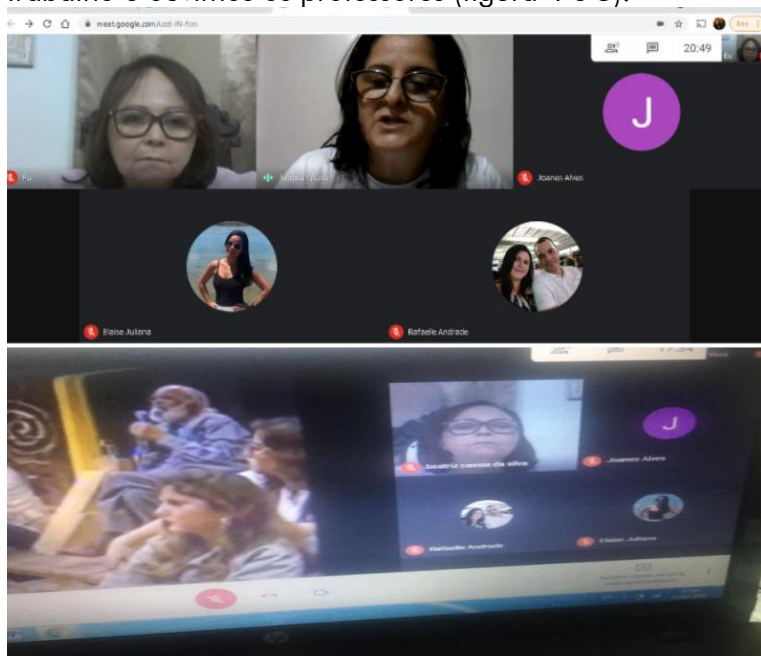


Figura 4; Figura 5

Planejamos coletivamente a dinâmica da primeira semana (Figura 6), definindo o vídeo a ser contemplado objetivando apresentar Paulo Freire refletindo sobre sua vida e obra através da leitura da entrevista em vídeo.

100 ANOS DE PAULO FREIRE...
DA LEITURA DE MUNDO À EMANCIPAÇÃO DOS POVOS
VOLUME 2

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)


| Material: Serginho Groisman entrevista Paulo Freire. https://www.youtube.com/watch?v=Zk-3WVDLzyQ | | | | | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | Tempo | LINGUAGEM | CIÊNCIAS DA NATUREZA | MATEMÁTICA | CIÊNCIAS HUMANAS |
| Projeto Ler, escolher e compartilhar – O protagonismo leitor na EJA. Ano 3 | 19 a 23 de abril | <p>PORTUGUÊS</p> <p>Defina com suas palavras o significado de "exílio" relatado nesta entrevista.</p> <p>Como Paulo Freire enfrentou a experiência de exílio?</p> | <p>Como descrever cientificamente o que acontece com o corpo humano em estado de banzo ou saudade?</p> | <p>- Quem foi Paulo Freire? (Nascimento, trajetória) e por que vivenciamos o seu centenário este ano?</p> | <p>HISTÓRIA</p> <p>Qual foi o fato histórico ocorrido no Brasil em 1964?</p> <p>Como diferenciar o regime comunista e socialista?</p> |
| | | <p>ARTE</p> <p>Como Paulo Freire posiciona-se em relação a cultura?</p> <p>Pesquisar e decorar uma estrofe do poema "Canção do Exílio" de Gonçalves Dias</p> <p>EDUCAÇÃO FÍSICA</p> <p>Quais oportunidades de educação informal (trabalho, cultura, religião, esporte, lazer) são possíveis em nossa cidade? (Especificar endereços e responsáveis sociais)</p> <p>INGLÊS</p> <p>Pesquisar a língua de cada país que entrevistou Paulo Freire na época.</p> <p>Escreva em inglês esta frase:</p> <p>Quem ensina aprende ao ensinar. E quem aprende ensina ao aprender.</p>  | <p>Qual o conselho deixado por Paulo Freire na entrevista aos jovens e aos jovens mais velhos ou jovens de mais idade?</p> <p>Você concorda que deste modo, envelhecer independe do tempo vivido?</p> | <p>- Observando o contexto da matemática em nossa vida (pedreiros, vendedores, motoristas) como exemplificar a verdade expressa na frase: "Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender?" (Paulo Freire)</p> | <p>GEOGRAFIA</p> <p>Representar colorindo no mapa os países citados na entrevista por Paulo Freire.</p> |

Figura 6



Figura 7; Figura 8; Figura 9

100 ANOS DE PAULO FREIRE...
DA LEITURA DE MUNDO À EMANCIPAÇÃO DOS POVOS
VOLUME 2

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Cada material necessário a vivência, foi pesquisado e disponibilizado ao professor impresso e com cópias suficientes para cada grupo de estudantes. Após a vivência da primeira semana, em reunião com os professores planejamos a segunda semana, objetivando problematizar através de rodas de conversa e leitura de imagem:

| Material: Documentário A Ilha das Flores (Jorge Furtado) | | | | | | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Objetivo: Conduzir a leitura de mundo dos estudantes. | | | | | | |
| OBS.: A leitura de imagem que será sistematizada no quadro pelo professor de Matemática, será realizada oralmente junto aos estudantes logo após a leitura do vídeo. | | | | | | |
| | Tempo | LINGUAGEM | CIÊNCIAS DA NATUREZA | MATEMÁTICA | CIÊNCIAS HUMANAS | |
| Projeto Ler, escolher e compartilhar – O protagonismo leitor na EA. Ano 3 | 28 de abril a 07 de maio | PORTUGUÊS Leitura de imagem (Matemática) 1 – A frase “elas não tem dono” referindo-se as pessoas que recolhem alimento do lixo, expressa uma ironia. Que reflexões podemos fazer: -os porcos são mais importantes que estes seres humanos -Ou os porcos são mais importantes que todosos seres humanos -Melhor seria ser escravo? Ter um dono? -Permanecemos escravos? | QUÍMICA/ FÍSICA/ BIOLOGIA Leitura de imagem (Matemática) 1 Como caracterizamos a matéria orgânica? 2 Diferença entre <u>telencefalo</u> e diencefalo. 3 Quais animais possuem polegar opositor? 4 Quais males o lixo (germes e bactérias) pode causar a saúde humana? 5 O que o Césio 137 pode causar ao ser humano? 6 Qual a composição química do Césio e da água? 7 Sabemos que em nossa cidade não existe a realidade da Ilha das Flores, mas qual é a realidade do destino do lixo em nossa cidade? | Leitura de imagem; Partindo deste vídeo O que vimos? O que ouvimos? O que sentimos? Que informação aprendemos? Que reflexões podemos apresentar enquanto resultado desta leitura? 1. O que podemos compreender da correlação estabelecida no vídeo entre o tomate da Ilha das Flores e liberdade? 2- Paulo Freire compreendia o valor da LIBERDADE e acreditava no potencial da educação como espaço de reflexão de estas realidades que vimos na Ilha das Flores. Leia o texto “Educação como prática de liberdade: a herança do pensamento de Paulo Freire” e responda: O que ameaça o ideal de Liberdade em sua comunidade? 4 – Que tal compormos em grupos um quadro semântico ou Mapa Conceitual do vídeo A Ilha das Flores! 5 - Para deleite: Poema o Bicho de Manuel Bandeira. | CIÊNCIAS DA NATUREZA Leitura de imagem (Matemática) 1 Como caracterizamos a matéria orgânica? 2 Diferença entre <u>telencefalo</u> e diencefalo. 3 Quais animais possuem polegar opositor? 4 Quais males o lixo (germes e bactérias) pode causar a saúde humana? 5 O que o Césio 137 pode causar ao ser humano? 6 Qual a composição química do Césio e da água? 7 Sabemos que em nossa cidade não existe a realidade da Ilha das Flores, mas qual é a realidade do destino do lixo em nossa cidade? 8. O que podemos dizer ao comparar a leitura de mundo de Paulo Freire e Jorge Furtado? <u> Vocês concordam?</u> Par quê? | HISTÓRIA/ GEOGRAFIA/ SÓCIO/ FILO Leitura de imagem (Matemática) HISTÓRIA Leia a reflexão de Nilton Flores (anexo) depois pondere 1- Que reflexões a lembrança do holocausto é provocada no vídeo Ilha das Flores, ao citar a definição científica para ser humano? SOCIOLOGIA 1- Q_ vídeo explora a ausência de políticas ambientais e econômicas de proteção aos cidadãos e testifica o poder da riqueza de poucos na opressão de muitos. Como o vídeo é datado no ano 1989, que iniciativas governamentais foram pensadas para atuar frente a problemática da fome que vimos? Você concorda com elas? O que você sugere aos governantes brasileiros para melhorar? 2 Desenvolver o conceito apresentado para FAMILIA, considerando as tempos atuais |
| | | CIÊNCIAS DA NATUREZA Leitura de imagem (Matemática) 1 Como caracterizamos a matéria orgânica? 2 Diferença entre <u>telencefalo</u> e diencefalo. 3 Quais animais possuem polegar opositor? 4 Quais males o lixo (germes e bactérias) pode causar a saúde humana? 5 O que o Césio 137 pode causar ao ser humano? 6 Qual a composição química do Césio e da água? 7 Sabemos que em nossa cidade não existe a realidade da Ilha das Flores, mas qual é a realidade do destino do lixo em nossa cidade? 8. O que podemos dizer ao comparar a leitura de mundo de Paulo Freire e Jorge Furtado? <u> Vocês concordam?</u> Par quê? | MATEMÁTICA Leitura de imagem; Partindo deste vídeo O que vimos? O que ouvimos? O que sentimos? Que informação aprendemos? Que reflexões podemos apresentar enquanto resultado desta leitura? 1. O que podemos compreender da correlação estabelecida no vídeo entre o tomate da Ilha das Flores e liberdade? 2- Paulo Freire compreendia o valor da LIBERDADE e acreditava no potencial da educação como espaço de reflexão de estas realidades que vimos na Ilha das Flores. Leia o texto “Educação como prática de liberdade: a herança do pensamento de Paulo Freire” e reflitam. 3- Leitura matemática provocadas pelo vídeo: a) $30^{\circ}12'35''S$ b) $15^{\circ}11'23''O$ c) Qual a unidade de medida em 500 Ton. ? | CIÊNCIAS HUMANAS Leitura de imagem (Matemática) HISTÓRIA Leia a reflexão de Nilton Flores (anexo) depois pondere 1- Que reflexões a lembrança do holocausto é provocada no vídeo Ilha das Flores, ao citar a definição científica para ser humano? SOCIOLOGIA 1- Q_ vídeo explora a ausência de políticas ambientais e econômicas de proteção aos cidadãos e testifica o poder da riqueza de poucos na opressão de muitos. Como o vídeo é datado no ano 1989, que iniciativas governamentais foram pensadas para atuar frente a problemática da fome que vimos? Você concorda com elas? O que você sugere aos governantes brasileiros para melhorar? 2 Desenvolver o conceito apresentado para FAMILIA, considerando as tempos atuais | | |

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)


| | | | | |
|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | <p>ARTE</p> <p>Leitura de imagem (Matemática)</p> <p>1- Leia a reflexão de Milton Flores depois:</p> <p>2 - Para Freire é importante fazer a leitura de mundo conectando a nossa realidade. Vamos fazer um painel de nomes e ação laboral (profissões) conhecidos em nossa cidade (como artesãos, barbeiro) enquanto refletimos sobre a relação de liberdade entre seus pares.</p> <p>3- Em 04 grupos declamar o poema "O Bicho" de Manuel Bandeira expressando 1º grupo: tristeza 2º grupo: indignação 3º grupo: suspense 4º grupo: desprezo</p> <p>EDUCAÇÃO FÍSICA</p> <p>Leitura de imagem (Matemática)</p> <p>Sabemos que em nossa cidade não existe a realidade da Ilha das Flores, mas qual é a realidade dos agentes do lixo reciclado em nossa cidade? Entreviste um destes agentes e descubra:</p> <p>1-Os desafios enfrentados pelos mesmos;</p> <p>2-Se ele já participou de algum movimento ou ação preocupada com a luta de direitos das pessoas que lidam com o lixo.</p> <p>3-A visão deles do que seria ideal para melhor desempenhar sua função social.</p> <p>4- O que ele sugere para que reduza o número de cidadãos pombos dependentes desta ação laboral para sobreviver.</p> <p>5:2 - Para Freire é importante fazer a leitura de mundo conectando a nossa realidade. Que ações individuais podemos realizar em favor do outro?</p> | <p>INGLÊS</p> <p>Leitura de imagem (Matemática)</p> <p>Traduza estes slogans de luta por liberdade e demais direitos defendidos por Paulo Freire.</p>  | <p>MATEMÁTICA (CONTIN)</p> <p>o) 1958 ano que se definiu os ciclos de radiação. O que significa ac e dc na divisão do tempo?</p> <p>e) 9.192.631.770 – Número do ciclo de radiação</p> <p>4 Podemos dizer que o Sistema de numeração decimal é organizado em grupos de 10 como fez o controlador de acesso ao lixo na Ilha das Flores? Por quê?</p> | <p>GEOGRAFIA</p> <p>2- Escreva a localização geográfica (latitude e longitude) de seu município como o autor descreveu a Ilha das Flores.</p> <p>3- Resuma o conteúdo sobre os movimentos da terra e seu uso na organização do tempo e definição do clima.</p> <p>4- Como explicar fuso horário?</p> <p>FILOSOFIA</p> <p>7- Refletir sobre as mensagens de Freire e Jorge Furtado afixadas na sala</p> |
| | | | | |

Figura 10

A vivência da leitura de imagem documentário A Ilha das Flores permitiu a leitura de mundo dos estudantes, refletimos sobre a visão de liberdade em artigos científicos dialogando com as proposições de Paulo Freire.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)



Figura 11; Figura 12; Figura 13

Os artigos, palavras do vídeo, texto e seu mapa conceitual, lápis hidrocor, tesouras foram entregues pela coordenação ao professor. O material escolhido por cada área foi disponibilizado com antecedência pela coordenação e gestão escolar.

Ao termino desta semana, fizemos uma reunião online com os estudantes (Figura 16) para ouvir sobre as impressões dos mesmos e para convidarmos para participarem da culminância, representando a escola.

Por fim, a Gerência disponibilizou um vídeo que apresentava o livro Cartas a uma negra de Frçoise Ega (Figura 14). Como havíamos trabalhado vídeos nas duas semanas anteriores, vimos com alegria aquele material. Copiamos parte do livro para os estudantes e apresentamos o

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

vídeo na semana em que as produções das cartas começariam a ser realizadas (Figura 15).

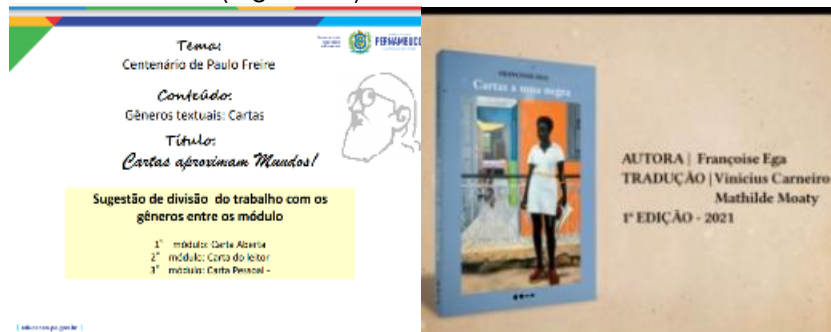


Figura 14; Figura 15

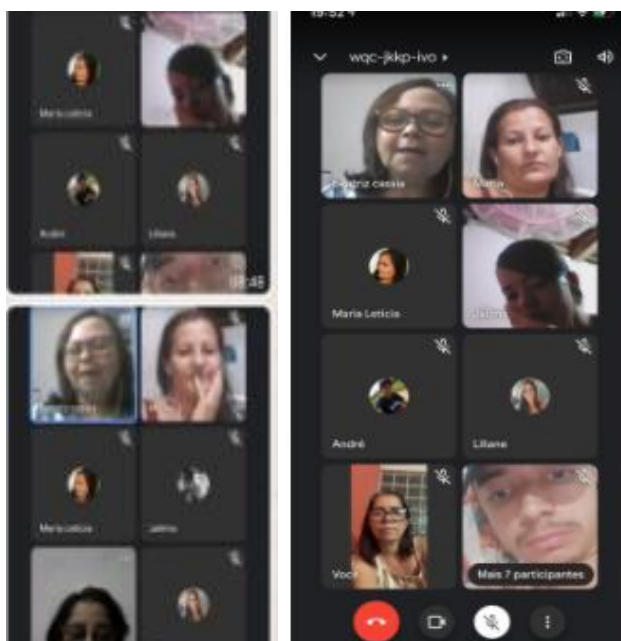


Figura 16

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

ANÁLISE E CONCLUSÕES

“Educação em favor da emancipação permanente dos seres humanos, considerados como classe ou como indivíduos, [educação que] se põe como um quefazer histórico em consonância com a também histórica natureza humana, inclusive, finita, limitada” (FREIRE, 1991, p. 72).

Baseado na pedagogia de Freire no que foi apresentado aos estudantes nas turmas da EJA, percebemos que muitos estudantes acolheram a ideia de em suas cartas, como foi pedido pelos professores, e numa participação de excelência um educando dialogou sobre sua compreensão e seu envolvimento no pensamento do Educador Paulo Freire, ao conhecer mostrarem na prática, de que são capazes de buscarem seus sonhos e construí-los pelo simples querer. Primeiro anunciando seu desejo e segundo procurando parceria. O que torna necessário na educação uma prática da liberdade; quanto mais se problematizam os educandos como seres no mundo, mais se sentirão desafiados e responderão de forma positiva, pois é através da força de vontade, que cada estudante quando encorajado, ele se torna capaz e busca colaborar por causas sociais lutando em busca da equidade social. As premissas de Freire motivam até hoje ações da sociedade civil em prol da efetivação da cidadania.

A atual política de Educação de Jovens e Adultos, fruto das reivindicações de grupos e movimentos sociais de educação popular, diante do desafio de resgatar um compromisso histórico da sociedade brasileira e contribuir para a igualdade de oportunidades, inclusão e justiça social, fundamenta sua construção nas exigências legais definidas pela Constituição Federal de 1988.

Essa Constituição incorporou como princípio de que toda e qualquer educação visa o pleno desenvolvimento da pessoa,

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Art. 205). Retomado pelo Art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, nº 9.394/96), esse princípio abriga o conjunto das pessoas e dos educandos como um universo de referência sem limitações. Assim, a EJA (modalidade que visa, além da escolarização, à inclusão e ao resgate da cidadania e à reparação de anos de segregação educacional) esforça-se em prol da igualdade de acesso à educação como bem social.

O sucesso na compreensão do projeto na Educação de Jovens e Adultos dependeu, em grande parte, da existência de uma atmosfera positiva e de estímulo entre o professor e o estudante.

Os saberes trabalhados na escola foram essencialmente construídos pelos alunos e pelos professores e foram acima de tudo, valorizados. Após leituras sobre Paulo freire, os estudantes foram estimulados a refletir sobre o que veem, leem e escrevem. E a proposta para a culminância, viria com a escrita de cartas. E não menos importante, foi apresentado um relato de experiência do estudante Pedro José da Silva, sobre a vivência do projeto.

Fala de apresentação:

/Embora nos últimos tempos, com a pandemia, tudo tem comprometido a participação efetiva de todos os estudantes, mas não foi para lamentar que estamos reunidos, mas sim, para apresentar nosso Projeto Ser Ejai - ano 3 Centenário Paulo Freire.

Muito me fez feliz poder conversar mais um pouco com os professores da EJAI da EREM Manoel Gomes d'Assunção no preparo, assim como o processo e finalmente a culminância do projeto. Fiquei encantada como os estudantes relacionaram as leituras e as discussões com a temática a ser trabalhada na escrita/.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Ao convidar os estudantes para uma revisão na escrita das cartas, a professora foi discreta e bem ética com os participantes. Assim como o momento da revisão, acreditamos que o professor deva acompanhar o aluno, ao menos nas primeiras produções, até o momento final da reescrita para sanar possíveis dúvidas que podem surgir e principalmente, para dar segurança e credibilidade a prática de revisão e de reescrita textual.

Sendo assim, apresentamos em seguida a pauta que foi desenvolvida na culminância do projeto:



EREM CAPITÃO MANOEL
GOMES D'ASSUNÇÃO
PROJETO SER EJA -
3º ANO
Centenário Paulo Freire -
Pauta

| |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| I. Boas-vindas - Gestora / Jane Leonilda Comentário de Introdução ao projeto - Assist. de Gestão / Beatriz |
| II. Slides (Evidências do projeto) - Norma |
| III. Mensagem alusiva a Paulo Freire Estudante Liliane da Silva Pereira - I EJATEC "B" "Educação é..." |
| IV. Apresentação da Carta Aberta Estudantes I EJATEC 1º Luana Gabriela da Costa Santos 2º Maciel Ferreira da Silva <ul style="list-style-type: none">Mensagem (II) Liliane - "Educação não..." IV.1 Apresentação da Carta ao Leitor 3º Larissa Alves dos Santos - 2º EJA (Regular) <ul style="list-style-type: none">Mensagem (III) Liliane - "Escola é..." |

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

IV.2 Apresentação da Carta Pessoal


4º Silvana Glória Freires de Assis Sena.

V. Relato de experiência sobre a vivência do projeto Ler, Escolher e compartilhar. Estudante: Pedro José da Silva

VI. Participação especial

- Profª Silvana - Canção do Exílio
- Profª Natilde - Um cordel com Paulo Freire

"Escola é...
o lugar onde se faz amigos
não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...
Escola é, sobretudo, gente,
gente que trabalha, que estuda,
que se alegra, se conhece, se estima.
O diretor é gente,
O coordenador é gente, o professor é gente,
o aluno é gente,
cada funcionário é gente.
E a escola será cada vez melhor
na medida em que cada um
se comporte como colega, amigo, irmão.
Nada de 'ilha cercada de gente por todos os lados'.
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir
que não tem amizade a ninguém
nada de ser como o tijolo que
forma a parede,
indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só
estudar, não é só trabalhar,
é também criar laços de amizade,
é criar ambiente de
camaradagem,
é conviver, é se 'amarrar nela'.
Ora, é lógico...
numa escola assim vai ser fácil
estudar, trabalhar, crescer,
fazer amigos, educar-se,
ser feliz."



de Paulo Freire

A educação é um ato de amor,
por isso, um ato de **coragem**. Não
pode temer o debate. A análise
da realidade. **Não pode fugir à
discussão** criadora, sob
pena de ser uma farsa.

2 de maio
22 anos da morte de

Paulo Freire

educador e terceiro
teórico mais citado em
trabalhos acadêmicos
no mundo

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Carta Aberta ao Secretário de Obras do município de Pombos - PE

Pombos/ PE, 11 de junho de 2021

Senhor Secretário, Cássio Luiz de Freire Santos

Ao analisar as necessidades da nossa cidade, pude observar de quão grande importância seria a construção de praças em nossas comunidades. Visando o bem-estar dos nossos idosos, crianças e jovens e considerando que a nossa cidade não oferece muitas opções de lazer. Afinal, por que a necessidade de praças públicas nos bairros?

As praças são consideradas espaços de lazer e integração dos moradores,

principalmente nas comunidades mais carentes. Esse ambiente também proporciona mais saúde física e psicológica e estimula uma vida mais saudável.

Portanto, como representante das comunidades e estudante da EJA, a qual refletimos sobre a herança do pensamento de Paulo Freire, "Liberdade e Autonomia". Ressaltamos a necessidade de revitalizar as praças existentes e a criação de novos espaços de lazer nas comunidades carentes do nosso município.

Atenciosamente,

Luana Gabriela da Costa Santos

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Carta Aberta aos alunos da Educação de Jovens e Adultos sobre o Bullying

Pombos/ PE, 11 de junho de 2021

Prezados alunos da EJA

Diante de alguns estudos científicos e matérias abordadas na internet, o tema: Bullying na escola continua em estado de alerta. De fato, é algo muito preocupante que precisa ser orientado, combatido e jamais esquecido. Já que suas consequências e seu estado agravante, destrói sonhos, autoestima e vidas. O grande desafio é: Quais estratégias devem ser criadas para orientar, prevenir e evitar? Nesta carta aberta quero me dirigir a todos os alunos da Educação de Jovens e Adultos, pois a prática dessa importunação tem se tornado cada vez mais comum no ambiente escolar, independente da faixa etária. Já que todos os dias e em diversas partes do país e do mundo, crianças, jovens e adultos sofrem preconceitos associados ao bullying em diferentes temas (aparência, grau de intelectualidade, biótipo, entre outros). Dentre as possíveis consequências dessa tortura psicológica, estão a evasão escolar e o baixo desempenho educacional de alguns estudantes vítimas dessa violência, como por exemplo: O público do EJA, que são alunos fora de faixa etária, quando comparados aos alunos do ensino regular e acabam se tornando alvo de piadas e brincadeiras sem graça. Uma das maiores dificuldades, é justamente identificar algumas agressões que são caracterizadas como bullying e que muitas vezes, é causado de forma silenciosa. Essa perseguição pode levar a consequências imediatas, por se tratar de uma violência psicológica e muitas vezes física que são praticadas constantemente de forma intencional. Diante de tal problema e de sua extrema importância, precisamos ajudar as pessoas que sofrem esse tipo de intimidação (mesmo aquelas que por medo ou constrangimento, se calam), promovendo uma sensibilização

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

através de cartazes afixados na escola, incentivando a distribuição de mensagens de conscientização sobre o problema e realizar campanhas constantemente de forma incansável. Portanto, como disse o Mestre Paulo Freire “A escola será cada vez melhor, na medida em que cada ser se comporta como colega, como amigo, como irmão”.

Atenciosamente,
Maciel Ferreira da Silva.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Carta do Leitor

Pombos/PE, 11 de junho de 2021

Prezado Mestre, Paulo Freire

Gostaria de saudá-lo pela obra Pedagogia da Autonomia, a qual nos apresenta uma importante reflexão sobre a relação entre o professor e o aluno. A partir da leitura desta obra, pude perceber a importância das suas propostas de práticas educativas inovadoras e como forma de nós educandos, construirmos a nossa autonomia para que assim, nosso conhecimento seja respeitado e valorizado pelos educadores. Ainda convém lembrar o quanto a forma de ensino foi modificada ao longo dos anos, pois, após esta leitura entendi que o ensino que recebíamos no passado, é considerado pelo Senhor, como educação bancária aquela em que o professor deposita os seus conhecimentos. Atualmente a metodologia de ensino está mais inovada, não como foi descrito em suas obras, mas temos a oportunidade de expor nossos conhecimentos sobre os conteúdos abordados nas aulas.

Enfim, gostaria de agradecer-lhe por ter deixado um legado tão importante à

EJA, pois através desta modalidade de Ensino pude dar continuidade aos meus estudos.

Atenciosamente,

Larissa Alves, aluna do 2º EJA Regular

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Pombos, 11 de junho de 2021

Querida prima, Gabi

Já faz tanto tempo que não nos vemos, sinto tanta saudade das nossas conversas paralelas, de nossas brincadeiras, de irmos juntas à escola. A gente não se desgrudava um só minutinho...

Não vejo a hora de nos encontrarmos novamente para que possamos ficar juntas de novo, aproveitando cada segundo. Vai ser muito legal! Mas enquanto esse dia não chega, quero contar as novidades da minha escola. Estamos vivenciando um Projeto sobre o centenário do Professor Paulo Freire, como sei que você é admiradora dele, lembrei logo de lhe contar.

Iniciamos o projeto, assistindo à uma entrevista muito interessante entre Serginho Groisman e o professor Paulo Freire, em seguida os professores organizaram uma discussão sobre o vídeo e nos apresentaram a biografia dele. Acredito que você iria amar essa aula.

Na semana seguinte, nós assistimos ao vídeo "Ilha das Flores", muito interessante, pois retrata uma situação de desigualdade social muito falada por Freire. Logo após, nós produzimos alguns cartazes sobre o nosso entendimento do assunto. Foi muito legal!

Alguns dias depois, os professores apresentaram um resumo do livro "Cartas a uma Negra" de Françoise Ega, que nos fez refletir bastante as dificuldades que nós alunos da EJA passamos, como você bem sabe. E mesmo assim, continuamos firmes! E para finalizar o projeto, nós vamos escrever cartas.

Sinto muito a sua falta, seria muito bom se você estivesse aqui para fazermos essas atividades juntas.

Espero que volte logo!

Saibas que a amo muito!

Beijos de sua prima, Silvana

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Sabemos que nossas escolas são testemunhas de trabalhos, até melhores e constatamos que a conquista de atitudes pesquisadora é algo que precisa ser alcançado pelos nossos docentes a exemplo deste artigo que, apesar de a princípio considerarmos o relato docente, o concluímos com esta importante e indesejável lacuna.

Como mediadores que somos, não podemos julgar o êxito deste trabalho, pelas produções apresentadas, embora chegarmos a esta etapa com uma grata sensação de que amenizamos os discursos contrários ao homenageado vivendo cada ação a luz do seu legado. Cada etapa que avançávamos, ouvindo, respeitando e nos reafirmando fortalecíamos nosso papel de educadoras, testemunhas de um cenário político-filosófico ameaçador; reconhecendo o valor de ser educador, de ser a voz que convida a reflexão do mundo, do que enxergamos na realidade atual de concreto na vida da população e na vida de cada brasileiro.

Os momentos colaborativos permitidos pela vivência do projeto Ler, escolher e compartilhar – O protagonismo leitor na EJA nos conduzem a afirmação de que a prática do professor, da gestão escolar, coordenação da biblioteca e do protagonismo dos estudantes fundamentados na concepção freireanas são possibilidades concretas de política formadora e formativa na EJA.

REFERÊNCIAS

CERQUEIRA. Wagner e Francisco. **Documentário ilha das flores.**
<https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/documentario-ilha-das-fores.htm>.
CULTURA TV. **Serginho Groisman entrevista Paulo Freire.**
<https://www.youtube.com/watch?v=Zx-3WVDLzyQ>

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

DANTAS, Jefferson. **Educação como prática de liberdade: a herança do pensamento de Paulo Freire.**
<https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/educacao-liberdade-paulo-freire/>.

DIAS, Gonçalves. **Canção do Exílio.** Poema.
https://pt.wikipedia.org/wiki/Can%C3%A7%C3%A3o_do_Ex%C3%ADlio

EGA, Françoise. **Cartas a uma negra.** Tradução Vinicius Carneiro e Mathilde Moaty. 2021.

FLORES, Nilton. **Ilha das flores.** Vídeo.
<https://vimeo.com/238439307>.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A Escola.**
<https://tiaeron.files.wordpress.com/2012/04/escola.jpg>

INSTITUTO, PauloFreire. **Um Cordel com Paulo Freire.**
#PauloFreireSempre #InstitutoPauloFreire

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000

PEIXOTO, Bel. **Citações de Paulo Freire.**
<https://br.pinterest.com/belpeixoto16/cita%C3%A7%C3%B5es-de-paulo-freire/>

SANTIAGO, Maria Eliete e BATISTA NETO, José. **Formação de professores em Paulo Freire: uma filosofia como jeito de ser-estar e fazer pedagógicos.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Programa de Pós-graduação Educação: Currículo Revista e-curriculum ISSN: 1809-3876. Disponível em: revistas.pucsp.br/curriculum/article/viewFile/7598/5548. Acesso no dia 21/07/2021.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

EIXO 8



**CURRÍCULO, DIDÁTICA E PRÁTICA PEDAGÓGICA NA
PERSPECTIVA DA INTERCULTURALIDADE**

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: OS ASPECTOS CURRICULARES E DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS SOB A ÓTICA DE PAULO FREIRE

Maria Aparecida Vieira de Melo (UFRN)

Sara Ingrid Borba (UFPB)

Maria Aparecida Cruz (IFPE)

RESUMO: A educação enfrenta um contexto influenciado pelas questões políticas, econômicas fundamentadas nas relações de poder, impulsionada pela ferramenta tecnológica do mundo atual, em consonância a este quadro agrava-se pela situação pandêmica. Neste sentido, nos debruçamos na análise dos discursos postos na teoria de Paulo Freire quanto ao currículo, a didática e a prática pedagógica na perspectiva da interculturalidade. A curiosidade epistemológica que consubstancia esta análise é como a educação na contemporaneidade tem se constituído, tomando como parâmetro os estudos freirianos, pautados na libertação, humanização e demais categorias que representam os interesses da classe popular. No conjunto das coisas ditas e escritas, evidenciamos que o legado de Paulo Freire sobre educação, representa no contexto atual uma premissa para repensar a dinâmica educacional na perspectiva da interculturalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Libertação. Humanização. Interculturalidade. Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos a educação sofrera uma mudança significativa em seus processos metodológicos, por causa da pandemia da Covid-19, os educadores do mundo inteiro

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

tiveram que alternar a sua forma de ensinar, tendo o isolamento social como fator crucial que suscitara a mudança repentina na forma de ensinar, saindo da presencialidade para virtualidade. Deste modo, as tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDICS) permearam ainda mais o meio de fomentar a disseminação do conhecimento, ou seja, o processo de ensino-aprendizagem está cada vez mais instrumentalizado pelas TDICS.

Salientamos que a educação na contemporaneidade está sendo atravessada por alternativas metodológicas que influenciam a didática, as práticas pedagógicas e o currículo, estas três ordens discursivas serão analisadas através do legado freiriano, necessário a discussão sobre a diversidade dentro do contexto do trabalho remoto, que reverbera em uma negação da práxis intercultural.

A caixa de ferramentas que acionamos para realizarmos o procedimento metodológico é a análise arqueológica do discurso de Michel Foucault (2008) por ser a ferramenta que melhor comunica os nossos achados. Assim, iremos mapear nos escritos de Paulo Freire, escavar o *corpus* analítico/descritivo e explicitar os feixes de relações que são correlatos da interculturalidade, no que concerne as ordens discursivas: didática, prática pedagógica e currículo. A curiosidade epistemológica que nos motiva a esta investigação analítica/descritiva e reflexiva é: como a educação na contemporaneidade tem se constituído? Em outras palavras, iremos penetrar nas obras de Paulo Freire para analisar a ordem discursiva sobre a didática, a prática pedagógica e o currículo na perspectiva da interculturalidade, ainda nos interessa mapear a fonte primária e as fontes secundárias que explicitam o corpus analítico/descritivo e por fim, explicitar os feixes de relações que estão ordenados pela interculturalidade em torno da didática, da prática pedagógica e do currículo.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Paulo Freire em seu tempo histórico nos faz compreender que a educação na contemporaneidade tem se constituído paulatinamente através da reinvenção, da recriação, de uma ação coletiva, crítica, reflexiva e consciente sobre uma educação democrática e de qualidade para todos. Deste modo, a educação vivenciada hoje no formato do trabalho remoto, ou seja, através da virtualidade, tem promovido a negação da práxis intercultural. Pois deveria mesmo distante geograficamente, favorecer a interconexão, o diálogo e a problematização crítica sobre a didática, a prática pedagógica e o currículo, compreendendo que por meio das tecnologias digitais da informação e da comunicação também é possível promover uma educação libertadora, transformadora e emancipatória, quando os sujeitos se propõe a este fim.

ADENTRANDO AO TERRITÓRIO DA EDUCAÇÃO

Quando nos propomos a refletir analiticamente sobre a educação nos vem em mente uma série de caminhos teórico/epistemológico e metodológico que poderíamos percorrer para fazermos o mapeamento do discurso sobre a educação. Para tanto, é preciso um corte, seja no tempo histórico em que iremos situar a educação, seja no autor que dialoga sobre ela, seja sobre a visão holística da educação, isto é, o corte metodológico situa o autor a adentrar no território da linguagem para escavar sobre a educação sob a ótica de Paulo Freire. Então, elidimos com os demais autores, não que com isso estejamos desconsiderando-os, não! Mas sim, porque o que nos importa é o discurso sobre a educação sob a ótica de Paulo Freire. Nas fontes analisadas de Paulo Freire (Pedagogia da Esperança (1992); Pedagogia do Oprimido (1987); A Ação Cultural para Liberdade e outros escritos (1981); Pedagogia da Indignação (2000), identificamos o jogo de relações estabelecido no que concerne ao desdobramento da educação

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

em prática, seja ela domesticadora ou libertadora. Desta feita, nos escritos de Paulo Freire, há contestação da educação bancária e há a defesa de uma educação libertadora. Portanto, iremos discorrer sobre a prática da educação libertadora.

A educação é uma prática social. Logo, os desdobramentos da educação que estão acionados no dispositivo da didática, da prática pedagógica e do currículo são constituídos também enquanto práticas sociais, a questão que precisa se desvelar é, prática social opressora ou libertadora? Sendo uma prática opressora está a serviço da classe dominante, aquela que detém o poder e por tal razão se consideram os donos dos outros, por isso a opressão, a exploração, a violação, a negação dos direitos, a servidão. Sendo uma prática libertadora, é uma educação que visa em última instância a humanização, a liberdade, o protagonismo, a transformação e emancipação do sujeito de direito no contexto histórico em que está inserido. Assim, não há segregação, violação, domesticação, mas ao contrário, há sujeitos históricos que são conscientes criticamente sobre a realidade que lhe cerca.

Destacamos que nas obras de Paulo Freire não estão postos por extenso o enunciado didática e currículo, mas o que está desvelado sobre a prática educativa é correlato de uma didática e currículo emancipadores, inclusivos e democráticos, que se contrapõem a instrumentalização da didática e ao currículo tradicional de ensino, que visa a reprodução da desigualdade social por meio de sua hierarquia, da disputa de poder, já que nem sempre o currículo é inclusivo socialmente. Então a partir do discurso-enunciado sobre a prática educativa iremos analisar o jogo de relações que está posto no discurso sobre a educação que se desdobra em prática pedagógica, conceito operatório e categorial que atravessa os conceitos de didática e de currículo que temos definidos por Paulo Freire em seus escritos.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

O CORRELATO DA PRÁTICA EDUCATIVA: DIDÁTICA E CURRÍCULO

Dentre os vários conceitos que temos sobre a prática educativa no que concerne ao currículo e a didática, iremos elucidar alguns achados para podermos compreender que o discursivo enunciativo de Paulo Freire sobre a prática educativa abarca o discurso-enunciado sobre didática e currículo, sobretudo quanto ele explicita a interculturalidade como uma prática educativa que visa a democracia da prática educativa para liberdade.

Adentramos ao território da linguagem da prática educativa a partir do mapeamento da fonte primária Pedagogia da Esperança de Paulo Freire, onde ele elucida que:

Toda **prática educativa** implica sempre a existência de **sujeitos**, aquele ou aquela que ensina e aprende e aquele ou aquela que, em situação de aprendiz, ensina também, a existência do **objeto** a ser ensinado e aprendido – a ser reconhecido e conhecido – **o conteúdo**, afinal. **Os métodos** com que o sujeito ensinante se aproxima do conteúdo que medeia o educador ou educadora do educando ou educanda. Na verdade, o conteúdo, por ser objeto cognoscível a ser reconhecido pelo educador ou educadora enquanto o ensina ao educando ou educanda que, por sua vez, só o aprende se o apreende, não pode, por isto mesmo, ser puramente transferido do educador ao educando. Simplesmente no educando depositado pelo educador (FREIRE, 1992, p. 45, grifos nosso).

O desdobramento da prática educativa está consubstanciado aos sujeitos, ao conteúdo, aos métodos, ou seja, o processo de ensino-aprendizagem deve ocorrer na relação triádica: educador, educando e conteúdo a ser aprendido, o que nos remete a essência da didática, por esta

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

se ocupar dos processos de ensinagem e ao currículo por este fazer jus aos conteúdos e aos sujeitos. Em outras palavras os conteúdos das áreas de conhecimento a serem apreendidos que permeiam o currículo escolar estão assim explicitados.

Dando ênfase a didática e ao currículo que estão no feixe de relações da prática educativa, Freire explicita que:

A **prática educativa** implica ainda **processos, técnicas**, fins, expectativas, desejos, frustrações, a tensão permanente entre **prática e teoria**, entre liberdade e autoridade, cuja exacerbação, não importa de qual delas, não pode ser aceita numa perspectiva **democrática**, avessa tanto ao autoritarismo quanto à licenciabilidade.

O educador ou a **educadora crítica**, exigente, coerente, no exercício de sua reflexão sobre a **prática educativa** ou no exercício da própria prática, sempre a entende em sua totalidade.

Não centra a **prática educativa**, por exemplo, nem no **educando**, nem no **educador**, nem no **conteúdo**, nem nos **métodos**, mas a compreende nas **relações de seus vários componentes**, no uso coerente por parte do educador ou da educadora dos **materiais, dos métodos, das técnicas** (FREIRE, 1992, p. 46, grifos nosso).

Os elementos constituintes e constituídos da didática e do currículo, enquanto práticas sociais estão acionadas na indissociabilidade entre 'teoria e prática, técnicas, métodos, democracia, criticidade, relações de seus vários componentes'. Todos estes enunciados são considerados como fundantes para uma prática educativa libertadora.

No que diz respeito ao currículo e a didática, a reflexão epistemológica que está elucidada por Freire em Pedagogia da Esperança é salutar para entendermos como ele problematiza o discurso-enunciado sobre o currículo. Eis uma fratura de texto posto por Freire:

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

O **problema fundamental**, de natureza **política** é tocado por tintas **ideológicas**, é saber quem **escolhe os conteúdos**, a favor de quem e de que estará o seu ensino, contra quem, a favor de que, contra que. Qual o papel que cabe aos educandos na **organização programática dos conteúdos**; qual o papel, em níveis diferentes, daqueles e daquelas que, nas bases, cozinheiras, zeladores, vigias, se acham envolvidos na **prática educativa da escola**; qual o papel das famílias, das organizações sociais, da comunidade local? (FREIRE, 1992, p. 46, grifos nosso).

Quando Paulo Freire expõe sua concepção de currículo considerando um problema fundamental é por compreender que existe o posicionamento político/ideológico que escolhe os conteúdos, os quais não de representar uma classe social e excluir outras, assim é importante saber a favor de quem o ensino está voltado, como está a organização programática dos conteúdos e estes como estão nos materiais didáticos, como os sujeitos estão representados nos materiais didáticos. Pois, como é do nosso conhecimento o currículo é um território de poder, por isso a grande disputa. Exercer uma prática educativa democrática implica a participação de todos na organização da proposta pedagógica, numa perspectiva emancipatória e participativa. Razão pela qual Freire defende uma gestão escolar democrática, uma organização do trabalho pedagógico concernente com processos inclusivos, socialmente.

Neste propósito de uma prática educativa na dimensão da democracia implica a participação de todos os sujeitos coparticipes da unidade escolar, ou seja, estudantes, funcionários, professores, gestores, supervisores, coordenadores, enfim, a unidade na diversidade que faz com que os sujeitos plurais lutem por um projeto de sociedade mais justa e igualitária

Por isso é que toda **prática educativa libertadora**, valorizando

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

o exercício da vontade, da decisão, da resistência, da escolha; o papel das emoções, dos sentimentos, dos desejos, dos limites; a importância da consciência na história, o sentido ético da presença humana no mundo, a compreensão da história como possibilidade jamais como determinação, é substantivamente esperançosa e, por isso mesmo, provocadora da esperança (Freire, 2000, p. 67).

A prática educativa libertadora transcende ao processo de ensino aprendizagem do conteúdo impregnado de sentido e significado para os sujeitos históricos que constituem a ensinagem, superando a dicotomia existente entre objetividade e subjetividade. Assim sendo, a prática educativa libertadora permeia a formação integral, a humanização, a libertação e a transformação social de todos que estão inseridos na comunidade escolar.

Desta feita, a dimensão curricular e didática está posta por Freire para além da instrumentalização da prática pedagógica, pois sendo desta forma, possibilita a inserção social de todos os sujeitos no processo de ensino aprendizagem de forma autônoma, crítica e consciente da problematização da realidade. Neste sentido, nos esclarece Freire sobre a necessidade da “formação permanente, científica, a que não falte sobretudo o gosto das práticas democráticas, entre as quais a de que resulte a ingerência crescente dos educandos e de suas famílias nos destinos da escola (FREIRE, 1992, p. 20). As práticas democráticas estão enlaçadas na participação de todos no destino da escola, por tal razão no que diz respeito ao currículo é crucial que os professores possuam e estejam em formação permanente para que possam participar e efetivar uma gestão escolar, juntamente com a organização do trabalho pedagógico concernente com as demandas sociais, culturais, políticas, econômicas e afetivas da sociedade que constituem a escola.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

O DESDOBRAMENTO ENUNCIATIVO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Destacamos que no conjunto das coisas ditas e escritas por Freire sobre a prática pedagógica está acionada em seus correlatos, tais como: recursos didáticos, fotografias, desenhos, círculos de cultura. Tais correlatos permeiam o processo de ensino-aprendizagem no que diz respeito ao fazer pedagógico em sala de aula. Contudo, salientamos que não há um método a ser seguido, modelo ou mandamento, mas sim, existem artefatos sociais e culturais que consubstanciam a didática e o currículo.

Neste caso, o fazer pedagógico a ser sistematizado deve levar em consideração a finalidade do ensino-aprendizagem a ser alcançado no contexto educacional. Deste modo, Freire elucida em sua obra *Pedagogia do Oprimido* os artefatos que permeiam o ensino, eis a fratura de texto que explicita, tal achado “a escolha do canal visual, pictórico ou gráfico, depende não só da **matéria a codificar**, mas também **dos indivíduos a quem se dirige**. Se têm ou não experiência de leitura. Elaborado o **programa**, com a temática já, reduzida e codificada, confecciona-se o material didático” (FREIRE, 1981, p. 15, grifos nosso). Por conseguinte, damos ênfase a matéria/disciplina, ao nível de aprendizagem dos sujeitos a quem se destina o conhecimento a ser ensinado e de tal modo a organização do programa para que o material didático seja confeccionado, ou seja, o material didático que consubstancia a prática do professor deve ser construído ao longo do processo, a partir da sua inserção no contexto escolar e não promover assim a transmissão do conhecimento, com um material didático que não representa as necessidades reais dos coletivos sociais.

Quando os educadores planejam suas ações pedagógicas é importante que organizem os recursos didáticos

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

a serem usados, sobretudo, quando os educandos são alfabetizados, ou seja, aqueles que já dominam a leitura e a escrita, bem como, é preciso igualmente se ocupar pedagogicamente dos processos de ensino-aprendizagem daqueles que ainda não se apropriaram da aquisição da leitura e da escrita, ambos os sujeitos precisam ser considerados no contexto da sala de aula, para que o uso do recurso didático seja o mais adequado possível a realidade do educando. Neste sentido, ressalta Freire (1981, p. 25) sobre a necessidade da escolha do melhor recurso didático para romper com uma prática bancária da educação. Pois eis o fragmento que elucida esta perspectiva pedagógica:

Outro recurso didático, dentre de uma **visão problematizadora** da educação e não “bancária”, seria **a leitura e a discussão** de artigos de revistas, de jornais, de livros começando-se por trechos. Como nas **entrevistas gravadas**, aqui também, antes de iniciar **a leitura de artigo ou do capítulo do livro** se **falaria de seu autor**. Em seguida, se realizaria o debate em torno do conteúdo da leitura (Grifos nosso).

Nesta perspectiva enunciativa, Freire sugere a necessidade de desenvolver a problematização em torno da educação crítica e reflexiva, a fim de romper com a prática da educação bancária, pois é importante que o leitor conheça o autor, ou seja, conhecendo o contexto sócio-histórico, político, cultural, econômico e social do autor, os leitores entenderiam por que ele trabalha uma temática e não outra, ao mesmo tempo, que se faz necessário se aprofundar no conteúdo. Portanto, é essencial que os recursos didáticos sejam acessíveis aos educandos, que promovam o diálogo em torno da temática abordada, bem como, se destaca a prática pedagógica, dialógica e problematizadora da realidade.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

A prática pedagógica deve ao fim e ao cabo viabilizar a indissociabilidade entre a teoria e a prática, pois embora sejam distintas no que fazer pedagógico são inseparáveis. Esta indissociabilidade está presente nos escritos de Paulo Freire, sobretudo ao que concerne em sua obra *Ação Cultural para a Liberdade e Outros Inscritos*, tendo em vista que está posto “para mim, que me situo entre os que não aceitam a separação impossível entre prática e teoria, toda prática educativa implica numa teoria educativa (1982, p. 09). Freire, esclarece que é impossível a separação entre teoria e prática, de tal forma que sua prática é refletida teoricamente, ou seja, seus inscritos são reflexões sobre a sua prática, o que favoreceu para que o seu legado se tornasse tão importante para todos nós. Haja vista que a teoria melhora a prática e a prática é consubstanciada pela teoria, assim uma não existe sem a outra. Neste sentido, Freire nos faz a seguinte recomendação:

Quanto aos outros, os que **põem em prática a minha prática**, que **se esforcem por recriá-la, repensando também meu pensamento**. E ao fazê-lo, que tenham em mente que **nenhuma prática educativa se dá no ar**, mas num **contexto concreto, histórico, social, cultural, econômico, político**, não necessariamente idêntico a outro contexto (FREIRE, 1982, p. 45, grifos nosso).

O legado de Paulo Freire ao ser posto em prática deve ser levado em consideração o contexto concreto, histórico, social, cultural, econômico e político que estamos inseridos na atualidade, ou seja, em tempos de pandemia que educação estamos a defender? Como estamos proporcionando os processos de ensino-aprendizagem com as tecnologias ativas? Enfim, não podemos fazer jus a reprodução da prática pedagógica de Freire na atualidade, mas recriá-la e reinventá-la conforme as demandas sociais da atualidade. Movimento

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

que vem acontecendo na educação por causa da Covid-19. Recriar a prática de Freire permeia assim a necessidade de promover a indissociabilidade entre a teoria e a prática, tal como ele sugere:

Mas a compreensão da **unidade da prática e da teoria**, no domínio da educação, demanda a compreensão, também, da **unidade entre a teoria e a prática social** que se dá numa **sociedade**. Assim, a teoria que deve informar a prática geral das classes dominantes, de que a educativa é uma dimensão, não pode ser a mesma que deve dar suporte às reivindicações das classes dominadas, na sua prática (FREIRE, 1982, p. 55).

A indissociabilidade entre a teoria e a prática, acontecem no contexto educacional de forma a promover a unidade. Razão pela qual a educação é uma prática social que está ensejada na sociedade. Ou seja, a prática educativa vivenciada no espaço micro corresponde a dimensão macro. Desta maneira, elucidamos que Freire nos sugere estratégias de ensino, onde ele nos orienta sobre uma prática sendo consubstanciada pelos recursos da fotografia e dos desenhos. Assim, está posto por Freire “em nossa prática usamos codificações ora feitas por nós, ora pelos educandos; às vezes fotografias, às vezes desenhos; já um pequeno texto, já uma pequena dramatização em torno de um fato concreto” (FREIRE, 1982, p. 58). Neste sentido, as estratégias de ensino são consubstanciadas pelos recursos: desenho, fotografia, textos e dramatizações teatrais. Assim, o fazer pedagógico se insere no processo dinâmico das ações de codificações realizadas tanto pelos professores quanto pelos educandos.

Ao usar estes recursos didáticos se estabelecem uma prática real, concreta no contexto do fazer pedagógico, por tal razão salientamos que Freire nos esclarece sobre como a

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

prática está compreendida nas ações do cotidiano pedagógico, assim:

A prática está compreendida nas situações concretas que são codificadas para serem submetidas à análise crítica. Analisar a codificação em sua “estrutura profunda” é, por isso mesmo, repensar a prática anterior e preparar-se para uma nova e diferente prática, se este for o caso. Daí a necessidade, antes referida, de jamais romper-se a unidade entre o contexto teórico e o contexto concreto, entre teoria e prática (FREIRE, 1982, p. 69).

As situações concretas que são codificadas passam pelo crivo da análise crítica, ou seja, o aprofundamento epistêmico no contexto social, assim se faz pensar e repensar a prática para que esta seja inovada e recriada, permeando assim a unidade entre a teoria e a prática. Neste contexto educativo se requer então uma prática consciente, tal como Freire elucida que “a prática consciente dos seres humanos, envolvendo reflexão intencionalidade, temporalidade e transcendência, é diferente dos meros contatos dos animais com o mundo (FREIRE, 1982, p. 70). Desta forma, a intencionalidade, a temporalidade e a transcendência permeiam assim a reflexão das práticas educativas. Artefatos que corroboram para uma prática libertadora.

Paulo Freire, defende uma prática libertadora, pois esta rompe com a prática bancária da educação. Assim “a prática educativo-libertadora se obriga a propor aos homens uma espécie de “arqueologia” da consciência, através de cujo esforço eles podem, em certo sentido, refazer o caminho natural pelo qual a consciência emerge capaz de perceber-se a si mesma (FREIRE, 1982, p. 85). Uma prática educativa libertadora corresponde ao desenvolvimento da consciência, sendo esta crítica e reflexiva diante das práticas sociais.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Significa, portanto, que a prática educativa libertadora promove a unidade entre a teoria e a prática, tal como está posto por Freire, eis o fragmento que assim explicita esta visão, ao enunciar que “a unidade entre prática e teoria, em que ambas se vão constituindo, fazendo-se e refazendo-se num movimento permanente no qual vamos da prática à teoria e desta a uma nova prática (FREIRE, 1982, p. 90). Compreendemos, portanto que o legado de Paulo Freire sobre a prática educativa favorece a unidade entre teoria e prática, bem como, o processo de conscientização crítica sobre a realidade que estão inseridos através da nova prática, a qual pode ser intercultural.

O DISCURSO SOBRE A PRÁTICA INTERCULTURAL

Ao adentrarmos no território da linguagem sobre a prática pedagógica em Paulo Freire elucidamos que ela está acionada no que concerne ao uso de recursos didáticos, a unidade entre a teoria e a prática, a conscientização crítica sobre a realidade e uma nova prática intercultural. Diante desta complexidade, vamos escavar o discurso sobre a interculturalidade para explicitarmos o seus desdobramentos enunciativos.

Em Ação Cultural para Liberdade e outros escritos, Paulo Freire nos explica como promover uma prática pedagógica que desenvolva a consciência política/pedagógica dos camponeses, em particular. Desta forma, ele sugere que:

Por outro lado, no momento em que estas gravações começassem a cobrir todas as áreas de reforma agrária do país, podemos imaginar o alcance político-pedagógico que o intercâmbio do discurso camponês poderia ter. Este intercâmbio poderia ser estimulado também através do programa radiofônico sob a responsabilidade do “Instituto de Desarrollo Agropecuario” que poderia começar a transmitir alguns dos

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

debates gravados, seguidos por comentários, em linguagem simples, feitos pela Equipe Central (FREIRE, 1981, p. 24).

A prática que Freire sugere é fazer gravações sobre o processo de luta dos camponeses para conquistar a terra num assentamento e assim a reforma agrária acontecer. Esta prática intercultural está correlata com o intercâmbio do discurso que Freire propõe. Para promover a prática intercultural o programa radiofônico favoreceria um maior alcance. Razão pela qual o intercâmbio do discurso seria uma prática intercultural, dando ênfase a linguagem simples para que seja do entendimento dos camponeses que teriam acesso ao programa.

A prática intercultural para além do programa radiofônico, seria vivenciada também com os livros, tal como está posto por Freire (1981, p.25) “Da mesma forma como as gravações, os livros seriam intercambiados de área à área”. Com tais práticas interculturais, está explicitado como o conhecimento seria construído paulatinamente entre os camponeses. Movimento que aconteceria na análise do discurso posto numa visão mais pluralizada, ampliando assim os saberes sobre a unidade temática, eis o fragmento:

Ao estudar seu próprio texto ou o texto de companheiros de outra área, os camponeses estariam estudando o discurso que brotou da descodificação de uma temática. Ao discutir e não apenas ao ler o discurso anterior, fariam a crítica deste discurso, com um novo, a ser gravado também. O discurso sobre o discurso anterior, que implica no conhecimento do conhecimento anterior, daria lugar a um novo livro, um segundo livro de leitura, cada vez mais rico, mais crítico, mais plural em sua temática (FREIRE, 1981, p. 25).

O intercâmbio do livro, favorece o estudo do texto de outra área, assim o estudo sobre o discurso oriundo da

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

descodificação da uma temática favorece o aprofundamento epistêmico que faz com que o novo discurso emerge. Desta forma, o novo conhecimento serviria para construir um novo livro, com densidade crítica, teórica e plural. Diante do horizonte simbólico de determinados coletivos sociais de camponeses.

O diálogo que acontece entre os educadores e os educandos, também corrobora para uma prática intercultural. Neste caso, em *Pedagogia do Oprimido*, Freire elucida como esta acontece, ao mencionar “Que o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação” (FREIRE, 1987, p. 41). O diálogo dos educandos com o educador favorece a intercomunicação. Assim sendo, a exposição do que se pensa se realiza através da comunicação que se é estabelecida nos tempos-espacos formativos. Movimento que faz jus a interação dos sujeitos em sua integralidade, como pontuou Freire (1987, p. 80) ao dizer que “Nesta teoria da ação, exatamente porque é revolucionária, não é possível falar nem em ator, no singular, nem apenas em atores, no plural, mas em atores em intersubjetividade, em intercomunicação”. Os atores em intersubjetividade e em intercomunicação revolucionam a prática por meio da teoria da ação.

A leitura é outra prática intercultural acionada por Freire que promove a intervenção dos atores na realidade em que estão inseridos. Eis um fragmento posto em *Pedagogia da Indignação* (2000), onde elucida esta compreensão, eis “A leitura crítica do mundo é um que- fazer pedagógico- político indicotomizável do que- fazer político- pedagógico, isto é, da ação política que envolve a organização dos grupos e das classes populares para intervir na reinvenção da sociedade”. Portanto, o ato de ler criticamente, faz jus a uma prática política/pedagógica que permeia a organização dos grupos e

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

das classes populares para intervir na sociedade. Logo, a prática intercultural é um que fazer no mundo e com o mundo, ou seja, é a intervenção no mundo. Razão pela qual Freire (2000, p. 28, grifos nosso) elucida que “O contrário da **intervenção** é a adequação, a acomodação ou a pura adaptação à realidade que não é assim contestada. É neste sentido que entre nós, mulheres e homens, a adaptação é um momento apenas do processo de intervenção no mundo”. Deste modo, uma prática intercultural é o movimento de não adaptação, comodismo e fatalismo do homem e mulher na sociedade, requerendo assim a teoria da ação, está é a intervenção no mundo.

Pedagogicamente, o educador para intervir na realidade precisa exercer uma prática intercultural interdisciplinar, pois agindo assim está promovendo a intercomunicação e o intercambio, tal como sugere Freire (2000, p. 51), eis:

uma coisa é a ação educativa de um educador desesperançado e outra é a prática educativa de um educador que se funda na interdisciplinaridade. O primeiro nega a essência de sua própria prática enquanto o segundo explicita uma certa opção metodológica e epistemológica. Em outras palavras, aquele contradiz o caráter natural da educação, o último a experimenta de um certo ponto de vista. A natureza esperançada da educação, por outro lado, se funda em determinadas qualidades que, constituídas no processo da formação da existência humana, algo maior do que a experiência vital, a conotam.

O educador que tem a prática fundada na interdisciplinaridade, faz jus a uma opção metodológica e epistemológica que permeia os processos de formação da existência humana em sua integralidade, concernente ao existencialismo pleno. Esta prática intercultural que está acionada no correlato da interdisciplinaridade e da intervenção

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

corrobora para uma disposição dos atores sociais que se propõem em ser mais, eis uma fratura de texto posta por Freire (2000, p. 55) que melhor explicita este entendimento:

Esta vocação para a intervenção demanda um certo saber do contexto com o qual o ser *relaciona* ao relacionar-se com os outros seres humanos e ao qual não puramente *contacta* como fazem os outros animais com o seu suporte. Demanda igualmente objetivos, como uma certa maneira de intervir ou de atuar que implica uma outra prática: a de avaliar a intervenção.

O saber necessário para intervenção na realidade permeia o encontro entre os seres humanos. Razão pela qual requer a avaliação da prática interventiva na realidade. Assim, a prática intercultural enlaça a didática e o currículo, consubstanciando uma prática educativa libertadora, crítica e consciente que leva os atores intervirem na realidade.

ASSINALAÇÕES CONCLUSIVAS

No conjunto das coisas ditas e escritas nas obras analisadas de Paulo Freire (Pedagogia da Esperança (1992); Pedagogia do Oprimido (1987); A Ação Cultural para Liberdade e outros escritos (1981); Pedagogia da Indignação (2000), analisamos o enunciado da prática educativa enquanto prática social, a qual está acionada na ordem discursiva da prática pedagógica, da didática e do currículo na perspectiva da interculturalidade. Esta, na visão de Freire é uma prática libertadora, humanizadora e transformadora.

No que diz respeito a prática educativa, nos inscritos de Freire destacam-se os recursos didáticos, como fotografias, desenhos, círculos de cultura, bem como a leitura e a discussão dos textos estudados em torno do autor, para assim entender a

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

forma como ele trabalha determinadas temáticas e não outras. Deste modo, sendo dialógica e problematizadora. Cabe ao educador fazer jus a indissociabilidade entre teoria e prática, a qual corrobora para a reflexão constante de sua prática, estando imerso na realidade sócio-histórica, por isso a recriação, reinvenção e inovação pedagógica, sobretudo na contemporaneidade com o trabalho remoto, que temos como desafio superar uma prática transmissora em detrimento de uma prática libertadora. Artefatos que consubstanciam a didática e o currículo, enquanto práticas sociais inclusivas, emancipatórias, libertadoras e críticas.

Os achados sobre a prática intercultural está correlata aos enunciados 'intercambio, intercomunicação, interdisciplinaridade, intervenção'. Neste caso, o intercambio seria vivenciado por meio de programas radiofônicos, livros estudados, leitura crítica, onde promoveria o aprofundamento epistêmico nas temáticas abordadas nas diferentes áreas de conhecimento e assim um novo conhecimento emerge. O diálogo entre educadores e educandos é crucial para vivência da prática intercultural, pois a autenticidade do saber do educador é constituída juntamente com a autenticidade do pensamento dos educandos, razão pela qual a intercomunicação é fundante no que fazer político/pedagógico, por ser consubstanciada pela teoria da ação, a qual corresponde a intervenção na realidade.

Conforme as fraturas de texto, os achados, o corpus analítico/descritivo das obras de Paulo Freire analisadas, nos possibilitaram explicitar que a prática educativa em sua ótica é libertadora, e esta somente acontece quando o educador acredita na teoria da ação, pois ao usar os recursos didáticos, ao escolher os conteúdos programáticos, ao organizar o seu trabalho pedagógico, igualmente propõe aos educandos a prática desta teoria da ação, a qual leva a disseminar o conhecimento, a partir da interação entre os seres humanos,

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

usando de ferramentas, como as TDICS, o programa radiofônico, troca de livros, leitura crítica, intervenção na realidade para alcançar mais pessoas e assim impregnar de sentido a construção do conhecimento por meio da interdisciplinaridade, do intercâmbio, da intervenção e da intercomunicação, em prol da unidade da teoria e prática e da unidade na diversidade, logo uma prática intercultural.

Esta prática intercultural neste contexto é tão necessária frente aos desafios do trabalho remoto que inviabilizam a interação, a dialogicidade e a comunicação, corroborando para um processo de ensino-aprendizagem bancário, em contra posição a promoção da prática educativa libertadora.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros inscritos**. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2008.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

EIXO 9



**ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO COMO PRÁTICAS
EMANCIPATÓRIAS**

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

ACESSO À VIDA, OBRA E LEGADO DE PAULO FREIRE NA WEB: RELATOS DE PRÁTICA

Elane Silvino da Silva¹⁷

Maria Aline da Silva¹⁸

Maria Isa Basto Ferreira¹⁹

Anderson Fernandes de Alencar²⁰

RESUMO: Esta mesa de diálogo visa apresentar cinco iniciativas desenvolvidas por meio de projetos e pesquisas na promoção do legado de Paulo Freire. O trabalho resultou da parceria entre a Universidade Federal do Agreste de Pernambuco e o Instituto Paulo Freire - SP. Entre as ações desenvolvidas estiveram: o "Glossário Audiovisual do Educador Paulo Freire", o "Memorial Virtual e Acervo Paulo Freire", o "Grupo de Estudos e Pesquisas em Paulo Freire", o aplicativo de mapeamento da Comunidade Freiriana e o site do centenário em comemoração aos 100 anos de Paulo Freire. Com estes projetos não só apenas o legado de Paulo Freire é preservado como facilita o acesso para aqueles que desejam conhecer mais sobre o educador. Possibilitando assim, que outras pessoas possam se envolver mais com este trabalho, enviando novos materiais e proposta para que esses programas possam se desenvolver ainda mais, uma vez que não são iniciativas fechadas em si.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo Freire. legado freiriano. UFAPE. Instituto Paulo Freire.

¹⁷Graduanda de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco. Contato: nane.silvino@gmail.com.

¹⁸Graduanda de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco. Contato: malinesil15@gmail.com.

¹⁹Graduanda de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco. Contato: isatkmbasto96@gmail.com.

²⁰Professor do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco. Contato: anderson.alencar@ufape.edu.br.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

INTRODUÇÃO

Paulo Freire nasceu em Recife - PE em 1921 e faleceu em 1997 aos 75 anos de idade. Em 2021, comemoramos 100 anos do nascimento do educador.

O nome do nordestino foi marcado por um erro na hora do registro no cartório, sendo registrado como Paulo Reglus Neves Freire. O autor relembra que “O fato é que Reglus deveria se escrever Re-gu-lus, mas o sujeito do cartório errou e escreveu Reglus.” (FREIRE, GUIMARÃES, 2013, p. 20). Ainda sobre o uso de seu nome, em diálogo com Sérgio Guimarães, Freire comenta que o nome Paulo Reglus nunca foi usado e só encontramos tal nomenclatura nos seus documentos pessoais como carteira de identidade.

Antes de se tornar um intelectual notadamente reconhecido no Brasil e no mundo, Freire e sua família, assim como tantos outros nordestinos, tiveram que enfrentar dificuldades econômicas. Tais vivências fizeram com que se mudasse para o município de Jaboatão, experimentando, o primeiro exílio, pois o autor menciona que passou por três deles, a saber: o primeiro quando saiu do ventre de sua mãe, o segundo refere-se a sua mudança para Jaboatão e o terceiro trata-se do exílio político (FREIRE, 2001). Aos treze anos de idade, o pernambucano lida com um dos piores momentos da vida, o luto de seu pai Joaquim Temístocles Freire.

A década de 1920–1930 foi marcada, no Brasil, por uma transição econômica e social desencadeada pela crise de 1929, seguida pela Revolução de 1930 e, poucos anos depois, em 1933, a industrialização. Ou seja, na década de 1920, “as transformações econômicas – mas não somente elas – nela ocorridas tiveram importante papel nas principais transformações de cunho social.” (CANO, 2012, p. 898). O que salientamos é que tais eventos foram sentidos pela família de Freire, em especial, nos seus estudos escolares.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

O educador Paulo Freire é reconhecido pelo seu trabalho de alfabetização e sua luta e amor pela educação, sendo permanentemente perseguido por aqueles que não concordavam com seus pensamentos de direito à educação para todos(as), indistintamente, especialmente durante a ditadura civil-militar brasileira, quando foi forçado ao exílio no Chile. Hoje o educador coleciona mais de 35 títulos, sendo, em 2012, declarado como Patrono da Educação brasileira, pela lei nº 12.612, da ex-presidenta Dilma Rousseff.

O legado de Freire não ficou restrito apenas aos livros, mas passou por muitos meios de comunicação da época, registros esses que podemos encontrar em seu acervo digital (<http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/>). Seu trabalho ganhou admiradores em muitos países, pois buscava uma educação com diálogo, que aqueles que tanto foram oprimidos tivessem voz e postura crítica para questionar, criar, intervir, sendo suas reflexões sobre a sociedade consideradas atemporais.

A pesquisa realizada contribui para o resgate da memória e das produções intelectuais de Paulo Freire, ampliando o acesso de toda a sociedade às suas obras. Por sua vez, nesta mesa, apresentamos relatos de experiência de cinco iniciativas ligadas à disseminação do legado de Paulo Freire, sendo quatro delas espaços de memória de Freire na *web*. As páginas seguintes apresentaremos discussão teórica, metodologia de cada projeto ou atividade e os resultados parciais e finais.

DISCUSSÃO TEÓRICA

O resgate da memória de Freire se torna relevante, porque ele já trazia em seu livro como “Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido” o seu pesar de não ter guardado de forma adequada alguns

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

materiais durante seus trabalhos em Genebra, na Suíça, como cartas que ele trocou com alguns estudiosos (FREIRE, 1992, p. 62). Freire relembra

Não ter guardado de forma sistemática, devidamente comentadas, as cartas que me iam chegando de cada área linguística do mundo após uma tradução a mais da Pedagogia é algo que hoje lamento quase que sofridamente. Eram cartas dos Estados Unidos, do Canadá, da América Latina, depois da publicação do livro pela Penguin Books, da Austrália, da Nova Zelândia, das Ilhas do Pacífico Sul, da Índia, da África, tal a eficiência da rede de distribuição daquela editora. Em seguida às cartas e às vezes com elas, me iam chegando convites para discutir, debater pontos teórico-práticos do livro. Não raro, recebia em Genebra, para um ou mais encontros, ora grupos de estudantes universitários, sobretudo italianos, mas também de trabalhadores imigrantes na Suíça que, numa ótica mais política do que a dos estudantes universitários, queriam esclarecer pontos, iluminar aspectos em relação direta com sua prática (FREIRE, 1992, p. 62).

O intelectual não só produziu registros textuais, mas audiovisuais, como entrevistas, seminários, encontros, participação em programas de televisão, entre tantos outros materiais em que o educador foi gravado, seja em vídeo ou áudio. Os registros audiovisuais são importantes, pois segundo Silva e Madio (2012, p. 180) ao apresentarem um caráter patrimonial eles “registram fatos que evocam a memória nacional, institucional, dependendo do contexto no qual tais documentos são provenientes”, somando a isto também compõe-se de “valor cultural, pois registra e guarda partes das ações humanas de um determinado período da vida que, a longo prazo, servirão para constituição de memória” (p. 183).

Freire apoiava uma prática educativa libertadora para que assim alunos(as) tivessem oportunidade de se expressar e opinar sobre a realidade ao qual estavam inseridos, como

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

afirma o educador: “quanto mais penso sobre a prática educativa, reconhecendo a responsabilidade que ela exige de nós, tanto mais me convenço do dever nosso de lutar no sentido de que ela seja realmente respeitada” (FREIRE, 1996, p. 49).

Em entrevista a Madalena Freire, em vídeo produzido pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, Paulo Freire aponta a necessidade não somente de inventar objetos, conhecimentos, práticas e/ou saberes, mas a constante busca pela reinvenção. Para Freire,

[...] a mulher e o homem [...] nunca inventam, sempre reinventam. O que eu quero dizer é que faz parte da natureza da existência que ela, depois que foi inventada, nunca mais possa permanecer inventada. O que eu quero dizer é que faz parte da natureza, da nossa experiência histórica que tudo o que fazemos enquanto vivendo o momento de inventividade embute na inventividade a necessidade da reinventividade. Quer dizer, nada pode paralisar-se, imobilizar-se no ato da invenção. Ao ser inventado, começa a querer ser reinventado (FREIRE, 1992).

Nessa perspectiva, a necessidade de reinvenção dialoga com a criatividade humana, criatividade essa que Freire sempre faz menção durante as suas discussões. Logo o reinventar-se também constitui-se do caminhar com o tempo e usufruir das possibilidades das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no fomento do acesso livre e gratuito à vida e obra do educador.

Outro aspecto bastante presente nas obras do educador é a utilização do seu cotidiano na reflexão crítica sobre sua realidade. A exemplo disto, na obra *Pedagogia da Esperança*, Freire explicita como a vivência dele no Brasil e no Chile inseridas em um contexto sócio-histórico, político e cultural lhe permitiu refletir e sistematizar bem como amadurecer suas

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

ideias no processo de construção de conhecimento. Segundo ele,

Foi vivendo a intensidade da experiência da sociedade chilena, da minha experiência naquela experiência, que me fazia re-pensar sempre a experiência brasileira, cuja memória viva trouxera comigo para o exílio, que escrevi a Pedagogia do oprimido entre 1967 e 1968. Texto que re-tomo agora, na sua "maioridade", para re-ver, re-pensar, para re-dizer. Para dizer também, pois que o retomo noutro texto que tem igualmente seu discurso que, do mesmo modo, fala por si, falando da esperança. (FREIRE, 1992, p. 27-28)

Diante disso, percebe-se que o educador sempre buscou compartilhar com seus leitores e admiradores seu trabalho, por isso fazer o resgate de suas obras é importante para continuar mantendo suas memórias. Entendemos que "recordar o legado de Freire não significa repetir Freire, mas continuar Freire, reinventando-o" (GADOTTI, 2002, p. 8). Continuar o legado através de nossas práticas diárias, fazer educação respeitando as diferentes formas de conhecimento, buscando com que haja diálogo entre elas.

METODOLOGIA

Nas próximas linhas apresentamos a trajetória dos trabalhos realizados ou em curso na disseminação do legado freiriano, assim como na identificação de instituições que utilizam-se dos princípios, filosofias e práticas do mestre Paulo Freire, nas quais a Universidade Federal do Agreste de Pernambuco esteve diretamente envolvida:

- **2018 / 2019 - Projeto de extensão "Glossário Audiovisual do Educador Paulo Freire":** no decurso deste projeto, foram identificados vídeos e áudios do educador disponibilizados em seu repositório digital

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

acervo.paulofreire.org, visualizados e auscultados tais materiais em busca de falas significativas do educador que, em seguida, foram transcritas, com adequação do texto transcrito as pessoas com surdez ou dificuldade auditiva. Após revisão, os áudios e vídeos foram editados, dando início a montagem do “Glossário”. Participam do projeto 17 alunos do Curso de Licenciatura em Pedagogia e 5 alunos de Licenciatura em Letras.

- **2019 / 2020 - Projeto de pesquisa “A presença do educador Paulo Freire na web: pesquisa, desenvolvimento e implantação de repositório virtual”:** foram mapeados e analisados as tecnologias que realizam a gestão de repositórios digitais na web, buscamos compreender a organização atual do repositório do educador Paulo Freire. Além de realizarmos estudos de mecanismos para exportação e importação de dados entre repositórios. Por fim, foi desenvolvido uma identidade visual amigável para o repositório, bem como, implementado o novo repositório digital com o layout desenvolvido. Não obstante, também foi desenvolvido o Memorial Virtual Paulo Freire, no qual buscou-se unir vários espaços de memória do educador em um único ambiente. Estiveram à frente deste projeto dois estudantes do curso de Bacharelado em Ciências da Computação. Tal iniciativa foi uma parceria da UFAPE com o Instituto Paulo Freire-SP.
- **2020 / 2021 - O Grupo de Estudos e Pesquisas em Paulo Freire:** contando hoje com 25 participantes entre eles estudantes, técnico-administrativos e professores de cursos diferenciados de instituições como a UFAPE e UPE. O grupo hoje tem seus encontros ocorrendo de

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

maneira remota e tem as obras de Paulo Freire como foco principal.

- **2020 / 2021 - Aplicativo de mapeamento da Comunidade Freiriana:** a UFAPE junto com o IPF-SP desenvolveu esse aplicativo para que as atividades freireanas fossem mapeadas, assim há o acesso para saber quais e onde atividades envolvendo Paulo Freire estão sendo realizadas no Brasil e no mundo.
- **2020 / 2021 - Site do centenário em comemoração aos 100 anos de Paulo Freire:** o site do centenário em comemoração aos 100 anos de Paulo Freire, criado pelo Instituto Paulo Freire - SP (<http://www.paulofreire.org>) tem como objetivo fazer a divulgação de atividades em todo território brasileiro e mundial relacionadas ao educador. As atividades em comemoração ao centenário de Freire estão sendo recebidas via preenchimento de formulário, e-mail e redes sociais.

RELATOS DE PRÁTICA

Tendo em vista que ainda são poucos os espaços ligados à memória para divulgação e reinvenção da vida, obra e legado do patrono da educação brasileira, o educador Paulo Freire, e a relevância de sua produção, apresentamos a seguir as cinco iniciativas para democratização e acesso a vida e obra de Freire, sendo quatro delas realizadas em parceria com Instituto Paulo Freire (SP) e a Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE).

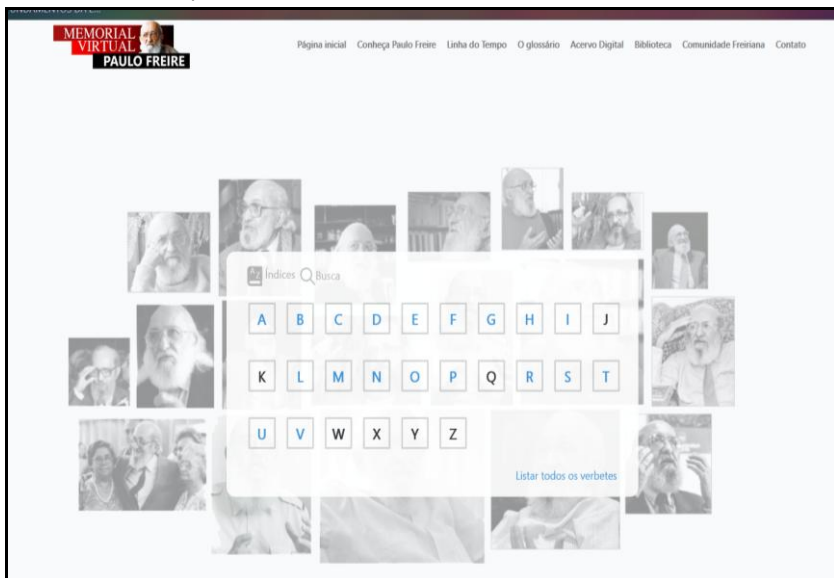
GLOSSÁRIO AUDIOVISUAL DO EDUCADOR PAULO FREIRE

A plataforma virtual do glossário dispõe de funcionalidades que auxiliam na busca, adição e correção de

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

verbetes e/ou trechos, viabilizando a navegação pelos recortes audiovisuais de forma prática. O Glossário também permite visualizar uma lista de todos os verbetes criados em ordem alfabética e alterar o idioma da página para inglês, espanhol ou francês. Ao clicar em alguma das letras (imagem 1) você é direcionado aos verbetes relacionados a letra selecionada, dando acesso a visualização da produção textual e audiovisual (imagem 2). A plataforma também oferece a opção de busca, caso o usuário deseje pesquisar um termo específico (imagens 3 e 4). O usuário também conta com a opção de compartilhamento de arquivos e de assistir ao vídeo ou áudio completo se assim desejar.

Imagem 1: Glossário Paulo Freire tela inicial e exemplificação de um verbete.



Fonte: <http://glossario.paulofreire.org/>

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Imagem 2: Glossário Paulo Freire tela inicial e exemplificação de um verbete.

The screenshot shows the website interface. On the left, under the heading "Lista", there is a sub-heading "Verbetes iniciando com a letra C" and a list of terms in blue buttons: "Cansaço existencial", "Cidadania (conceito)", "Ciência", "Ciência (incerteza)", "Círculo de cultura", "Círculo de pais e professoras", "Classe Dominante", and "Classe trabalhadora (identidade)". On the right, the "Verbetes: Conhecimento (produção)" section features a video player with a play button, a progress bar, and a timestamp of 00:07. The video shows Paulo Freire speaking into a microphone. Below the video, there is a title "Conferência do professor Paulo Freire e entrega do título de cidadão uberabense", a view count of 7, a share button, and a link "Clique aqui para assistir ao vídeo completo.". A paragraph of text follows: "Ensinar e aprender são momentos de um processo maior, que é o processo da produção do conhecimento, ora do conhecimento que já existe, ora do conhecimento que ainda não existe que será produzido e uma das tarefas da escola é preparar os educandos para participarem do processo de produção do conhecimento que ainda não existe."

Fonte: <http://glossario.paulofreire.org/>

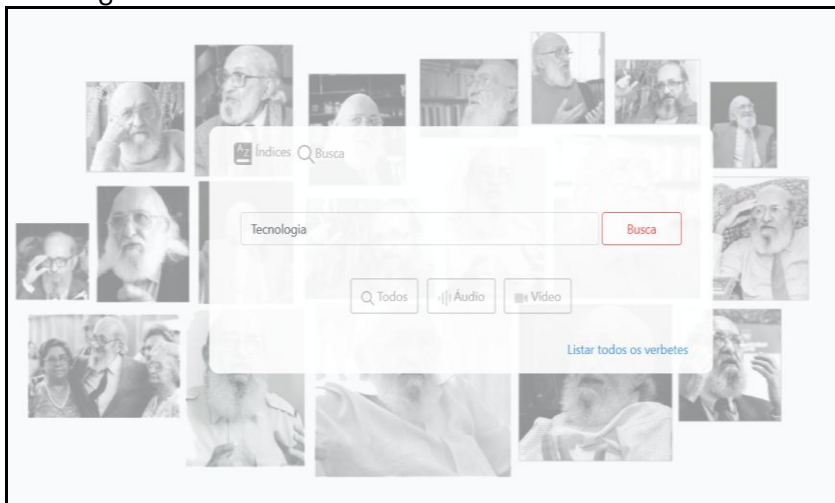
Imagem 3: caixa de busca e resultado para verbete de tecnologia.

The screenshot shows search results for "tecnologia". At the top, it says "Resultado: tecnologia". Below, there are two video player entries. Each entry includes a video player with a play button, a progress bar, and a timestamp of 00:00. The first video is titled "Conferência do professor Paulo Freire e entrega do título de cidadão uberabense" and has 14 views. The second video is titled "Aula magna de Paulo Freire em Goiari" and has 18 views. To the right of each video is a paragraph of text. The first paragraph discusses the dangers of technology and the need for political action. The second paragraph states that technology is part of human nature and that we are as dangerous as the technology we invent.

Fonte: <http://glossario.paulofreire.org/pesquisar>

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Imagem 4: caixa de busca e resultado para verbete de tecnologia.



Fonte: <http://glossario.paulofreire.org/pesquisar>

MEMORIAL VIRTUAL E ACERVO PAULO FREIRE

A página Memorial Virtual e Acervo Paulo Freire é um espaço que foi desenvolvido para integrar as diversas tecnologias que estão ligadas à memória do educador. A plataforma criada tem como objetivo reunir multiplataformas em um único espaço, a fim de tornar mais fácil e acessível a busca pelos materiais sobre e de Paulo Freire. Dessa forma, a navegação pelo Acervo o acesso é feito com mais facilidade, diversificado e totalmente atraente, possibilitando um melhor conteúdo às pessoas para conhecer ou aprofundar seu estudo na vida e obra do educador, patrono da educação brasileira.

O Memorial foi fruto da parceria entre o Instituto Paulo Freire-SP e a Universidade Federal do Agreste de Pernambuco por meio de dois projetos: um projeto de extensão e outro de

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)
pesquisa no âmbito de iniciação científica. O trabalho desenvolvido do Memorial (imagem 5) e Acervo Paulo Freire é organizado e estruturado em seções, sendo elas: Conheça Paulo Freire (imagem 6) , Linha do Tempo, Biblioteca, Glossário, Acervo Digital e Comunidade Freiriana Internacional, do qual podem ser acessados por meio do site: <http://memorial.paulofreire.org>.

Imagem 5: tela inicial do Memorial e o Conheça Paulo Freire

MEMORIAL VIRTUAL PAULO FREIRE

Página inicial Conheça Paulo Freire Linha do Tempo Acervo Digital Biblioteca Glossário Comunidade Freiriana Contato

Seja bem-vindo(a) ao Paulo Freire: memorial virtual. Aqui você pode navegar pelo acervo digital de Paulo Freire de uma forma totalmente diferenciada, mais atraente e dinâmica. Esta página servirá como portal de entrada para que você possa conhecer ou aprofundar seu estudo na vida e obra do educador. Ele está estruturado nas seguintes seções: Conheça Paulo Freire, Linha do Tempo, Biblioteca, Glossário, Acervo e Instituto Paulo Freire.

Conheça Paulo Freire: nesta seção o leitor será apresentado a vida e obra do educador.

Linha do Tempo: neste espaço, em ordem cronológica, listamos os principais eventos da vida de Paulo Freire, do seu nascimento, na cidade do Recife, até o seu falecimento, na cidade de São Paulo.

Biblioteca: base de dados bibliográfica, com a lista de todos os livros das bibliotecas físicas do educador catalogados e com ferramenta de busca.

Glossário: caracterizado principalmente por conter recortes das falas em áudio ou vídeo do Paulo Freire em eventos, entrevistas, seminários, encontros ou premiações, organizadas por verbetes temáticos em ordem alfabética. O usuário ainda pode ter acesso seja ao conteúdo audiovisual ou às transcrições das falas de cada verbetes.

Acervo digital: repositório com obras digitalizadas, previamente autorizadas, disponibilizadas ao pública em geral. Na guia "Comunidades e Coleções", deparamo-nos com as obras de autoria de Paulo Freire dispostas em material audiovisual e bibliográfico nas diversas naturezas. Em produção de terceiros, há materiais de autores diversos sobre a vida e obra do educador pernambucano. No acervo, você poderá acessar vídeos, áudios, artigos, livros, cartazes, charges, fotografias, ilustrações e objetos tridimensionais, entre outros.

Comunidade Freiriana Internacional: grupo de pessoas e instituições que, em várias partes do mundo, organizam-se e inspiram suas reflexões e ações na vida e obra do educador.

Aproveite!

Ativar o Windows
Acesse Configurações

Fonte: <http://www.memorial.paulofreire.org/>

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

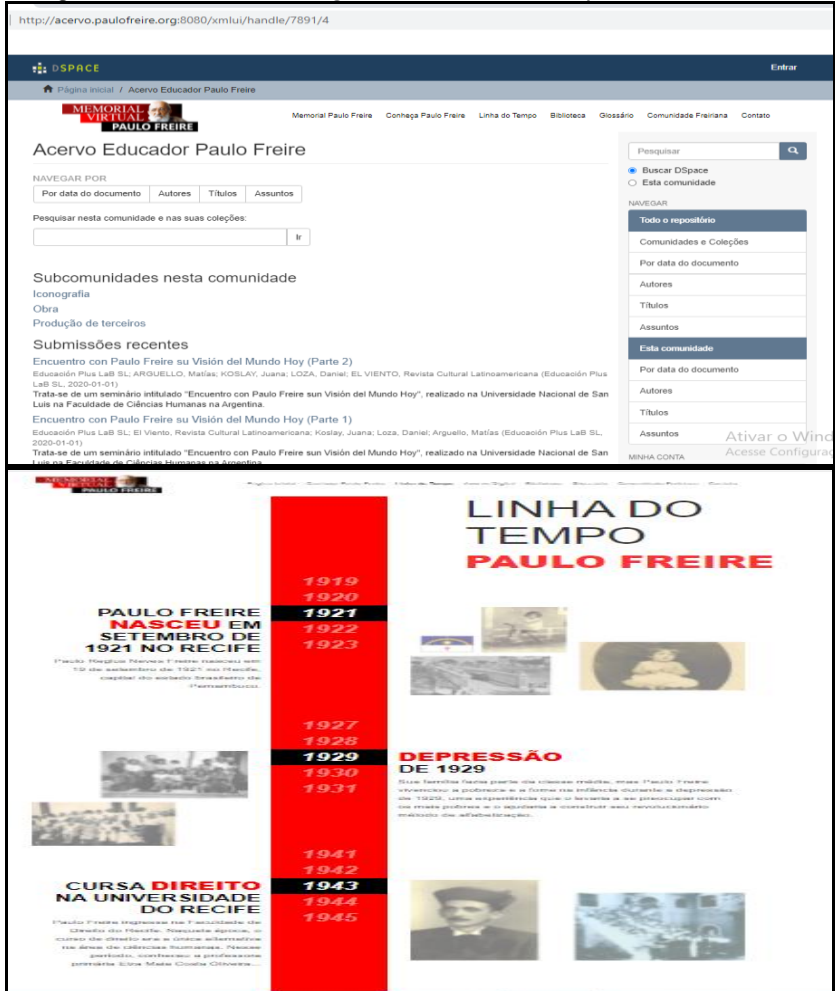
Imagem 6: tela inicial do Memorial e o Conheça Paulo Freire

The screenshot shows the website 'Memorial Virtual Paulo Freire'. At the top, there is a navigation menu with links: 'Página inicial', 'Conheça Paulo Freire', 'Linha do tempo', 'Acervo Digital', 'Biblioteca', 'Glossário', 'Comunidade Memória', and 'Contato'. Below the menu, there is a section titled 'Documentários audiovisuais' with three video thumbnails: 'Paulo Freire: Biografia', 'Educar para transformar', and 'Paulo Freire Contemporâneo'. To the left of these videos is a vertical grid of smaller images of Paulo Freire. Below the videos, there is a section titled 'Biografias' with several links to PDF documents: 'A voz da esposa: A trajetória de Paulo Freire', 'A voz do biógrafo brasileiro: A prática à altura do sonho', 'A voz do biógrafo latino-americano: Uma biografia intelectual', 'Biografia de Paulo Freire', 'Pequena biografia de Paulo Freire', 'Projeto Memória - Biografia', and 'Uma voz européia: Arqueologia de um pensamento'.

Fonte: <http://www.memorial.paulofreire.org/conheca-paulo-freire.html>

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Imagem 7 e 8: Acervo Digital e Linha do tempo



Fonte: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/4>

Fonte:

http://memorial.paulofreire.org/Linha_do_tempo/linha_do_tempo.html

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM PAULO FREIRE

Criado em 2020 e com 25 participantes atualmente, o grupo de pesquisa tem o intuito de discutir as obras que Paulo Freire escreveu, seus livros e refletir sobre suas ideias. Os encontros acontecem quinzenalmente com duração de 2 horas. Devido a pandemia ocasionada pela COVID-19, os encontros que seriam presencialmente, acontecem atualmente de maneira virtual usando a plataforma Google Meet. O WhatsApp também é um outro aplicativo utilizado para melhor comunicação entre os participantes, além de ser útil para fazer os lembretes.

O primeiro encontro contou com a participação de representantes do Instituto Paulo Freire (SP) e da Cátedra Paulo Freire de Recife (PE). Com o grupo ocorre a divulgação de eventos e atividades voltadas a Paulo Freire, assim o legado de Freire é lembrado e colocado em prática, fazendo o resgate de seu trabalho. Cada participante se coloca para falar sobre o livro e qual foi seu entendimento; os livros são escolhidos a partir de uma votação. Ao final de cada obra é feita uma reflexão acerca da obra, são apresentadas as possíveis dificuldades que surgiram e sugestões de melhoria.

APLICATIVO DE MAPEAMENTO DA COMUNIDADE FREIRIANA

Assim como algumas iniciativas apresentadas acima, o aplicativo (app) de mapeamento da comunidade freiriana também é fruto da parceria da UFAPE e o IPF-SP. O Instituto Paulo Freire é uma instituição não governamental criada a partir de uma ideia do próprio educador que desejava unir pessoas que compartilhassem os mesmos sonhos e propósitos de uma educação humanizadora (IPF, 2020).

Temos no Brasil e no mundo diversos institutos, organizações, escolas, centros, entre outras, instituições que têm

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

como base o pensamento freiriano. O mapeamento visa identificar/atualizar essas instituições em seus variados espaços geográficos, tendo como ferramenta o aplicativo, pois este constitui-se um meio bastante acessível em tempos digitais. Sendo assim, a ferramenta visa cadastrar e mapear de forma georreferenciada instituições com iniciativas ligadas ao pensamento de Paulo Freire pelo mundo. Permitindo não somente o registro de tais espaços, mas também a possibilidade de diálogo e parcerias entre essas instituições na militância pelo legado de Freire.

A seguir, conforme imagem 9 e 10, apresentamos a versão inicial do aplicativo desenvolvido por estudantes da Escola Técnica Estadual (ETE) Ariano Vilar Suassuna com auxílio do Laboratório Multidisciplinar de Tecnologias Sociais da UFAPE e seus colaboradores. O layout do app é dinâmico e de fácil interatividade, sendo composto por quatro abas/guias principais, são elas: Conheça Paulo Freire, Mapa (georreferenciado), Solicitar Cadastro e, por fim, Sair do Aplicativo.

Imagem 9 e 10: tela inicial e menu do aplicativo.

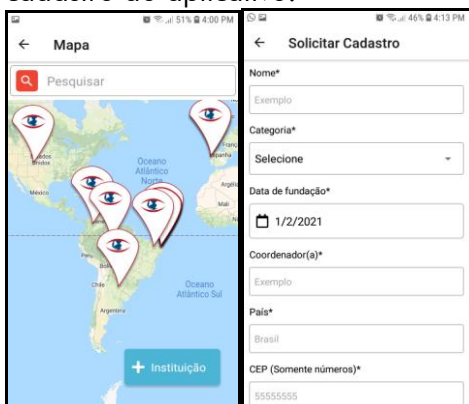


Fonte: acervo dos autores.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Como possibilidade de potencializar o conhecimento sobre Paulo Freire temos, na aba Conheça Paulo Freire (imagem 11) diversas espaços que nos direciona a um ambiente digital específico como Linha do tempo (traz uma contextualização dos principais marcos da história do educador), Acervo Digital, Glossário (anteriormente apresentados) e a Biblioteca. Todas essas abas/guias estão atreladas ao Memorial Virtual Paulo Freire.

Imagem 11: abas conheça Paulo Freire, mapa e solicitar cadastro do aplicativo.



Fonte: acervo dos autores.

Com intuito de assegurar e validar as informações prestadas na ferramenta a partir do cadastro das instituições, organizações, centros etc na aba/guia Solicitar Cadastro é realizado um verificação dos dados antes deles serem publicados no aplicativo. Finalizado este procedimento a instituição é apresentada na aba do Mapa indicada por um marcador (imagem 9, centralizada) cujo os usuários do aplicativo terão acesso a todos os dados da instituição

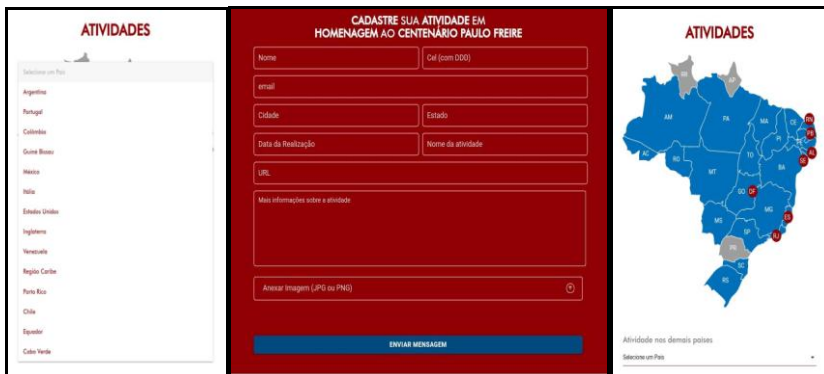
Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

selecionada, podendo entrar em contato com ela ou até acompanhar suas atividades no site.

SITE DO CENTENÁRIO EM COMEMORAÇÃO AOS 100 ANOS DE PAULO FREIRE

O ano de 2021 entra para história de Paulo Freire, pois trata-se do seu centenário. No Brasil são diversas as atividades que estão sendo realizadas, sejam seminários, grupos de estudos, entre outros. Conforme os registros apresentados pelo site comemorativo aos 100 anos de Freire (<https://www.centenariopaulofreire.org/>), 24 estados brasileiros (imagem 12) têm realizado atividades, seja de movimentos sociais ou de instituições. Isso só comprova a validade de sua pedagogia e o quanto sua pedagogia está viva e sendo reinventada.

Imagem 12: atividades no Brasil, lista dos países atualmente cadastrados e formulário de cadastro de novas atividades.



Fonte: <https://www.centenariopaulofreire.org/>.

O site é organizado em três partes: num primeiro momento tem o Menu Principal em que se tem acesso às

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

atividades, biografia, memorial, notícia e fale conosco. Em seu corpo fica as atividades que estão acontecendo no Brasil e no exterior. Graças ao Projeto de extensão da Cátedra Paulo Freire da UFAPE é possível que educadores e educandos alimentem o site divulgando tais atividades. Ainda na Imagem 10 identificamos quais são os países que também têm realizado algum tipo de atividade, clicando em "Selecionar um país". Todas as atividades de alimentação do site estão sendo realizadas conforme cadastramento via formulário (imagem 12), no qual os usuários do site podem enviar as atividades que estão realizando cujo a centralidade é o pensamento freiriano.

No último levantamento realizado foram contabilizadas 162 (cento e sessenta e duas) atividades, especificamente 122 (cento e vinte e duas) nacionais e 40 (quarenta) internacionais como Argentina, Colômbia, Estados Unidos, Itália, México, Portugal etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foram apresentados projetos e criações que tem dado continuidade e buscando reinventar o legado de Paulo Freire, com a colaboração de instituições que também prezam pelo mesmo objetivo; manter viva as memórias de um homem que tinha uma paixão pela educação e pelos movimentos sociais, atento às carências sociais e buscava formas de diminuir esses problemas a partir de sua reflexão da sociedade e de sua experiência ao redor do mundo.

Com estes projetos não só apenas o legado de Paulo Freire é preservado como facilita o acesso para aqueles que desejam conhecer mais sobre o educador. Possibilitando assim, que outras pessoas, instituições, organizações, movimentos sociais, pesquisadores(as), professores(as), estudiosos(as) de Paulo Freire possam se envolver mais com este trabalho,

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

enviando novos materiais e proposta para que esses programas possam se desenvolver ainda mais, uma vez que não são iniciativas fechadas em si.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012.** Declara o educador Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12612.htm. Acesso em: 14 ago. 2021.

CANO, Wilson. Da década de 1920 à de 1930: Transição Rumo à Crise e à Industrialização no Brasil. **Revista de Políticas Públicas**, v. 16, n. 1, p. 79-90, 2012. Disponível em: http://www.anpec.org.br/revista/vol13/vol13n3bp897_916.pdf. Acesso em: 18 ago. 2021.

FREIRE, Paulo. **Dois olhares reinventando a escola - Paulo e Madalena Freire.** 1 vídeo (1min45s min). Disponível em: <http://glossario.paulofreire.org/verbete/313>. Acesso em: 14 ago. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Notas de Ana Maria Araújo Freire.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história [recurso eletrônico].** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Paulo Freire: sua vida, sua obra. **Educação em Revista**, v. 2, n. 1, p. 2-13, 2001. Disponível em: <http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/663>. Acesso em: 01 jul. 2021.

GADOTTI, Moacir. **Atualidade de Paulo Freire: continuando e reinventando um legado.** 2002. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/3000>. Acesso em: 14 ago. 2021.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

IPF. **O Instituto Paulo Freire**. Disponível em:

<https://www.paulofreire.org/o-instituto-paulo-freire>. Acesso em: 18 jul. 2021.

SILVA, Luiz Antonio Santana; MADIO, Telma Campanha. Uma discussão sobre documento audiovisual enquanto patrimônio arquivístico cultural no Brasil. **Ibersid: revista de sistemas de información y documentación** (ISSN e 2174-081X; ISSN 1888-0967), v. 6, p. 179-185, 21 ago. 2012. Disponível em: <https://www.ibersid.eu/ojs/index.php/ibersid/article/view/3970>. Acesso em: 20 fev. 2021.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

EIXO 10



EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

A ESCUTA ATIVA E A SAÚDE EMOCIONAL DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO EM CENÁRIO PANDÊMICO: ESCUTA E DIÁLOGOS A PARTIR DE FREIRE

Anair Silva Lins e Mello²¹

Evanilson Alves de Sá²²

Vera Lucia Braga de Moura²³

RESUMO: A sociedade atual, de forma global e sistêmica, sofre com as incertezas e consequências ocasionadas pelo processo pandêmico, desencadeado pela (COVID-19). Os/as profissionais de educação, desde março de 2020, precisaram se reinventar, desenvolvendo atividades pedagógicas *on-line*, alternando-se entre o trabalho remoto e o presencial. Professores/as e estudantes passaram a apresentar sinais de ansiedade e de angústia, advindas das dificuldades geradas pela situação pandêmica, bem como por novas habilidades que

²¹Doutora em Psicologia Aplicada pela Universidade do Minho – Gualtar/Braga/Portugal. Chefe de Unidade do Projeto Escola Legal – Gerência de Políticas Educacionais de Educação Inclusiva, Direitos Humanos e Cidadania, na Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco. Professora na Autarquia Municipal de Ensino Superior de Goiana – PE/Faculdade de Ciências e Tecnologia Professor Dirson Maciel de Barros. E-mail: anairsilvalinse@gmail.com

²²Doutorando em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Professor em exercício de Função Técnico-Pedagógica na Gerência de Políticas Educacionais de Educação Inclusiva, Direitos Humanos e Cidadania – Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco. Professor na Autarquia Educacional de Serra Talhada – PE/AESET. E-mail: evanilsonadv@gmail.com

²³Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Gerente da Gerência de Políticas Educacionais de Educação Inclusiva, Direitos Humanos e Cidadania, na Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco. Professora da Escola de Conselhos – Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE. E-mail: verabragageidh@gmail.com

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

precisaram ser elaboradas e assimiladas em tempo recorde, como o uso dimensional das plataformas digitais e outros aplicativos. Nesse cenário, por meio do Projeto Bem Querer, a Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco implementa ações pedagógicas, com o objetivo de desenvolver competências socioemocionais entre os educadores/as e estudantes compreendidas como lastro na ancoragem das competências cognitivas.

PALAVRAS-CHAVE: Escuta ativa qualificada. Saúde socioemocional. Escola. Categorias Freireanas.

INTRODUÇÃO

O mês de março de 2020 se tornou um período emblemático para as pessoas, diante do contexto da pandemia que afetou as vivências humanas. O isolamento social passou a compor as novas formas de convivências entre a população. As expressões de afeto, como os abraços, apertos de mãos, aproximações e contatos físicos foram, gradativamente, substituídos por distanciamentos, uso de máscaras, álcool à 70, lavagem de mãos com mais assiduidade e maiores cuidados, pois a eminência da finitude se desvela de forma mais contundente para todas as pessoas. Nossos olhos se tornaram, nesse contexto de distanciamento social, um meio de maior expressividade dos nossos sentimentos. Os medos, por exemplo, estampados nos semblantes humanos, mostraram sinais de ansiedade e angústias. Vimos, nessa conjuntura, que um vírus (Sars-CoV-2) pode decretar falências, desemprego, perdas, mortes, mudanças atitudinais e comportamentais. Esse cenário traz muitos significados para situações inevitáveis, mas pouco consideradas nas nossas reflexões. Dentre elas, podemos destacar a nossa vulnerabilidade, impermanência, finitude e a vida como um campo de incertezas.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Diante do contexto atual e de suas dimensões sociopolíticas, econômicas e culturais, percebemos que aspectos relacionados aos âmbitos da educação, da saúde, da economia vivem dias bastante desafiadores. Para preservação da vida, face à tamanha complexidade, a educação formal e seu compromisso com a escolarização tiveram que buscar novos fazeres pedagógicos, utilizando-se de estratégias e ferramentas pedagógicas necessárias para viabilizar o fazer docente. Nessa direção, as incertezas geradas pela pandemia, insegurança e a falta de perspectivas acentuam-se. A distância existente entre as diferentes classes sociais apareceu de forma mais evidente. Com isso, surge a reflexão sobre a condição humana entre aqueles com múltiplas possibilidades de acesso a equipamentos digitais, e àqueles sujeitos em vulnerabilidades nas várias esferas da vida.

Nesse cenário de discrepância social, encontram-se também estudantes, professores/as, profissionais de educação. É, portanto, nesse contexto emblemático e assustador que, pautados na perspectiva da amorosidade, humanidade, alteridade, solidariedade, empatia e na dimensão epistemológica que encontramos a relevância dessa produção. Nesse sentido, questionamos como os/as professores/as e demais profissionais de educação estão se relacionando com suas emoções diante do cenário criado, advindo da pandemia, e como percebem as múltiplas necessidades de seus estudantes?

Visamos, sobretudo, com essa mesa dialogar sobre o estado emocional dos/as professores/as e demais profissionais de educação. O diálogo será pautado pelos aportes freireanos e suas categorias, tais como escuta e diálogo, amorosidade, criticidade, conscientização, ética, cidadania, utopia e esperança (FREIRE, 2000, 2002, 2006, 2016).

Finalmente, descrevemos a metodologia utilizada nos encontros do Projeto Bem Querer, desenvolvido sob a égide das

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

ações da Gerência de Políticas Educacionais de Educação Inclusiva, Direitos Humanos e Cidadania, da Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco. Ressaltamos que os encontros promovidos no âmbito do Projeto Bem Querer possibilitam a escuta ativa qualificada, tanto dos/as professores/as quanto dos/as estudantes. Sendo assim, nesta mesa, serão focados os diálogos com os/as profissionais de educação.

A ESCUTA ATIVA QUALIFICADA E A SAÚDE EMOCIONAL DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO EM CENÁRIO PANDÊMICO

A escuta ativa e qualificada se refere à habilidade e ao compromisso de estar disponível para a escuta, ouvir com a devida atenção, afetividade, empatia, sem julgamentos à comunicação da outra pessoa. A escuta ativa implica ouvir o público alvo em todas as suas dimensões. Desenvolver a percepção de escutar o não dito, observar o silêncio do outro, o seu corpo, interagir com os seus sentimentos, sua fala e observar as suas expressões. A empatia, a interação e a validação são princípios da escuta ativa. A escuta qualificada tem a ver com o acolhimento. É preciso reconhecer as singularidades e diversidades das pessoas, acolher suas necessidades, dialogar empaticamente.

A escuta ativa e qualificada é uma estratégia pedagógica potente, o que possibilita o desenvolvimento da saúde emocional das pessoas. Com a escuta empaticamente, propiciam-se o acolhimento e a perspectiva de pertencimento. A escuta ativa qualificada implica em enxergar melhor as nossas humanidades, entender que existe uma tessitura social que age unindo umas pessoas as outras, embora essa urdidura seja repleta de contradições, interrupções, equívocos, distorções, mas também permeada por afetos, solidariedades, compreensões, acolhimentos e amorosidade. Em Freire, a

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

amorosidade “se materializa no afeto com o compromisso com o outro, que se faz engravidado da solidariedade e da humildade (STRECK; REDIN; ZIRKOSTKI, 2010, p. 37)

Escutar ativamente e com qualidade requer uma percepção ética e estética. O contexto em que a pessoa vivencia as suas experiências humanas precisa ser considerado em suas múltiplas dimensões: socioeconômicas, culturais, emocionais, afetivas, orgânicas, familiar, relacional, comportamentais, entre outras.

A saúde emocional encontra um acolhimento na forma como as pessoas se escutam e se relacionam umas com as outras. A alteridade é basilar para a construção de convivências saudáveis e relações interpessoais respeitadas. Nesse sentido, “É o diálogo com a alteridade que permite o desenvolvimento da identidade. O eu e o outro se constituem e realizam a vocação ontológica (ser mais) no diálogo e na aceitação do outro como pessoa-sujeito” (STRECK; REDIN; ZIRKOSTKI, 2010, p. 34).

Com essa compreensão, as pessoas saem dos seus autocentramentos e passam a se perceber no mundo como parte integrante de um conjunto, de algo maior, onde a escuta atenta, ativa e qualificada mostra a nossa interdependência, que não somos uma ilha, pois, ao escutar a outra pessoa com qualidade, estamos também escutando a nós mesmas/os. Nesse devir, toda escuta se constitui em autoescuta. Assim, esse movimento ininterrupto estabelece a interconexão entre os seres.

O filósofo Michel Foucault (2007, p. 24) pontua que “a loucura só existe em cada homem, porque é o homem que a constitui no apego que ele demonstra por si mesmo e através das ilusões com que se alimenta”. Nessa direção, pensando numa perspectiva ampla de descentramento do sujeito e na visão do lugar da pessoa no mundo como ser complexo, pode-se compreender a função importante da escuta ativa, dialogal e

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

qualificada para a saúde mental emocional e a construção de convivências saudáveis e afetuosas.

No dinamismo entre a fala e a escuta dialogal, segundo Freire (2016, p. 116), o silêncio é assumido de forma categórica. Portanto, nos processos da fala e da escuta “a disciplina do silêncio a ser assumido com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um *“sine qua”* da comunicação dialogal”. Quando a pessoa se centra apenas em si mesma, ela perde a função humana de seu lugar como agente de transformação social. Ela perde a sua perspectiva consigo mesma e sua relação com o mundo, sua visão interdependente e se torna responsável por si, pelo o outro e, conseqüentemente, pelo mundo. Então, surgem os adoecimentos de várias etimologias. Escutar cura porque traz a dimensão consigo mesma/o e com a outra pessoa, mostra a relação de alteridade que se estabelece nesse encontro escutatório e dialógico, o querer bem.

Nesse contexto de escuta ativa e qualificada, como situamos os/as profissionais de educação que atuam na Educação Básica, em escolas da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco, diante do quadro de pandemia? Realidades desafiadoras em âmbitos profissionais e de vida pessoal relacionam-se, integram-se, o que demandam por respostas, tanto do ponto de vista pedagógico como nas relações interpessoais e encontros consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Paulo Freire tematiza muito bem essa questão de interdependência e nosso lugar social no mundo, quando afirma: “Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história”. (FREIRE, 1996, p.54).

Metaforicamente, o sujeito ao se mover no mundo, condição para estar com o mundo, na travessia, muitas vezes

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

cansativa e tomado pelo desânimo, faz-se necessário que o caminhante tenha a percepção da distância a ser percorrida, contudo, sem perder de vista o lugar no qual se encontra na caminhada. Assim, “ Severino Retirante²⁴ ” desbrava a estrada, abrindo novos caminhos. Como andarilho/caminhante, pautado por certezas-incertezas, idealiza-se e ganha forma o Projeto Bem Querer. Feito e refeito na e como poesia: “Quando não houver caminho/Mesmo sem amor, sem direção/A sós ninguém está sozinho/é caminhando que se faz o caminho” (BRITTO, 2004). Nesse (re) fazer o caminho as narrativas poéticas nos possibilitam a busca de sentido para a existência humana.

Por meio do Projeto Bem Querer, atividade pedagógica adotada pela Gerência de Políticas Educacionais de Educação Inclusiva, Direitos Humanos e Cidadania da Secretaria de Educação de Pernambuco, desenvolve-se a educação socioemocional no âmbito das escolas fazendo o uso da escuta ativa e qualificada. Assim, professores/as e estudantes são escutados/as, estabelecendo a interação por meio do diálogo.

A ferramenta da escuta, em épocas de pandemia, utiliza dinâmicas socioemocionais digitais, por meio de encontros *online*. Para a efetivação desses momentos, estratégias são construídas pela equipe que compõe o projeto Bem Querer, visando garantir escutas ativas e qualificadas. A dinâmica “Cidades das Emoções” é uma ferramenta digital que busca estimular o/a profissional de educação a desenvolver a sua fala numa roda de diálogos pela plataforma digital. Encontros por meio da escuta ativa e qualificada com os professores/as com a ferramenta digital “Cidade das Emoções” estabelecem uma analogia com o território físico dos bairros, identificam-se os bairros com sentimentos e questiona-se em quais bairros os/as

²⁴A expressão Severino Retirante, alude a obra de João Cabral de Melo Neto, Morte e Vida Severina, 1955.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

profissionais de educação têm transitado ultimamente. Visa com isso, motivar os/as professores/as a pausar e entrar em contato com a suas emoções, falar de suas experiências, como as suas dificuldades, receios, perdas, dores, sofrimentos, alegrias ou outro estado emocional que contribua para estabelecer uma relação mais saudável consigo mesma e com as demais pessoas.

Um professor pontuou que, na pandemia, “passeou pelo bairro da angústia, tristeza e ansiedade” e que se parasse em um único bairro perderia a oportunidade de aprendizados. É comumente ouvir do professor e da professora nessas escutas, nas rodas de diálogos, a preocupação com os/as estudantes. Uma professora relata: “na volta às aulas os alunos falaram que estavam esgotados”. Outra professora diz: “preciso cuidar do meu emocional, muito preocupada com os estudantes”. Em outra ferramenta digital para potencializar a escuta ativa e qualificada a “Mandala da visão sistêmica da vida”, estratégia que traz vários aspectos da vida da pessoa, tais como o lado profissional, família, pessoal, saúde, emocional. Nessa ferramenta, o/a professor/a é estimulado/a a falar das questões que mais lhe incomoda ou causa danos. Com essa vivência, os/as professores/as relataram na escuta ativa e qualificada que “algumas áreas da sua vida precisam de atenção”. Outros dizem que precisam melhorar “sua relação com a outra pessoa”, outro professor diz ainda que “a saúde física está meio de lado”.

A partir do discurso dos/as professores/as, é possível refletir sobre a importância da escuta e da fala. Paulo Freire discorre sobre a questão dialógica e problematiza: “O que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade”, citando o filósofo e psiquiatra alemão, Karl Jaspers. (FREIRE, 2006, p, 108). Continua sua análise com o texto abaixo:

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 2006, p. 108).

Freire vai refletir sobre a importância da relação dialógica e seu florescimento em estabelecer a horizontalidade entre as pessoas, a gestação de laços empáticos onde a comunicação realmente acontece. O amor, a esperança sentimentos que na fala e na escuta possibilitam a interação humana. Sentimentos, como o medo, a tristeza, a angústia e as buscas pelo entendimento dessas emoções são bastante pontuados pelos/as professores/as nesse momento de pandemia por meio da escuta e da fala. Dizem também que o “novo sempre causa medo e curiosidade”. A ferramenta “Árvore do Afeto” possibilita uma escuta ativa e qualificada, sensível e afetiva. Alguns/as professores/as ressaltam que “existem momentos que somos amorosos”, mas que ponderam “não tenho visto muito amor na humanidade”, dizem ainda que “egoísmo demonstra falta de amorosidade”. Finalizam dizendo “a ferramenta digital da Árvore do Afeto me faz refletir bastante, busco empatia, compaixão e amorosidade” e ainda “na escola não há tanta amorosidade por parte dos alunos, falta acolhimento”.

Nessa direção, ao dialogar com Freire (2006, p. 47) sobre o ser humano, suas afetividades e suas relações no mundo, destaca-se que

O conceito de relações, da esfera puramente humana, guarda em si, como veremos, conotações de pluralidade, de transcendência, de criticidade, de consequência e de temporalidade. As relações que o homem trava no mundo com

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

o mundo (pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas) apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos, típicos da outra esfera animal.

Nós seres humanos somos seres relacionais, vivemos em relação com a outra pessoa ou com a vida. A pessoa se constitui a partir de uma esfera singular e plural ao mesmo tempo, ela é um campo de múltiplas possibilidades. A condição de bem-estar é necessária para construção de relações interpessoais saudáveis. A saúde emocional dos/as profissionais de educação é importante não só para fortalecer a sua dignidade, mas também para que relações respeitadas e acolhedoras sejam desenvolvidas no âmbito da escola, ensinando-os a desenvolverem convivências éticas, saudáveis e cidadãs. Nesse contexto, é importante que se desenvolvam ações pedagógicas que valorizem a saúde emocional das pessoas, uma escola acolhedora passa pela saúde emocional daqueles/as que compõem a comunidade escolar.

O conceito de saúde, homologado em 1948, pela Organização Mundial de Saúde (OMS) destaca que a "Saúde é o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença". Nessa direção, compreendemos que a saúde emocional é um estado de bem-estar e maturidade emocional, capaz de lidar com os desafios da vida e estabilidade. Logo, os/as professores/as que participam das escutas ativas e qualificadas por meio do Projeto Bem Querer demonstram, no decorrer da implementação do projeto, o desenvolvimento de habilidades, reconhecem as suas emoções e refletem sobre elas. O acolhimento para garantir o bem-estar da pessoa e a maturidade para o enfrentamento das adversidades precisam ser praticados primeiramente consigo mesma/a, e isso não se configura em uma visão aut centrada e egoísta, mas uma maturidade emocional em compreender que

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

a saúde emocional é situação primordial para possibilitar uma convivência saudável, respeitosa e afetuosas.

Ao refletir o significado de saúde emocional, pensando no recorte dos/as professores/as, mencionamos Paulo Freire (1996, p. 69, grifo do autor). Segundo o autor,

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de *apreender*. Por isso, somos os únicos em quem *aprender* é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a *lição dada*. Aprender para nós é *construir*, reconstruir, *constatar para mudar*, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.

Michel Foucault (2007, p. 2010) sabiamente afirma que “A alma dos loucos não é louca”. Onde reside a loucura? O que a ética normativa impõe as pessoas? Escutar é um ato revolucionário e humanista, sobretudo, numa sociedade onde não se dedica tempo para uma pausa, para si e para a outra pessoa, para saber como as pessoas estão. A saúde emocional contribui para a construção de humanidades mais saudáveis e respeitosas. Ampliar a visão de mundo nos relacionamentos de forma respeitosa e acolhedora denota uma saúde emocional importante para estabelecermos convivências éticas, saudáveis e cidadãs. A escuta ativa e qualificada como prática docente possibilita uma abertura para à aventura humana criadora. O projeto Bem Querer vem ensinando a querer bem e a importância do bem-estar para a saúde emocional das pessoas.

COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS, CURRÍCULO E ESCUTA ATIVA

Em contexto de pandemia, tornou-se consenso entre educadores/as que os/as educandos/as, da mesma forma que

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

necessitam alçar à compreensão de conteúdos curriculares, inscritos, principalmente, nos domínios da matemática e da linguagem, precisam, também, dominar competências fundamentais para a vida, desde a Educação Infantil. Preceitua-se, ainda, como fundamental ao/a educando/a aprender, reconhecer e compreender os seus sentimentos e como eles direcionam suas ações e agem sobre seus comportamentos.

Segundo Goleman (2012, p.11), as competências socioemocionais perfazem ingredientes ativos no desenvolvimento das aprendizagens, por ajudar aos/as educandos/as no aprimoramento da “sua autoconsciência e confiança, controlar suas emoções e impulsos perturbadores e aumentar sua empatia, resulta não só em um melhor comportamento, mas também em uma melhoria substancial no seu desenvolvimento [cognitivo].”

Observa-se, a partir do contexto exposto, que as competências socioemocionais não se contrapõem as competências cognitivas. As competências socioemocionais lastreiam, agasalham e protegem o/a educando/a no exercício e no desenvolvimento de suas habilidades cognitivas e metacognitivas, bem como no desenvolvimento de outras habilidades humanas essenciais, inseridas em contextos demarcados pela curiosidade, persistência, organização, criatividade, afetividade, solidariedade e autonomia.

Dessa forma, define-se como competências socioemocionais a aprendizagem por meio de emoções e habilidades sociais. Acrescenta-se que estudos acadêmicos indicam que as competências socioemocionais têm uma influência positiva na vida escolar dos/as educandos/as, pois a autoconfiança, a motivação e altas expectativas desencadeiam um melhor domínio da língua materna e conhecimentos nos domínios da matemática. Além disso, contribuem para que os/as estudantes se tornem mais responsáveis, organizados/as, respeitosos/as e focados/as.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

A inserção das habilidades socioemocionais na prática pedagógica, compreendida como os processos educativos em execução, deve se ancorar em contextos autênticos, assim aconselha os estudos realizados pelo Instituto Airton Senna (2020, p.1).

Para trazer as emoções e os sentimentos para a sala, não é preciso planejar uma aula “sobre” habilidades, na verdade, as atividades propostas, realizadas em contextos autênticos, devem permitir que o aluno desenvolva a habilidade ao mesmo tempo em que assimila o conteúdo e vice-versa. [...] as habilidades socioemocionais são fundamentais para a formação integral do aluno. Especificamente sobre o impacto delas no aprendizado, podemos destacar a autorregulação e a capacidade de gerir pensamentos, sentimentos e comportamentos [...] e saiba controlar os seus impulsos dentro e fora da escola.

Compreende-se por currículo a porção simbólica da cultura selecionada pela escola, para fundamentar a transposição didática, em determinado tempo e espaço. A Base Nacional Curricular Comum – BNCC, conforme estabelece a Lei de Diretrizes da Educação Nacional – LDBEN, Lei nº 9394/1996, deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas situadas no território nacional. Embora a BNCC tenha seus limites e lacunas, os estados têm autonomia para elaboração do seu currículo e inserção das suas temáticas conforme ocorreu na construção do Currículo de Pernambuco (2019), garantindo-se as singularidades e perspectivas conceituais de cada localidade. O referido documento define como fio condutor dez competências gerais. Essas competências visam assegurar aos/as educandos/as uma formação humana integral. As competências socioemocionais não se constituem em conteúdo ou um componente curricular em si. Não há uma aula específica para trabalhá-las. Ao

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

contrário, elas devem ser tratadas de forma transdisciplinar, transversalizando todas as áreas do conhecimento ou componente curriculares.

Segundo Japiassu (2016, p. 3), o transdisciplinar, compreendido como uma abordagem cultural e social, não apenas como abordagem científica que pretende ser, “diz respeito ao que está entre as disciplinas, através delas e além de cada uma”. Cogita-se “compreender o mundo atual em sua complexidade e o ser humano em suas ambiguidades e contradições”.

Na perspectiva de Japiassu (2016), Aragão (2017, p. 153) arremata que

A interdisciplinaridade é a observação da realidade realizada pela transferência de conhecimento de uma disciplina para outra [...], a transdisciplinaridade é a observação da realidade realizada na interseção dos conhecimentos disciplinares, enfatizando a centralidade da vida e a compreensão de conhecimento como relação, buscando a unidade do conhecimento entre e além das disciplinas científicas.

Para tanto, os currículos dos sistemas de ensino devem ser construídos possibilitando essa visão de interconexão entre os seres, contemplando, sobretudo, o conhecimento historicamente e socialmente construído e as dimensões da vida humana. Nessa perspectiva, a Educação Básica deve ser orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos, direcionando à educação para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. Segundo Freire (1996, p. 97) “o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente lido, interpretado, escrito e reescrito”.

Nessa acepção, os valores são construídos pela cultura e resultam em interações complexas entre as pessoas e o mundo.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Compreendida enquanto formação ética capaz de construir relações sociais mais justas e solidárias, a educação em valores, diga-se, também, da educação para as emoções, propõe a ampliação de tempos e espaços de aprendizagem abertos às práticas democráticas, levando o/a estudante a analisar e a atuar criticamente diante da realidade.

Portanto, a função social da escola tem como uma das suas premissas fundamentais a preparação para o exercício da cidadania ativa, estendendo-se também ao desenvolvimento das condições humanas em suas várias dimensões: físicas, psíquicas, cognitivas, afetivas, emocionais, culturais entre outras, imprescindíveis para que todas as pessoas tenham uma vida digna e saudável. Nesse percurso, as competências socioemocionais se afirmam como imprescindível à formação humana.

A METODOLOGIA

Descrevemos aqui a metodologia e procedimentos usados nos encontros com os/as professores/as e demais profissionais de educação, no âmbito do Projeto Bem Querer. Retomamos, por considerarmos importantes, o conceito e concepção do Projeto Bem Querer. Assim como, também, será delimitado o método usado para a elaboração desse estudo.

O Projeto Bem Querer nasce a partir da constatação de que no espaço da escola os conflitos existentes apontavam para atitudes geradas por uma sociedade em desencontros, descontroles, desrespeitos e desconfortos. Vale salientar que o referido projeto antecede ao período de pandemia. Este foi planejado e elaborado no final de 2018. Entrou em ação ouvindo os diferentes atores envolvidos na educação, em maio de 2019. Naquele ano foram ouvidos, presencialmente, os profissionais de 36 escolas da rede estadual de ensino de Pernambuco.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

No sentido de promover a escuta ativa qualificada dos profissionais de educação, os encontros do Projeto Bem Querer são previamente agendados e nestes participam a gestão escolar, educadores/as de apoio, analistas de gestão educacional, professores/as, pessoal de biblioteca, merendeiros/as, auxiliares de serviços gerais e porteiros/as. Houve também a participação de técnicos pedagógicos das gerências regionais de educação.

O Projeto Bem Querer tem como objetivo desenvolver a convivência ética e cidadã nas escolas, buscando, sobretudo, o aprimoramento das relações de convivência no ambiente escolar para que se torne mais saudável e respeitosa, favorecendo, assim, a qualificação dos processos educativos.

Para isso, esse projeto objetiva, ainda, instituir um Núcleo de Convivência nas escolas constituído por estudantes que, mediante escuta ativa, irão mediar os conflitos entre pares, sob a coordenação de um/a professor/a, e acompanhamento da Gerência Regional de Educação-GRE e da Secretaria de Educação através da SEDE/GEIDH.

No que concerne à essa mesa de diálogo e produção desse estudo, foram pinçados recortes de falas de profissionais da educação, principalmente de professores/as que participaram dos encontros do Projeto Bem Querer promovidos, exclusivamente, em período de pandemia.

Enquanto fundamentação e análise, foram utilizadas publicações de Paulo Freire e sua teoria crítica de educação. Para isso, foram lidos *A educação como prática da liberdade* (2006), *Pedagogia da indignação-cartas pedagógicas e outros escritos* (2000); *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis* (2013), *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social* (2003); *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* (2016), dentre outros.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

Dessa forma, parafraseando Freire (2003, p. 203), afirmamos que “as pessoas começam a agarrar sua história com as próprias mãos e, com isso, o papel da educação muda”. Ainda nesta mesma obra encontramos que “há uma outra percepção que emerge no processo da luta, que é a percepção do direito que os trabalhadores e as trabalhadoras têm de expressar seu sofrimento”. Todavia, tratamos aqui essencialmente do trabalhador da educação e a expressão de suas dores em face de suas percepções de mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escuta ativa e qualificada precisa ser praticada de forma autêntica, empática, afetuosa e interessada, na sua forma genuína. Escutar com a mente e o coração são premissas necessárias para que a ferramenta reconheça as singularidades e atenda às necessidades de cada pessoa. A escuta desenvolvida no âmbito do Projeto Bem Querer mostrou que existe a necessidade premente dos/as profissionais de educação de serem escutados/as. Foi observado no desenvolvimento do projeto que, ao ser escutada, a pessoa passa a demonstrar o sentimento de pertencimento, pois sente-se acolhida e valorizada.

A escuta ativa e qualificada no recinto das escolas propicia a criação de laços afetivos e estabelece convivências mais respeitosas e empáticas, pois os pares percebem através da escuta de todos/as que existem muitos aspectos abordados em comum, embora se reconheçam as singularidades e especificidades de cada profissional de educação, mas veem por meio da escuta os fios da interdependência que interligam umas às outras.

Assim, a escuta ativa e qualificada, por meio das ferramentas metodológicas desenvolvidas pelo Projeto Bem Querer, desencadeou um movimento de empatia entre os

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

pares, a geração de confiança no grupo da escuta, o estabelecimento de uma comunicação fluida e responsável, estimulando o trabalho coletivo e colaborativo, bem como a ressignificação de comportamentos nas dimensões afetivas e solidárias. O Bem Querer condensa a abertura para estar com o outro e sentir com o outro, vincula-se alteridade na busca do ser mais.

Na perspectiva de aperfeiçoar a ação do Projeto Bem Querer faz-se necessário o compromisso de todos e todas envolvidos/as nesse processo. Há ainda um espaço de luta com a missão de consolidar projetos como esse, sua metodologia e ferramentas pedagógicas como ação permanente na política pública de valorização e acolhimento da ação docente não só em momento singular como o da pandemia, mas em todo trajeto docente independente de tempo e espaço.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, G. S. **Modelos de Ensino Religioso**. In: JUNQUEIRA, S.R.A.; BRANDENBURG, L.E.; KLEIN, R. Compendio de Ensino Religioso. RJ: Vozes, 2017, p. 147-156.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo. Editora UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25^o ed. Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P.; HORTON, M. **O caminho se faz caminhando**: conversas sobre educação e mudança social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 29^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, P. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minhas práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Erivalda dos Santos Torres (Orgs.)

FUNDAÇÃO AIRTON SENNA. Conheça as principais maneiras de ensinar habilidades socioemocionais para as crianças.

Disponível em: <http://www.marupiara.com.br/conheca-as-principais-manieras-de-ensinar>. Acesso em: 30 jul. 2021.

GOLEMAN, D. A inteligência emocional: a teoria revolucionaria que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

JAPIASSU, H. O sonho transdisciplinar. Revista Desafio – v. 3, n. 01, 2016.

BRITO, S. Enquanto Houver Sol. BMG, 2002. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Enquanto_Houver_Sol. Acesso em: 30 ago. 2021.

STRECK, R. S.; RENDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.). Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

O Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas é uma sociedade civil sem fins lucrativos, com finalidade educativa e cultural que se propõe a manter vivas as ideias de Paulo Freire, educador pernambucano, referência no Brasil e no mundo. Sua contribuição para a Educação foi oficialmente reconhecida pela Lei nº 12.612/2012 como Patrono da Educação no Brasil.

Os trabalhos contidos neste livro referem-se a diálogos realizados ao longo do XI Colóquio Internacional Paulo Freire.

Fundado em 29 de maio de 1998, o Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas teve seu estatuto oficializado em novembro desse mesmo ano. A UFPE solidária com os objetivos deste Centro, compreendendo o seu papel, para uma educação crítica, inclusiva, democrática, assim como, entendendo que a filosofia e pedagogia freireana é atual e profícua, apoia desde o início suas iniciativas. Perenizar as ideias de Paulo Freire é fundamental, para sua terra natal e para o mundo. Vale salientar ter sido esta Universidade berço em que Paulo Freire desenvolveu seu sistema educacional. A sede do Centro Paulo Freire está localizada no Centro de Educação no Campus da UFPE.



PAULO FREIRE **100 ANOS...**

**DA LEITURA DE MUNDO À
EMANCIPAÇÃO DOS POVOS!**

16 A 18 de setembro de 2021
RECIFE - CAMPUS DA UFPE



editora

CENTRO

PAULO FREIRE
ESTUDIOS E PESQUISAS

ISBN: 978-65-87824-10-9

